HISTÓRIA, POLÍTICA, ECONOMIA E EXÉRCITO DA EX-UNIÃO SOVIÉTICA (PRIMEIRA PUBLICAÇÃO 2021)

SUPERPOTÊNCIA RÚSSIA

COMPREENDER A POTÊNCIA MUNDIAL RUSSA

HERMANN RUPOLD

Superpotência Rússia – Compreender a potência mundial russa

História, política, economia e exército da ex-União Soviética (primeira publicação 2021)

©2023, Hermann Rupold

Editora: Expertengruppe Verlag

O conteúdo deste livro foi preparado com o maior cuidado. No entanto, nenhuma garantia pode ser dada quanto à correcção, integralidade e actualidade do conteúdo. O conteúdo do livro representa a experiência pessoal e a opinião do autor.

Todo o conteúdo aqui apresentado é, portanto, apenas para fins de informação neutra. Não constituem qualquer recomendação ou promoção dos métodos descritos ou mencionados. Este livro não faz qualquer pretensão de exaustividade, nem pode ser garantida a actualidade e exactidão das informações aqui apresentadas. O autor e os editores não aceitam qualquer responsabilidade por qualquer inconveniente ou dano resultante da utilização das informações aqui apresentadas.

Superpotência Rússia – Compreender a potência mundial russa

História, política, economia e exército da ex-União Soviética (primeira publicação 2021)

Editora: Expertengruppe Verlag

ÍNDICE

nota sobre os acontecimentos actuais desde 2021
Sobre o autor
Prefácio
A História da Rússia
- História inicial
- O Kievan Rus
  - Digressão: Oleg of Kiev
  - Excursus: O pagão Vladimir
- A Tempestade Mongol
  - Mongóis ou Tatares?
- A "Colecção Russa da Terra"
- O czardom russo
  - Excursus: Ivan, o Terrível
  - Excursus: A Família Stroganov
  - Excursus: O falso Dimitri
  - Excursus: Pedro, o Grande
  - Excursus: O "Beard Levy" russo
- O Império Russo
  - Excursus: O Assassinato de Alexandre II.
  - Excursus: O motim no transatlântico Potemkin
- A Rússia em tempos de revolução
  - Excursus: O Comboio Selado de Vladimir Ilyich Lenin
- A União Soviética
  - Excursus: Perestroika e Glasnost

- A Federação Russa
- A Rússia num relance
- O sistema político russo
- Política e partidos
  - Excursus: Vladimir Putin
- Estrutura federal
- A população da Rússia
- Religião na Rússia
- O sistema de saúde russo
- O sistema jurídico russo
- O sistema educativo na Rússia
- A política externa da Rússia
- A auto-imagem russa
  - Excursus: O ex-Chanceler e o Presidente
- Rússia e Estados Unidos
- A Rússia e a União Europeia
  - Excursus: As actividades cibernéticas dos "putin trolls"
  - Excursus: A relação germano-russa
- A Rússia e a República Popular da China
- A economia da Rússia
- A indústria energética da Rússia
- Mineração na Rússia
- Agricultura na Rússia
- O rublo russo
- Corrupção na Rússia
- A Agência Espacial Roscosmos
  - Excursus: A Cidade das Estrelas
- O poder militar da Rússia
- O Exército Russo

- As Forças Aéreas e Espaciais da Rússia
- As forças navais da Rússia
  - Excursus: O problema dos resíduos nucleares
- As tropas de mísseis e as tropas aerotransportadas
- Serviços secretos russos

Conclusão

Gostou do meu livro?

Recomendação de livro para You

Referências

Impressão

NOTA SOBRE OS ACONTECIMENTOS ACTUAIS DESDE 2021

É de notar que este livro é uma tradução de uma obra publicada em 2021. Como o nosso conhecimento e compreensão dos acontecimentos e factos mudou significativamente desde o conflito Rússia-Ucrânia, gostaríamos de salientar que algumas das ideias e informações apresentadas no livro podem já não estar actualizadas.

Uma vez que este livro não inclui actualizações ou adições a eventos e desenvolvimentos desde a sua publicação original em 2021, recomendamos que leia adicionalmente sobre os últimos desenvolvimentos nos respectivos tópicos. No entanto, esperamos que possa utilizar este livro como um recurso valioso para obter uma visão sobre os pensamentos e ideias do autor na altura.

Desejamos-lhe uma leitura enriquecedora e perspicaz.

SOBRE O AUTOR

Hermann Rupold vive em Hamburgo com a sua esposa Charlotte há 3 anos. Após numerosas paragens no estrangeiro, principalmente em África, Ásia e América do Sul, ele veio para descansar no Elba.

Desde que estudou ciência política há mais de 25 anos, tem lidado com temas políticos, sociais e históricos marginais que são frequentemente escondidos das massas mas que são amplamente aceites academicamente. Como professor, não só transmite estes conhecimentos aos seus alunos e estudantes, mas também se dirige à grande massa de pessoas na Alemanha no âmbito de várias publicações.

Nos seus livros, está particularmente interessado em temas cujos efeitos podem ser sentidos em muitas áreas da sociedade, mas que no entanto são em grande parte desconhecidos. Além disso, concentra-se em tópicos onde, para além da investigação científica geral, as suas próprias experiências também podem ser levadas a cabo. Cada uma das suas publicações baseia-se portanto não só nos fundamentos científicos indispensáveis, mas também em experiências e conhecimentos muito pessoais. Isto resulta não só em tratados puramente factuais, mas também em trabalhos práticos com amplos conhecimentos e dicas úteis que podem ser facilmente compreendidos e seguidos.

Hermann Rupold cria assim livros de fácil leitura que dão ao leitor, numa atmosfera relaxada e agradável, uma visão sobre áreas temáticas que a maioria das pessoas pouco sabe, mas das quais cada indivíduo pode beneficiar grandemente.

Desta forma, quer acima de tudo despertar a curiosidade de culturas estrangeiras, reduzir preconceitos e motivar o leitor a olhar para além do seu próprio nariz.

PREFÁCIO

Rússia, o que é isso na realidade? É certamente difícil encontrar uma resposta a esta pergunta. Mas uma coisa é certa: a Rússia é um país de extremos e contrastes. Metrópoles deslumbrantes como Moscovo e São Petersburgo explodiram literalmente no novo milénio e exalam um encanto sofisticado. Por outro lado, extensões áridas de terra com solos congelados, praticamente não mudaram durante 1000 anos. Enquanto que os famosos oligarcas do capital social aumentaram em milhares de milhões, os salários dos cidadãos comuns mal são suficientes para sobreviver. Enquanto altos funcionários do governo residem nas suas vilas de luxo, os hospitais russos ameaçam entrar em colapso. Enquanto o governo gasta quase 30 biliões de dólares americanos com os militares, a maioria dos recrutas nem sequer aparece para o projecto.

Sim, a Rússia não é certamente um país colorido. O "pensamento preto/branco" dificilmente poderia ser mais pronunciado. E apesar de todas as burlas e repressões na vida quotidiana, os russos adoram o seu país idolatrado. E também o seu presidente: Quando o mundo geme sob os caprichos de Vladimir Putin, a sua popularidade no país sobe a níveis recorde. Isto deve ser devido ao proverbial "alma russa", que é considerada incrivelmente volátil e imprevisível. O povo está feliz por perdoar o seu presidente por aparecer em público com um relógio de pulso que vale o dobro do seu (suposto) salário anual, desde que ele prove ser um homem forte face aos EUA e à Europa, que são vistos com extremo cepticismo. Muitas promessas governamentais são vazias, as pessoas preferem ajudar-se a si próprias. Se o Estado não quer ajudar, um suborno ajuda.

Muito tem sido feito na Rússia nos últimos anos, o que é sem dúvida verdade. Se estes esforços estão a ir na direcção certa é outra questão. Mas tudo o que acontece na Rússia segue um fio comum que vai desde Kievan Rus até à Federação Russa de Putin: A Rússia quer ser forte, quer estar na mistura, quer ser percebida - e como a superpotência que tão desesperadamente quer ser. Na nossa viagem através da Rússia de ontem e de hoje, abordaremos este ponto. O facto de este plano nunca ter realmente funcionado até agora tem sido sempre auto-infligido. Porque o país esteve

permanentemente no seu próprio caminho no caminho para o poder e ainda hoje é assim.

A Rússia é agora uma verdadeira superpotência? Certamente - mas com muitas arestas ásperas.

- Capítulo 1 -

A HISTÓRIA DA RÚSSIA

A história da Rússia é muito mutável, mas vem com algumas constantes. O que é impressionante é uma multiplicidade de sistemas de governo em mudança que ainda hoje estão profundamente enraizados nas mentes dos russos. Não só os tempos da União Soviética, que é considerada a base da Rússia de hoje, deixaram a sua marca. A Rússia de Kievan é considerada uma era dourada, a que ainda hoje se faz frequentemente referência. No entanto, basicamente, pode notar-se em cada época que o país tem um papel difícil numa comparação de Estados. É verdade que a Rússia sempre foi vista como europeia - mas nunca como igual em comparação com a Inglaterra, França ou Alemanha. Esta é uma circunstância com a qual a auto-imagem russa tem problemas, mesmo no presente. A Rússia também tem ficado frequentemente para trás em termos técnicos e económicos. O país nunca foi uma fonte de inovação, mas sim um imitador das práticas da Europa Central. No entanto, alcançou a sua própria forma de sucesso: a Rússia produz e produziu um grande número de teóricos, artistas e pensadores, que são muito homenageados em todo o mundo. O que é impressionante, contudo - para além de um grau relativamente elevado de civilização - é o envolvimento frequente e prejudicial em conflitos militares.

Nas páginas seguintes, iremos entrar em detalhes sobre a história russa e destacar a história inicial até à actual Federação Russa.

HISTÓRIA INICIAL

A área onde hoje se situa a Federação Russa foi colonizada por humanos muito cedo. O Homo erectus viveu lá há cerca de dois milhões de anos, originalmente migrando para o Cáucaso a partir da parte ocidental da Ásia. No que é hoje a República Federal do Daguestão, os arqueólogos encontraram as chamadas "pedras Oldovan", ferramentas simplesmente trabalhadas que eram utilizadas principalmente para o trabalho da madeira e que estavam espalhadas por toda a Europa, Ásia e África. Descobertas esqueléticas mostraram que os Neandertais também se encontravam disseminados na região. A descoberta do Ust'-Ishim homem da Sibéria central - o esqueleto de um Homo sapiens - provou que os sapiens modernos já habitavam a região há cerca de 45.000 anos.

Enquanto as primeiras civilizações avançadas floresceram em Roma e na Grécia na antiguidade, os primeiros contactos ocorreram com povos nómadas que dominavam as vastas estepes do sul da Rússia. O povo estepário dos Khazars estabeleceu um grande império entre a bacia do baixo Volga e o Mar Cáspio, que durou até ao século VIII. Na historiografia, os Khazars são considerados como um povo cosmopolita e tolerante, cuja coexistência foi regulada por um sistema jurídico relativamente moderno. Os Khazars estabeleceram importantes laços diplomáticos com o Império Bizantino, a maior potência de toda a região mediterrânica da época e o seu aliado mais importante. O povo estepe travou várias guerras, especialmente contra os califados árabes.

Os antecessores dos russos modernos foram os povos eslavos primitivos, uma sociedade tribal diversificada cuja pátria original se diz ter sido a Polésia. Esta região compreendia a parte oriental externa da Europa Central, incluindo a actual Ucrânia, mas também a Polónia oriental. Isto também resultou na semelhança do nome com o Estado da Polónia. Os primeiros povos eslavos estabeleceram-se basicamente em grandes partes da Europa actual. Os Estados sucessores actuais são, por exemplo, a Roménia, a República Checa e a Bielorrússia. Os achados arqueológicos provam que os primeiros eslavos também se estabeleceram na área mais profunda da actual Rússia, por exemplo ao longo dos rios Dnieper e Prypyat.

O KIEVAN RUS

Na história da Rússia, o século IX marca um ponto de viragem significativo. Igor de Novgorod começou a unir as tribos anteriormente soltas: Kievan Rus e o primeiro grande império russo surgiram. A Rússia teve a sua maior expansão no século XI. O império estendeu-se desde o Mar Negro, no sul, até ao Mar Branco, no norte. O Vístula marcou o ponto de fronteira ocidental, enquanto que a Rússia se estendeu até à Península Taman, a leste. Embora a extensão geográfica do império esteja bastante bem documentada, existe alguma controvérsia no que diz respeito aos habitantes de Rus. Enquanto os investigadores russos acreditam que os habitantes de Kievan Russo eram eslavos, a visão ocidental considera os Vikings, chamados Varangianos em fontes russas, como um grupo populacional significativo. Os Varangianos eram comerciantes da Escandinávia e não correspondiam à imagem global estereotipada dos Vikings, mas eram antes um subgrupo dos Norsemen. É certo que os Varangianos percorreram os rios Don e Dnepr com os seus navios a caminho do Império Bizantino. Nas margens, habitadas em particular pelos povos eslavos e fino-úgricos, os comerciantes do norte da Europa fundaram as primeiras povoações, tais como Staraja Ladoga no actual Oblast de Leninegrado. Os Varangianos, por outro lado, referiam-se a esta região na sua língua - Velho Nórdico - como Gardarike, que pode ser traduzida grosso modo como "reino dos castelos" ou "império" ou "terra de castelos".

A primeira opinião, de que os habitantes de Kievan Rus eram predominantemente eslavos, baseia-se provavelmente mais numa forma de mito fundador. Na sua auto-imagem, a Rússia de hoje - mas também a Ucrânia e a Bielorrússia - consideram Kievan Rus como o predecessor cultural dos estados actuais. Se os habitantes, que também eram chamados Rus, eram originalmente eslavos ou vikings, não podem ser conclusivamente esclarecidos até aos dias de hoje. Algumas tribos anteriormente hostis - e estes eram de facto na sua maioria povos eslavos - uniram forças para assegurar e estabilizar a paz na região. Pelo menos é o que é dito na famosa Nestor Chronicle, uma importante obra contemporânea. Para garantir isto a longo prazo, os príncipes tribais elegeram um governante neutro. Este foi Ryurik, que segundo a tradição veio do "outro lado do mar". Isto sugere que este Ryurik era um

Varangiano, e o nome também o sugere. Este Rjurik poderia ser o lendário Rorik, um príncipe viking da Jutlândia. Contudo, esta suposição não está de modo algum provada, mas sim especulativa. O impacto de Rjurik na história da Rússia é, no entanto, grande. A dinastia com o mesmo nome remonta a ele e durou até ao século XVI. Durante a sua vida, o novo príncipe governou em Novgorod. Os seus irmãos Trevor e Sineus tiveram a corte em Beloosero e Isborsk. Este novo império foi inicialmente chamado de estado Rurikid; o "Rus" como tal significava antes o território governado e era um termo geográfico que designava o estado em toda a sua extensão. Para o dizer de forma mais compreensível, Ryurik e os seus próprios irmãos pertenciam à tribo rusponímica, que constituía a maioria das elites do império. Além disso, todo o estado se chamava Rus, e era assim a "Terra de Rus". Este nome evoca, lógica e justificadamente, associações com a Rússia de hoje, pelo que não é surpreendente que os estados modernos se refiram a esse império.

Ryurik governava um pequeno império mundial: todos os territórios eslavos orientais tinham sido incorporados no império. A oeste, Kievan Rus fazia fronteira com os Estados Bálticos e a Polónia. Foi precisamente nas zonas fronteiriças que importantes cidades comerciais surgiram nessa altura. No sul, o domínio fazia fronteira com o chamado Campo Selvagem, que era habitado por cavaleiros nómadas e era considerado - o nome já o dá - incivilizado e extremamente perigoso. No leste, o império limítrofe com o dos Volgabulgares, no norte, o Rus era limitado pelo Mar Branco. Além disso, havia quatro enclaves meridionais fora do actual território nacional: Belaya Vesha, Tmutarakan, Berezan e Oleshye.

O facto de o território de Rus cobrir uma área tão grande deve-se a uma pessoa que alcançou alguma fama histórica: o Príncipe Oleg. Oleg foi um general ao serviço de Ryurik e conquistou grandes partes da região com os seus soldados, incluindo Kiev. Isto aconteceu em 882, e por razões estratégicas, Ryurik mudou o seu lugar para lá e Kiev tornou-se a capital e simultaneamente a componente do nome do império. Isto foi feito por razões tácticas e estratégicas: O Império Bizantino pôde ser alcançado em menos de dois dias através do Dnieper. Isto proporcionou um ponto de partida perfeito para relações comerciais estreitas. Foram também fundados colonatos ao longo do rio. Como resultado, Kievan Rus controlava toda a

rota comercial entre o Mar Báltico e o Mar Negro. Este foi praticamente o nascimento de Kievan Rus.

DIGRESSÃO: OLEG OF KIEV

Oleg of Kiev, ou "O Sábio", não era apenas um general sob Ryurik, mas também regente de Rus. Diz-se que ele se sentou no trono de Kievan Rus de 879 a 912, antes de dar lugar a Igor, o filho de Ryurik. O "suposto" não é inadequado neste caso: como acontece com muitas figuras que têm o seu lugar na história russa, Oleg pode ter sido uma figura puramente fictícia. Cerca de 1200 anos após a sua morte presumida, Oleg ainda gozava de uma certa popularidade. Na série de sucesso da Netflix "Vikings", Oleg é retratado pela actor russa Danila Valeryvich Kozlosky. Na série, atribui-se ao personagem de Oleg numerosos traços negativos, tais como uma brutalidade e arrogância extraordinárias. No entanto, não são conhecidos detalhes definitivos sobre a natureza do histórico ou lendário Oleg.

Cerca de 900, o poder do novo Império de Kievan dificilmente poderia ter sido maior. Primeiro o comandante e regente Oleg mudou-se com as suas forças para Constantinopla e negociou uma paz com os bizantinos que deu aos russos numerosas vantagens. O tratado de paz estipulou um grande número de privilégios comerciais, o que ajudou o império a florescer sob a liderança de Oleg. Outras conquistas foram alcançadas por um grande príncipe sob a liderança de Oleg, nomeadamente Svyatoslav. Ele esmagou o grande Império de Khazar e colocou grandes partes dos Balcãs sob o controlo de Kievan Rus.

No entanto, uma conquista de Bizâncio falhou. No entanto, isto resultou em numerosos e estreitos contactos e numa expansão do comércio. A Byzantium tornou-se o parceiro comercial mais importante de Kievan Rus. Além disso, os nobres bizantinos eram casados com os de Kievan Rus. Isto aplicou-se a toda a Europa. Casamentos com descendentes do Império de Kievan também tiveram lugar com nobres de França, Inglaterra e também do Sacro Império Romano.

De 912 a 945, Kievan Rus esteve sob a regência de Igor, filho de Ryurik. Ao contrário de Oleg, é certo que Igor realmente viveu. Ele não era,

portanto, apenas uma figura lendária. Com Oleg, isto é um pouco mais difícil. Os acontecimentos que tiveram lugar durante a regência de Oleg podem ser documentados. Se foi realmente Oleg o responsável pelas conquistas, por exemplo, é, em última análise, impossível de esclarecer. O reinado de Igor não foi tão deslumbrante como o tempo de Oleg. No entanto, ele foi bem sucedido em algumas campanhas respeitáveis. Acordou um tratado de paz com os bizantinos, mas este não durou muito tempo e conduziu a conflitos recorrentes. Igor subjugou os Drevljans, que se rebelaram contra os Rus. Esta paz também não durou muito e acabou por selar o destino de Igor. Enquanto preparava uma nova campanha contra a tribo eslava oriental, ele foi morto. O filho de Igor, Swatislav I, ainda não tinha idade suficiente para o trono, nesta altura. Assim, a regência caiu sobre a sua mãe Olga, uma figura popular na historiografia russa. Olga é venerada como santa na Igreja Ortodoxa Russa e foi baptizada em Constantinopla em 955. Isto foi bastante invulgar para a época. Numerosos nobres da Rússia protestaram contra a conversão voluntária de Olga.

Como acontece com tantas pessoas na história inicial da Rússia, encontramos algumas inconsistências na história de vida de Olga. De acordo com a historiografia contemporânea, ela deu à luz o seu filho Swatislav aos 52 anos de idade. Isto dificilmente é considerado credível. Assim, pode assumir-se que Olga era mais nova do que o estado crónico. Aqui diz-se que ela nasceu em 890 e casou com Igor em 903. Os investigadores consideram ambas as datas irrealistas ou pelo menos imprecisas. Assume-se que Olga tenha nascido por volta de 920.

Quando o seu marido Igor foi morto pelos Drevljans, ela procurou vingança sangrenta e deu rédea solta à sua fúria. Diz-se que os seus soldados assassinaram 5000 Drevljans. Ela foi particularmente desagradável para uma delegação diplomática dos Drevljans, que ela tinha queimado viva e gloriosamente nos quartos do seu balneário. No decurso de várias campanhas, teve a capital dos Drevljans queimada até ao chão. Este acto significou a destruição final do inimigo e o regresso de uma paz relativamente estável a Rus. Durante esta fase, Olga aproveitou a oportunidade para algumas reformas, por exemplo na lei fiscal, onde implementou o primeiro sistema de cobradores de impostos. O príncipe Swastislav - quando tinha idade suficiente - subiu ao trono em Kiev, o mais tardar em 964. O antigo regente esforçou-se por fazer avançar a

cristianização do país e convidou missionários. No entanto, isto desagradou ao seu filho Swastislav, que expulsou os missionários de Rus. Não se sabe se Swatislav alguma vez foi baptizado, mas era geralmente considerado como um defensor de uma visão politeísta do mundo. Ele expandiu a esfera de poder de Rus em numerosas campanhas. O governante invadiu a Bulgária com os seus soldados. Esta campanha foi bem sucedida: entre outras coisas, os rus conquistaram o Preslav, a capital dos búlgaros danubianos. Um movimento que perturbou maciçamente os bizantinos, pois a invasão criou um desequilíbrio geopolítico. Um ano mais tarde, os Pechenegs, um povo túrquico que possuía um poderoso império na vizinhança oriental de Rus, invadiram. O Imperador Bizantino João I viu aqui uma oportunidade que prometia sucesso. Assim, a grande potência enviou tropas para a Bulgária pela sua parte. Isto levou a uma derrota devastadora para as forças de Svastilav e obrigou-o a assinar um tratado de paz renovado com Bizâncio, que continha algumas concessões que tiveram um efeito negativo sobre Kievan Rus. Pois o tratado proibia todas as outras campanhas na região dos Balcãs e isolou Swatislav. Além disso, teve de ceder todas as conquistas de Kievan Rus na Bulgária. Finalmente, foram os Pechenegs que puseram fim ao seu reinado. Numa emboscada, Svatislav foi morto em 972. Nesta derrota, o Khan dos Pechenegs trouxe uma ignomínia histórica aos Rus: teve o crânio de Svatislav esmagado e um copo de bebida feito a partir dele.

A morte de Svatislav, derrotas militares e tratados de paz desvantajosos deixaram Kievan Rus em tumulto e perturbação. Os seus três filhos - Oleg, Vladimir e Yaropolk - vied pelo poder em Rus. Seguiram-se várias rixas sangrentas. Foi primeiro Jaropolk que tomou o poder e ascendeu ao trono após a morte do seu pai e aí governou até 980. A competição veio inicialmente do seu (meio-)irmão Oleg. As disputas surgiram já em 972, que foram resolvidas com sangue. Em 977, Jaropolk mandou atirar Oleg de uma ponte sem mais delongas.

O terceiro da aliança, Vladimir, fugiu pela primeira vez para a Noruega. De lá, voltou com um exército de guerreiros e conquistou Novgorod e Kiev. Ali, tiveram lugar negociações de paz entre Vladimir e Jaropolk, o que não terminou bem para este último. Por ordem de Vladimir, Jaropolk foi assassinado e o trono ficou livre para Vladimir. Os Vikings anteriormente contratados, no entanto, foram um fardo para a tesouraria russa. As tropas

queriam ser pagas e alimentadas, e Vladimir teve dificuldade em integrá-las no Estado. A fim de consolidar o seu poder, que na altura era bastante frágil, ele enviou tropas. Em numerosas campanhas ele consolidou a sua influência, especialmente nas zonas periféricas de Kievan Rus. Isto provocou uma expansão considerável da esfera de influência do império Rus e a partir daí estendeu-se desde o Dnieper até ao Duna e, no norte, até ao Lago Ladoga.

Na sua relação com o Império Bizantino, Vladimir provou ser um hábil diplomata. O então Imperador de Byzantium Basileios II teve problemas com os búlgaros, que eram também inimigos da Rússia de Kievan e do Império Romano Oriental. Os búlgaros exerceram pressão sobre Basileios, que por sua vez procuraram ajuda de Vladimir. O governante de Rus respondeu enviando uma grande força de soldados a Bizâncio para apoio. Isto não foi, contudo, um mero favor, mas uma simples contrapartida: Basileios prometeu a mão da sua irmã Anna. No entanto, havia uma condição por parte dos bizantinos. Para um casamento bem sucedido, Vladimir devia virar as costas ao paganismo e ser baptizado. E assim aconteceu. Um baptismo em massa teve lugar em Kiev e o governante de Rus também aceitou a fé cristã. Velhos ídolos foram derrubados e destruídos. Finalmente, Vladimir e Anna casaram em 998. O casamento foi basicamente - e tal como o baptismo - nada mais foi do que um enorme sucesso a nível diplomático. O laço entre Rus e Bizâncio nunca esteve tão estreito desde esta mudança.

EXCURSUS: O PAGÃO VLADIMIR

Antes de Vladimir ser baptizado, ele era considerado um libertino franco e um seguidor zeloso do paganismo, incluindo a adoração ardente de ídolos de todos os tipos e uma vida viciosa em geral. Às suas sete esposas principais juntou-se o orgulhoso número de cerca de 800 concubinas. Que estes números estão sem dúvida no reino da lenda é óbvio. A descrição vem de cronistas cristãos e deve ser vista como prova da necessidade do baptismo para se afastar destes pecados. O não-espiritual Vladimir não era, contudo. Ele certamente desejava atingir outro nível espiritual; era apenas a religião que ele não podia decidir. Assim, ele alegadamente tinha representantes de todas as fés conhecidas na altura, convocados

para a sua corte em Kiev para lhe serem explicadas as suas peculiaridades. Antes de ele considerar o cristianismo como sendo a verdadeira fé, as outras religiões foram repudiadas, especialmente o Islão. Como um verdadeiro Rus, ele não podia imaginar uma vida sem "libação", ou seja, álcool. E como é bem sabido, o álcool não é permitido no Islão.

Após a morte de Vladimir em 1015, Yaroslav, conhecido como "o Sábio", seguiu como um governante igualmente enérgico. Também ele era cristão e construiu monumentos opulentos à sua fé, com numerosos mosteiros e igrejas. Durante o seu reinado, numerosos castelos e fortalezas foram construídos, e a primeira biblioteca do império é-lhe também atribuída. Em 1019, segundo as suas instruções, a primeira colecção de leis foi escrita no Russkaya Pravda. Esta foi uma verdadeira inovação para a época. Apesar da sua inclinação para a educação e fé, o tempo de Yaroslav foi marcado por uma multiplicidade de conflitos bélicos e por campanhas apenas parcialmente bem sucedidas. Yaroslav morreu em 1054; o seu caixão ainda se encontra na Capela de Santa Sofia em Kiev.

Em geral, o período de Kievan Rus foi marcado por guerras. Enquanto no auge do império a ameaça para a região vinha dos próprios Rus, mais tarde o próprio império tornou-se alvo de ataques e ataques com crescente frequência. Uma ameaça particular irradiava do Campo Selvagem para o Leste. Não raro, as regiões fronteiriças eram atacadas por cavaleiros. Apesar da construção de novas fortificações, os soldados do império foram largamente ultrapassados pelos exércitos gigantescos. A ameaça era omnipresente. Houve também uma agitação doméstica generalizada em Kievan Rus. As regras de sucessão ao trono foram contestadas, pelo que o império foi abalado por conflitos internos. Nesta altura, o império Rus era mais ou menos comparável ao Sacro Império Romano. Numerosos principados constituintes individuais continuaram a existir e gozavam de uma autonomia relativamente grande. Através de disputas sucessórias, os príncipes afastaram-se ainda mais do poder central de Kiev. Esta crescente desintegração ameaçou a soberania nacional do império. As disputas sucessórias culminaram numa guerra, que levou a uma fuga da população para o nordeste. Esta situação foi intensificada pela ameaça permanente dos povos nómadas do Campo Selvagem. Os refugiados fundaram aí numerosas cidades na chamada "Salessje", a "terra por detrás da floresta" sob Yuri

Dolgoruki, que rapidamente ganhou influência. Dolgoruki é considerado o fundador de Moscovo em 1159, criando um poderoso contrapeso político a Kiev, o que acabou por conduzir a outro conflito armado. O filho de Yuri, Andrei Bogoljubski, mudou-se para Kiev em 1169 com uma força conjunta de vários príncipes aliados e capturou a cidade.

A TEMPESTADE MONGOL

O ano 1223 marcou um ponto de viragem particular na história de Kievan Rus. O império enfrentou um novo inimigo. Depois dos mongóis terem inicialmente vagueado pelo país pilhando, um exército confrontou-se com o exército invasor para a Batalha de Kalka. Devido a enormes erros tácticos e estratégicos, o exército russo sofreu uma amarga derrota, apesar da superioridade numérica. Os historiadores descrevem a batalha como um verdadeiro massacre, e numerosos príncipes russos foram também mortos.

Apesar da derrota, os Rus viram inicialmente a ameaça afastada. Após o seu triunfo, os Mongóis recuaram para o seu território. Apesar das muitas perdas - do lado dos Rus diz-se que foram mais de 10.000 homens - o confronto foi, no entanto, apenas uma pequena amostra da luta que se seguiria: A Tempestade Mongol, na qual os cavaleiros invasores inspiraram medo e terror em toda a Europa. Os invasores travaram batalhas na Polónia, Boémia e Silésia. Mas antes disso, os mongóis concentraram os seus esforços em Kievan Rus. E fizeram-no com sucesso. Os Mongóis levaram a cabo uma primeira incursão no norte de Kievan Rus. Isto aconteceu entre 1237 e 1239. A segunda rusga, entre 1240 e 1242, sob o domínio mongol Batu Khan, levou os invasores até Kiev. Após um cerco de uma semana, o ataque foi bem sucedido; Kiev foi arrasada até ao chão. Para Kievan Rus, a perda da cidade que formou a identidade significou o início do fim. Os Mongóis tinham devastado o outrora orgulhoso império, Kievan Rus já não existia.

Embora os ataques anteriores dos Mongóis não tivessem sido invasões estratégicas no verdadeiro sentido, mas sim saques organizados que terminavam sempre com a retirada dos cavaleiros e não numa ocupação, a situação era agora um pouco diferente. Após a destruição generalizada, desta vez o exército mongol permaneceu e governou sobre o que restava de Kievan Rus. A força dominante era a Horda Azul, um subgrupo significativo do exército de cavalaria da Horda Dourada, que se instalou ao longo do curso do Volga. O líder mongol Batu Khan governou ali e, após a sua morte em 1255, os seus descendentes. Batu estabeleceu ali a sua capital, chamada Sarai, representando o seu soberano, o Grande Khan, que continuou a governar as suas conquistas a partir da Mongólia.

Na historiografia russa, a ocupação mongol é descrita de forma muito negativa, geralmente referida como o "jugo dos mongóis" ou o "jugo dos tártaros".

MONGÓIS OU TATARES?

Quando os Mongóis se espalharam por Kievan Rus, houve obviamente algumas diferenças na historiografia. Alguns cronistas utilizaram a palavra "Tatars" como sinónimo com a palavra "Mongóis". A comparação já não é defensável hoje em dia. Quando as testemunhas contemporâneas falam de Tártaros, provavelmente significam sempre os cavaleiros da Horda de Ouro. Hoje em dia, especialmente na Rússia, este nome é utilizado pelos povos turcos na área da Eurásia entre a Bielorrússia e a China, à qual cerca de 8 milhões de pessoas são designadas como grupo étnico.

Actualmente, no entanto, esta época "escura", que durou até meados do século XIV, é vista de uma forma um pouco mais diferenciada. Assim, embora os Mongóis controlassem grandes áreas da antiga Kievan Rus, os principados individuais mantiveram a sua autonomia. Apesar da frase "jugo" sugerir tirania, os habitantes conseguiram prosseguir a sua ocupação original, tal como a agricultura, relativamente sem serem perturbados. Em alguns lugares, a presença do poder ocupante não era sequer visível. Também aqui era importante que a população pudesse continuar a seguir a sua religião, ou seja, o cristianismo.

Após a invasão, os Mongóis governaram uma estrutura estatal que não era homogénea em si mesma. Politicamente, as estruturas mudaram. Os príncipes russos também mantiveram rixas entre si, que culminaram repetidamente em verdadeiros conflitos militares. O facto de os principados continuarem a erguer os seus próprios exércitos foi bastante útil para os mongóis. Nas regiões mais setentrionais, soldados suecos e lituanos foram empurrados contra as fronteiras, que foram repelidos pelos soldados dos príncipes. Em situações difíceis, os Mongóis forneceram uma forma de "assistência administrativa" e enviaram tropas para apoiar os soldados dos príncipes. O inverso era também comum. Se os khan em Sarai pedissem soldados russos adicionais, tinham de obedecer. Se o príncipe em questão não o fizesse, uma rusga de retaliação seria a resposta para motivar novamente o governante local a uma obediência mais elevada. Um destino

semelhante ameaçava se os pagamentos de tributo aos Mongóis não se concretizassem. Nos tribunais principescos, os enviados mongóis - o chamado "presser" - monitorizaram o processo. Se houvesse uma ameaça de desobediência, os jornalistas enviavam um relatório a Sarai e a acção militar - por exemplo, uma expedição punitiva - era a consequência. Muitas vezes, porém, uma repreensão brusca por parte do Grande Khan e a ameaça de intervenção militar foram suficientes para levar os governantes locais a cumprirem.

Embora a ocupação fosse comparativamente solta, o Grande Khan utilizou vários meios para consolidar o seu poder na região. Um destes meios foi o estabelecimento do título de Grande Príncipe. O título foi dado ao príncipe russo que era o "mais forte" do ponto de vista dos mongóis. Em regra, este era o mais velho entre os príncipes. Isto criou uma certa forma de segurança para o khan. Por exemplo, o grande príncipe era responsável pelo controlo dos pagamentos de tributo de cada um dos principados russos. Para além disso, os mongóis aproveitavam assim o direito comum das sucessões: O título de grão-príncipe já não era legado aos parentes mais próximos, mas concedido de novo pelo grão-príncipe.

Basicamente, estes últimos métodos foram os únicos a garantir o poder dos mongóis. As inimizades dos príncipes russos entre si fizeram a sua parte para assegurar o poder dos ocupantes. As suas relações entre si eram marcadas pela desconfiança e intriga. Se houvesse uma razão, os nobres russos ficavam demasiado felizes em denunciar ao khan a má conduta dos príncipes inimigos. Esta denúncia jogou nas mãos dos mongóis: se houve algum comportamento inflamatório por parte de príncipes individuais, era apenas uma questão de tempo até que fosse denunciada ao khan. Esta dissensão dentro das suas próprias fileiras tornou-se assim uma rede de espionagem para o khan, que funcionou de forma excelente. No entanto, com o tempo, as concentrações de poder mudaram. Os principados da Galiza, Smolensk, Vladimir-Susal e a República de Novgorod desenvolveram-se constantemente em centros regionais de poder e expandiram a sua esfera de influência.

Mas a eterna luta entre si no início da Rússia e a presença dos ocupantes mongóis levou a uma fraqueza estrutural geral. Os impérios da vizinhança reconheceram isto e lançaram os seus próprios ataques ao território da

Rússia. Já em 1240, houve um grande confronto com tropas da Suécia na Batalha do Nawa, que foram repelidas por Alexander Nevsky, Príncipe de Novgorod. Em meados do século XIV, houve também outros conflitos com soldados suecos.

Outro inimigo estava a empurrar do oeste para Novgorod ao mesmo tempo: os Cavaleiros Alemães da Ordem empreenderam campanhas individuais de expansão em território russo: no início foram bem sucedidos e já se encontravam às portas de Novgorod. Contudo, na batalha no Lago Peipus, que se diz ter ocorrido no gelo do corpo de água, os Alemães sofreram uma severa derrota. O resultado foi um tratado de paz e os Cavaleiros da Ordem deram uma garantia de que se absterão de novas tentativas de expansão. Apesar deste sucesso, Alexander Nevsky viu-se numa forma de dilema. Com a Ordem Teutónica no Oeste e os Mongóis no Leste, o comandante do Novgorod, pelo menos parcialmente autónomo, teve de lidar com dois adversários fortes. Uma aliança com os cavaleiros alemães teria sido promissora do ponto de vista militar, a fim de se livrar do "jugo dos mongóis". Nevsky, contudo, tinha reservas a este respeito. Os Alemães eram católicos, a população russa pertencia ao cristianismo ortodoxo. Assim, o general de Novgorod temia que se abrisse o caminho para o catolicismo entrar na Rússia. Este teria sido um desenvolvimento que Nevsky queria evitar a todo o custo. Assim, ele fez um pacto com os seus verdadeiros principais opositores, os mongóis, e em vez disso formou uma aliança contra os alemães.

No final do século XIII, o Império Russo enfrentou uma nova ameaça. O Grão-Ducado da Lituânia estava a pressionar para uma expansão. Os lituanos tinham uma história longa e relativamente menos hostil com os príncipes russos. Nobres russos e lituanos entraram numa aliança matrimonial, e soldados lituanos lutaram lado a lado com os russos como tropas de apoio nas numerosas rixas dos príncipes. No entanto, sabe-se também que as tropas lituanas tinham uma reputação duvidosa como pilhadores e saqueadores.

Devido à fraqueza estrutural resultante das rixas internas russas e da invasão mongol, os lituanos utilizaram inicialmente a oportunidade para pequenas invasões selectivas em território russo e expandiram-nas para invasões significativas ao longo do tempo. O Grão-Duque Vytenis e o seu

sucessor Gedimas foram os principais responsáveis pela expansão da Lituânia. O principado lituano cresceu posteriormente consideravelmente: Brest, Minsk e Polatzsk foram conquistados e integrados no principado. Sob a liderança dos governantes lituanos Algirdas (1345 a 1377) e Vytatas, chamado "O Grande" (1392 a 1430), o Grão-Ducado atingiu a sua maior expansão geográfica. Kiev, Bransk e Bratslaw eram apenas algumas das grandes cidades russas controladas a partir de Vilnius - a capital da Lituânia. Nessa altura, a esfera de influência lituana estendeu-se até à costa do Mar Negro.

Independentemente destes conflitos, uma nova potência cresceu a norte destes territórios: o Grão-Ducado de Moscovo. Originalmente, Moscovo era uma cidade pequena e insignificante. No entanto, a sua localização tornou-a especial. O pequeno principado era rodeado por uma cintura de pântanos difíceis de passar e, portanto, excelentemente protegidos. O primeiro governante de Moscovo foi Daniil Alexandrovich, um filho de Alexander Nevsky. Ele só chegou à posição através do favor dos Mongóis, que lhe deram a cidade e os modestos territórios à sua volta como um feudo. Durante o seu reinado, continuou a ser um pedaço de terra insignificante; apenas sob o domínio do seu sucessor e filho Yuri I Daniilovich, Moscovo se ergueu para se tornar um notável centro de poder. O ponto de partida foi o ano 1303, quando Yuri e as suas tropas conquistaram o principado de Moshayk, a cerca de 110 quilómetros a oeste de Moscovo, e a sua importante fortaleza com o mesmo nome. Yuri controlava assim todo o curso do Moskva. Obviamente, esta viagem também deixou uma impressão duradoura no Khan dos Mongóis, que agora confirmou Yuri como o proprietário do principado de Pereslavl-Salesski. Mas o príncipe empreendedor tinha sede de mais. Yuri logo aspirou à posição de grande príncipe, o que implicou a supervisão do pagamento de tributo ao khan. Este título trouxe outras grandes vantagens. Um grão príncipe também controlava e representava os principados vizinhos. Yuri olhou principalmente para o principado de Tver no bairro de Moscovo, enquanto os Tverianos se ofenderam maciçamente com esta ideia. Com os dois principados, havia inicialmente dois rivais em pé de igualdade. Tver estava também favoravelmente situado e bem protegido. Devido à sua localização central, o principado estava muito convenientemente situado e, adicionalmente, rodeado de florestas. Tal como Moscovo, Tver era

fortemente fortificado e oferecia boas possibilidades de defesa. É possível que os senhores de Tver tenham sido perturbados pelo "boom" de Moscovo. Muito antes de Moscovo subir ao poder político e militar, Tver já era considerada um centro importante da região. Em 1247, Tver recebeu a dignidade de Grão-Duque, e este ainda era o caso em 1303, quando Yuri se expandiu para oeste.

Em 1314, um novo khan, uzbeque, descendente de Batu, tornou-se chefe dos mongóis. Yuri convenceu o Uzbeque a torná-lo Grande Príncipe. Isto marcou um marco na história: pela primeira vez, um moscovita recebeu o título de Grão Príncipe. Depois de o principado de Tver ter ganho mais uma vez o grande título em 1324, caiu novamente para Moscovo em 1328, ou mais precisamente para o seu príncipe Ivan Kalita. Desde então, o título de Grão Príncipe foi transmitido dinasticamente dentro de Moscovo. Desde então, nenhum príncipe que não tenha vindo de Moscovo detém o título.

A cooperação entre os Mongóis e Moscovo foi - em grande desvantagem para Twer - muito construtiva. Os moscovitas foram considerados como coleccionadores exemplares dos pagamentos de tributo devidos e também asseguraram uma forma de relativa calma graças à sua força militar. Os mongóis, por outro lado, protegiam Moscovo com as suas tropas. Posteriormente, surgiu uma forma de contra-movimento. Os príncipes de outros principados também insistiram num prémio dinástico do título de grande príncipe, e vários grandes príncipes surgiram de uma só vez. Como reacção à multidão de grandes príncipes, Ivan deu a si próprio o título de "Grande Príncipe de Todos os Rus" e assim tornou clara a sua posição superior e reivindicação.

Ivan aproveitou-se da situação e cobrou os seus impostos praticamente em toda a Rússia. Nem sequer deu parte aos mongóis, mas investiu-a em Moscovo. Isto resultou numa grande subida em Moscovo, especialmente na esfera económica. Numerosos ramos do comércio floresceram. Ivan utilizou os seus fundos para financiar grandes edifícios, incluindo a forma original do Kremlin, que era, no entanto, ainda um castelo em vez de uma cidadela nesta altura. Moscovo enviou colonos, a taiga foi-se abrindo gradualmente e assim a sua esfera de influência aumentou. Também nesta altura, o mundo da nobreza e dos governantes foi abalado por muitos conflitos internos, que, no entanto, não conduziram necessariamente a grandes confrontos militares.

Na historiografia, o período de meados do século XIV é considerado como uma época de relativamente grande estabilidade. Isto sustentou o poder de Moscovo, que cresceu lentamente para contrariar os mongóis no poder. A ascensão de Moscovo ficou a dever-se também à caça furtiva de outros príncipes. Se os nobres estavam ao serviço de Ivan, ele ganhou grande influência sobre as suas terras e exércitos.

A "COLECÇÃO RUSSA DA TERRA"

Apesar do aumento do poder, Moscovo teve de suportar alguns contratempos amargos. A peste enfureceu e ceifou muitas vidas. Também ocorreram fomes. As disputas sobre a sucessão conduziram a disputas amargas que culminaram em guerras civis em plena eclosão. Pois a família principesca foi largamente dizimada pela peste e não foram os filhos do grande príncipe, mas sim tios e sobrinhos que lutaram pela coroa. Após a epidemia ter baixado, foi Vasily II quem reformou a sucessão. A solução foi concebivelmente fácil. No futuro, a sucessão ao trono seria estabelecida durante a vida do actual governante, eliminando assim antecipadamente quaisquer lutas pelo poder. Os conflitos foram resolvidos e seguiu-se um período de prosperidade. O Império de Moscovo não tinha inimigos no seu interior, nem soldados estrangeiros empurrados para as suas fronteiras. Ao concentrarem-se nos assuntos internos, o comércio e o artesanato floresceram consideravelmente. De um modo geral, as condições eram tão favoráveis que os príncipes de Moscovo aspiravam a algo superior. O antigo "Kievan Rus" deveria ser reavivado como um império unificado. Este esforço chamava-se "O Encontro da Terra Russa". Nem todos os príncipes da Rússia concordaram com esta política e não se submeteram à ideia de Moscovo, nem voluntariamente nem sem luta. Pois os esforços de incorporação foram aplicados com vários instrumentos. Os príncipes que resistiram foram imobilizados, quer militarmente, quer com meios financeiros. Uma vez que um principado constituinte estava sob a influência de Moscovo, entrou em vigor uma multiplicidade de condições. Qualquer forma de crítica a Moscovo era considerada traição. Uma política externa independente era impedida. Mesmo o mais feroz concorrente de Moscovo, o principado de Tver, teve de se submeter à vontade de Moscovo quando o Grão-Duque Dmitri Donskoi se aproximou com tropas e cercou a cidade em cerca de 1370. Quando o Grão-Duque Tver Mikhail notou que faltava a ajuda militar do aliado Lituânia, reconheceu o domínio de Dmitri. Dmitri teve subsequentemente o seu estatuto de Grande Príncipe confirmado pelo Mongol Khan. Esta foi uma importante legitimação do poder de Moscovo, mas, ao mesmo tempo, descreveu um problema fundamental. Pois os mongóis ainda eram os governantes supremos na Rússia. Uma circunstância que perturbou cada vez mais os detentores do poder em Moscovo. Em suma, esta dependência deveria ser eliminada. A ascensão crescente de

Moscovo ao poder, por sua vez, perturbou os mongóis, que encaravam o aumento da influência de forma suspeita e, consequentemente, apoiavam os principados mais pequenos para criar um contrapeso. Como uma demonstração de poder, os soldados mongóis acabaram também por marchar pelo território de Moscovo. As consequências da marcha foram danos generalizados. Para o príncipe de Moscovo, este era um estado de coisas que parecia inaceitável. Assim, a ideia de resistir aos ocupantes mongóis amadureceu. Posteriormente, o Grão-Ducado tornou-se o núcleo da revolta contra os invasores.

As circunstâncias eram favoráveis: dentro do Império Mongol, as lutas constantes pela supremacia levaram à discórdia. Surgiu um período de instabilidade, que Dmitri utilizou habilmente para os seus próprios fins. O comandante russo infligiu pesadas derrotas ao exército mongol e o seu grande poder diminuiu. Foi a vitória de Dmitri na famosa batalha de Kulikovo que feriu os mongóis. Em 1380, tropas de diferentes partes do território russo lideradas por Dmitri derrotaram as forças do Emir Mamai - comandante e candidato ao trono do império mongol. O historiador russo Lev Gumilyov (1912 -1992) comentou a batalha da seguinte forma: "Os russos foram para a batalha de Kulikovo como cidadãos de vários principados e regressaram como uma nação russa unida". A vitória em Kulikovo lançou as bases para que a Rússia fosse um império unido durante muitos séculos. A batalha mudou a auto-imagem russa: "Graças à bravura e auto-sacrifício dos seus soldados, Moscovo levantou-se com sucesso contra a Horda de Ouro e os seus aliados", escreveu Gumilyov mais adiante. Ele acrescentou que a batalha tinha mudado o pensamento das pessoas. Começaram a ver-se a si próprios como uma só, como uma só Rússia.

Os próprios ocupantes responderam com grandes ofensivas e proezas de força, das quais o já enfraquecido Império Mongol não conseguiu recuperar o suficiente. Isto marcou um ponto de viragem na história medieval russa. Os mongóis não tinham desaparecido, claro, e houve repetidas campanhas em território russo, das quais a população rural, em particular, sofreu muito. Mas já não se pensava em conquistar Moscovo e o domínio de Dmitri já não podia ser travado. Os russos tinham-se libertado do "jugo" mongol.

Os governantes de Moscovo continuaram a aderir ao plano de unificar o país russo e dissolver o "sistema multiestados". Isto teve êxito: no início do

século XV, o país era na realidade constituído apenas por quatro grandes principados: Moscovo, Tver, Novgorod e Ryazan. O objectivo explícito de Moscovo era subjugar também estes restantes principados constituintes, o que, por sua vez, resultou em batalhas sangrentas. Ivan III, que atingiu o grande ducado em 1462, alcançou finalmente os êxitos decisivos. Em 1476 sitiou e conquistou Novgorod, seguido de Tver em 1484 e de Ryazan pouco depois.

A anexação de Tver não foi apenas de grande significado ideológico e político, mas também geográfico. O império de Moscovo fazia agora fronteira com a Lituânia, a oeste. A relação entre os dois impérios foi sempre tensa; a Lituânia cooperou com um grande número de inimigos de Moscovo, como Tver e também os mongóis. Estes últimos ficaram descontentes quando os pagamentos de tributo foram negados em 1476, o que representou uma tremenda provocação. O enfraquecido Khan enviou tropas, mas estas partiram sem lutar. Isto foi visto como um sinal de que o império mongol foi finalmente derrotado.

Os lituanos formaram então uma união com a Polónia, o que, no entanto, se revelou prejudicial para as ambições expansionistas do país. Através de casamentos entre os dois Estados, a Lituânia ficou cada vez mais enredada nos assuntos da Polónia, que agora se concentrava mais na Europa Central do que no Leste. Em contraste, os príncipes das regiões orientais da Lituânia sentiram que pertenciam cada vez mais ao Império de Moscovo. Isto baseava-se tanto em razões históricas como religiosas. Assim, vários príncipes lituanos mudaram para o lado de Moscovo e juntaram-se ao império. Mesmo as intervenções militares não trouxeram à Lituânia o sucesso desejado, mas, em alguns casos, derrotas devastadoras. O poder de Moscovo não foi quebrado. Em 1503, Vasily III, filho de Ivan III, prosseguiu uma política agressiva de expansão para o Ocidente, que culminou noutra guerra entre Moscovo e a Lituânia em 1514.

Moscovo gerou o seu monopólio de poder através de uma política externa bem sucedida e bastante violenta. Um enorme aparelho burocrático foi instalado para ordenar o império, enquanto que os direitos da nobreza e do clero foram restringidos. O Império de Moscovo ganhou agora também reconhecimento internacional. No entanto, isto não equivalia à igualdade com os Estados europeus. O título "Grão-Duque" deu ao governante de

Moscovo uma posição comparativamente inferior; afinal, na Europa, imperadores e reis governavam pela graça de Deus. Assim, Moscovo não quis encontrar a sua posição no mundo feudal supra-regional correcta e permaneceu excluída da comunidade de estados. No entanto, foi estabelecida uma nova abertura em relação ao Ocidente, que foi considerada progressiva. Especialistas ocidentais foram trazidos a Moscovo, por exemplo, economistas e arquitectos. Pouco a pouco, isto abriu a porta para uma troca entre as classes dirigentes da Europa e Moscovo. No entanto, faltava o reconhecimento internacional do título de Grão-Duque. No entanto, foi encontrada uma solução no título de Czar, que era originalmente um título eclesiástico. Este título foi utilizado pelo Imperador de Bizâncio como protector da Igreja Ortodoxa. No entanto, Constantino, o último imperador de Bizâncio, morreu quando os otomanos conquistaram Constantinopla - a capital do Império Bizantino - em 1453. Como a maior potência na área da distribuição do cristianismo ortodoxo, o título podia agora ser assumido e utilizado pelo Grande Príncipe de uma forma completamente regular. Foi Ivan III que tornou possível esta legitimação ao casar com a sobrinha do imperador bizantino. Assim, ele viu-se a si próprio como o legítimo sucessor do Império Bizantino e, portanto, protector da Igreja Ortodoxa. O primeiro governante a ser legitimamente coroado czar, contudo, foi Ivan IV em 1547. Mesmo nos seus primeiros anos, o Império de Moscovo cresceu consideravelmente. Cobriu 1500 quilómetros quadrados e cerca de seis a oito milhões de habitantes.

O CZARDOM RUSSO

Depois de Ivan IV se tornar czar, uma nova era começou na historiografia russa, que andou de mãos dadas com uma mudança de auto-imagem. Devido ao aumento geral do território do império, à unificação dos principados outrora em disputa e à libertação dos mongóis, a Rússia, pela primeira vez, considerou-se uma verdadeira grande potência. Mesmo o título de czar já não era considerado como inferior, mas sim como "especial". Afinal de contas, algo inteiramente novo tinha sido criado com o título. Isto devia ser entendido como um sinal claro para o mundo feudal dominante da Europa Central. O czar russo não queria enquadrar-se na estrutura internacional dos Estados como apenas mais um rei entre muitos - pelo contrário, a nova Rússia via-se a si própria como um concorrente dos sistemas existentes.

EXCURSUS: IVAN, O TERRÍVEL

Ivan IV, chamado "o Terrível", alcançou alguma fama duvidosa na historiografia. Basicamente, a tradução do epíteto do russo ("grosny") é defeituosa. Este adjectivo descreve Ivan na tradução literal mais como "temível". Ivan era provavelmente ambos. Desde a sua infância, dizia-se que ele era um sádico cólero e um sádico puro. Diz-se que Ivan IV mostrou particular criatividade ao inventar novos métodos de execução. Ele teve os seus inimigos fervidos em água quente ou espancados em pedaços enquanto ainda vivo. Particularmente cruel foi o destino de um príncipe que Ivan tinha cosido numa pele de urso e depois dilacerado por cães de caça. A reacção de Ivan a este espectáculo nojento foi de gargalhadas. Aqueles que se ofenderam com esta crueldade e o criticaram, encontraram frequentemente as suas próprias mortes. Em geral, Ivan estava convencido da justeza das suas acções. Como ele era infalível como czar pela graça de Deus, proibiu-se de qualquer repreensão.

Embora o czar fosse mais poderoso do que nunca, havia grande desconfiança da parte de Ivan em relação aos seus príncipes e, em geral, aos nobres que estavam abaixo do czar na hierarquia. Estes nobres chamavam-se "boyars". A razão para esta desconfiança deve ter sido as próprias

experiências de infância de Ivan, quando a Rússia foi abalada pela violência interna.

Como resultado da desconfiança permanente, Ivan reuniu à sua volta um círculo juramentado de conselheiros mais próximos. Era necessário um governo estável para implementar os planos de expansão do czar, e havia muito disso. A desconfiança em relação aos boyars cresceu quando Ivan ficou gravemente doente em 1553 e quis resolver a sua sucessão. Os planos encontraram uma rejeição generalizada por parte da aristocracia russa. Ivan sentiu traição e, subsequentemente, fez jus ao seu apelido. Ele instalou uma forma de regime de terror com o objectivo de suprimir os boyars. Para tal, o czar incitou deliberadamente o povo contra os nobres. Numerosos boiardos foram assassinados ou expulsos. Membros da nobreza de serviço instalaram-se nas suas quintas comparativamente esplêndidas e agora vazias, e o vácuo de poder resultante fez deles a classe mais influente do império czarista russo. Isto teve outras consequências: Os camponeses que não queriam submeter-se à economia imobiliária fugiram em grande número para a Polónia ou para o Campo Selvagem, um espaço largamente livre de controlo mas também igualmente livre de direitos.

Apesar da contenda interna, Ivan virou o seu olhar para o sudeste. Embora os Mongóis tivessem sido expulsos da Rússia, ainda possuíam grandes propriedades no Volga e na Crimeia. Era o objectivo declarado do czar esmagar finalmente estes "impérios tártaros". Medidos em tamanho, estes impérios eram poderosos, mas no entanto muito inferiores aos russos. Faltava-lhes frequentemente o saber-fazer técnico e os russos estavam um passo à frente através da utilização de mosquetes e canhões. Após várias tentativas, Ivan conseguiu capturar o império dos Tatares da Crimeia. Este foi o sinal de partida para uma política agressiva de expansão russa, inicialmente em direcção ao leste. O czar Ivan foi o primeiro governante russo a afastar-se do princípio de "recolha do solo russo" e a conduzir campanhas fora das fronteiras tradicionais da Rússia. Passo a passo, os restantes khanates dos mongóis foram eliminados e nada se interpôs no caminho da colonização do Leste. O caminho para a Sibéria era claro e esta oportunidade foi aproveitada. Quando a ameaça mongol foi eliminada, comerciantes, aventureiros e cossacos penetraram nas vastas e intocadas extensões da Sibéria. De grande importância foi a conhecida família de comerciantes Stroganov, que controlava o comércio de sal de Perm.

EXCURSUS: A FAMÍLIA STROGANOV

Os inícios da gloriosa família Stroganov podem ser traçados até ao século XV. Rapidamente se tornaram a família mais influente de todo o império czarista. O comércio do sal tornou-os ricos. E os Stroganovs souberam como usar isto: Ao erguer as suas próprias tropas para apoiar Ivan IV nos seus conflitos militares, o czar foi extremamente simpático para com eles. Tinham também fortalezas maciças construídas e cunhado a sua própria cunhagem. Hoje, a família é conhecida pelo prato com o seu nome, Boeuf Stroganoff, que consiste em lombinho de carne salteado, natas azedas e cebolas. É considerado um prato de alta cozinha e foi tornado popular na Alemanha por chefes de televisão.

Em 1582, os russos conquistaram o último khanatê dos mongóis e foram seguidos por colonos que fundaram cidades e deixaram uma marca cultural duradoura na Sibéria. Longe de Moscovo, prevaleceu uma certa liberdade, mas também a maior liberdade legal possível. Os camponeses organizaram o seu próprio trabalho (e impostos) e os mais altos líderes do exército, os voivodas, viveram em esplendor excessivo nas jovens cidades da Sibéria. O comportamento dos governantes de lá era geralmente conhecido das elites de Moscovo, mas muitas vezes ficava impune. Se um governante local o levasse ao extremo, acabaria por ser condenado à morte por enforcamento. Até isto acontecer, porém, o abuso de poder foi tolerado durante um período de tempo extremamente longo. O czar também governava vagamente sobre as classes mais baixas. Não havia qualquer tributo no verdadeiro sentido da palavra, apenas algumas peles tinham de ser entregues ao czar como um imposto. No entanto, demorou até ao século XVIII até a Sibéria ser completamente conquistada ou estabelecida. Mesmo antes disso, os habitantes da Sibéria estabeleceram estreitos contactos comerciais com os chineses, que tendiam a viver em reclusão.

Mas de volta a Ivan IV, o Terrível. Após ter conquistado Astrakhan no Mar Cáspio em 1556, o Czar voltou a sua atenção para os bairros do norte e oeste. O seu objectivo era consolidar a influência russa sobre o Mar Báltico. Isto provocou imediatamente um conflito com os poderosos ribeirinhos Polónia-Lituânia e Suécia. Ivan IV não teve dúvidas quanto a uma possível guerra contra estes Estados, o que se deveu provavelmente ao facto de ter

sobrestimado grosseiramente a força da Rússia. De qualquer modo, existiam tensões: alguns dos principados que tinham sido absorvidos pelo Império czarista tinham tido relações tensas com esses países durante anos, por exemplo, o antigo principado de Novgorod. A Ordem Teutónica no Ocidente também tinha uma história de conflito com Novgorod. Como Estado sucessor, o Império Czarista herdou assim também este problema. O resultado foi a Guerra Livoniana, também chamada Primeira Guerra do Norte, que durou de 1558 a 1583. No entanto, esta guerra foi apenas a primeira de uma longa série de grandes conflitos.

A razão pela qual Ivan procurou um acesso alargado ao mar foi o local relativamente isolado, o que até então tinha dificultado as relações comerciais do império. Apenas através do porto de Arkhangelsk era possível o comércio com os Estados da Europa, especialmente com o importante parceiro comercial Inglaterra. Depois de uma série de disputas políticas internas em Livónia, o nome da região báltica na Idade Média, Ivan viu a região como suficientemente enfraquecida. Para o Czar, era a altura certa para a guerra. Em primeiro lugar, o governante russo invadiu a Estónia com as suas tropas. Isto foi bastante bem sucedido, uma vez que Ivan conseguiu colocar áreas mais pequenas sob o seu controlo. Perante a ameaça, a Estónia submeteu-se voluntariamente à soberania da Polónia-Lituânia e da Suécia. Com dois novos e poderosos adversários, a posição de partida mudou rapidamente para pior. A dura guerra que se seguiu trouxe à Rússia apenas desvantagens. Várias cidades foram perdidas para o inimigo e Ivan IV foi não só politicamente mas também fisicamente fraco após a derrota. Completamente impotente, Ivan, o Terrível, morreu no seu leito doente em 1584, um ano após o fim da Guerra Livoniana, um general mal sucedido. Foi sucedido pelo seu filho Fyodor I, que foi considerado mentalmente retardado. Fyodor era incapaz de governar o fraco tsardom e por isso um rapaz assumiu os assuntos diários do governo no seu lugar. Em 1598, Fyodor morreu sem filhos. Agora, outro filho de Ivan deveria ter assumido o título de czar. Mas antes de Fyodor chegar ao poder, ele já tinha sido morto com raiva pelo seu próprio pai, e outro, Dimitri, desapareceu em circunstâncias inexplicáveis. Assim, Fyodor foi o último dos Rurikids e a linha foi extinta. O já mencionado Boyar, Boris Godunov, tinha ele próprio coroado czar como resultado. Esta tomada de poder não foi considerada legítima pela alta nobreza, o que levou à hostilidade interna. Godunov

também antagonizou os camponeses, uma vez que governou com mão dura e consolidou a servidão. Morreu em 1605 e o caos e a escassez reinaram no país, tendo várias fomes anteriores contribuído, bem como a linha dura de Godunov. Esta perturbação interna alimentou a curiosidade de potências estrangeiras, nomeadamente a Suécia e a Polónia. O anteriormente mencionado filho de Ivan IV, que deveria ter desaparecido e morrido em circunstâncias desconhecidas, também reapareceu. Pelo menos esta era uma pessoa que fingia ser Dimitri e subiu ao trono sem cerimónia. Este curto período é chamado a regência de "Pseudodimitri".

EXCURSUS: O FALSO DIMITRI

O alegado filho de Ivan, o Terrível, não se chamava Dimitri, mas Yuri Otrepyev e era filho de um insignificante nobre. Após a morte do seu pai e da sua mãe, Yuri/Dimitri levou uma vida itinerante como estudante monástico. Num encontro com um príncipe polaco-lituano, afirmou pela primeira vez ser o filho de Ivan IV. Quase ninguém acreditou nele no início, mas isso mudou. Influenciados pelo domínio de Godunov, nobres russos e líderes da igreja confirmaram que ele era o Dimitri desaparecido. Apoiado pelas tropas polacas e lituanas, Yuri mudou-se para Moscovo para afirmar a sua pretensão ao título de czar, ao qual tinha finalmente direito como o suposto filho de Ivan. E assim aconteceu. O seu reinado não foi mal sucedido e ele foi considerado independente e distintamente popular. O seu casamento em Cracóvia marcou um ponto de viragem. Ali estavam presentes soldados polacos e os convidados do casamento usavam roupas polacas. A ideia de traição espalhou-se entre a nobreza e o povo russo. O resultado foi uma revolta em 1606, na qual Yuri/Dimitri foi morto. O seu corpo foi queimado, as cinzas enfiadas num canhão e disparadas em direcção ao Ocidente - praticamente de volta à Polónia. Presumivelmente queriam disparar o Dimitri errado de volta para o local de onde ele tinha vindo. A propósito: Yuri era Pseudodimitri I. Havia outros dois impostores que afirmavam ser filho de Ivan: Pseudodimitri II e Pseudodimitri III.

Foi em 1606 que Vasily Shusky, um membro dos boyars, subiu ao trono. O seu reinado assistiu à conquista de Moscovo pelas tropas polacas, que

mantiveram a cidade até uma revolta popular. Apesar da libertação, houve uma ameaça constante dos suecos, que assediaram Moscovo a partir do noroeste. Novgorod foi ocupado pelos suecos. Para ter acesso à coroa da Rússia, a cidade deveria ser trocada em troca da dignidade do Czar. Para a nobreza russa, isto não era uma opção. Eles procuravam um czar que não fosse um tirano imprevisível, mas que também fosse fácil de controlar. Foi encontrado um candidato em Michael Romanov, um fidalgo de serviço. Na história da Rússia, este nome é significativo: com Michael começou a dinastia da famosa família Romanov, que manteve o título de czar até à Revolução de Outubro em 1917. Sob Michael, foi celebrado um tratado de paz abrangente com o arquicontratante Polónia-Lituânia, em grande desvantagem para Moscovo. Smolensk e Severia regressaram à Lituânia. Afinal, foi também acordado um armistício para o período de quase 15 anos. Para o Czar, isto foi extremamente importante. Com a ameaça permanente vinda do exterior agora banida, ele voltou agora a sua atenção para a estabilidade em casa. Com a agitação anterior, as propriedades ganharam poder relativo. O povo dilacerado pela guerra ansiava por uma personalidade forte à cabeça do império. Esta posição foi finalmente cumprida pelo czar, o que tornou possível um reforço renovado das antigas estruturas aristocráticas, que foram novamente apoiadas pela igreja.

Quando Alexei I, o segundo Romanov depois de Michael I, se tornou czar, o governante já concentrava um poder considerável na sua pessoa. Ao mesmo tempo, começou uma era que, por sua vez, foi marcada pelo descontentamento, pela agitação e pela guerra. Alexei I governou despoticamente e impôs impostos elevados sobre a população rural. Isto levou a insurreições esporádicas. Em 1654, o czar deu um passo inteligente, mas que teve consequências de grande alcance. Na Ucrânia, que estava sob controlo polaco-lituano, eclodiu uma revolta contra os ocupantes. A maioria dos habitantes eram ortodoxos russos e fugiram ao domínio polaco-lituano. Alexei agarrou então a oportunidade e o humor pró-russo. Mudou-se para lá com as suas tropas e colocou a área sob o seu domínio protector. Este acto levou à Guerra Russo-Polaca de 1654 a 1667, que descreve um curso completamente variável da guerra com muitas alianças diferentes e frágeis. Após alguns sucessos - a Rússia conseguiu recapturar Smolensk, por exemplo - a maré finalmente virou-se a favor do Czar quando a Suécia entrou na guerra do lado russo. Isto resultou na completa conquista da

Lituânia. Após este sucesso, a Rússia virou-se novamente contra a Suécia. Quando parte da Ucrânia, por outro lado, entrou numa aliança com a Polónia-Lituânia, a Rússia e a Suécia decidiram resolver as suas divergências e retomar a guerra contra a Polónia-Lituânia. Embora Kiev e Smolensk estivessem permanentemente asseguradas como resultado da guerra, a Lituânia perdeu-se para a Rússia. Mas a parte oriental do tsardom também cresceu: Alexei conquistou grandes partes da Sibéria oriental. O tsardom russo fazia agora fronteira com o Império Chinês.

Na Rússia interna, como tantas vezes na história russa, houve uma vez mais agitação. Após uma cisão na Igreja Ortodoxa Russa, uma onda de refugiados começou, muitas pessoas deixaram o país para os Estados Bálticos. Os camponeses sofredores também se levantaram contra a nobreza. Enquanto as revoltas eram abatidas com relativa rapidez, um novo inimigo, os turcos, foi empurrado contra as fronteiras no sul do império. A guerra turco-russa resultante de 1676 a 1681 terminou a favor dos russos graças ao apoio ucraniano, mas impediu o novo czar Fyodor III, filho de Alexei, de cumprir os seus deveres governamentais. Fyodor instigou algumas reformas que consolidaram o poder central do czar. Neste caso, os desfavorecidos eram novamente a população rural, mas também a igreja. A situação social no país piorou e os camponeses procuraram novamente mais justiça, o que resultou em revoltas renovadas. Fyodor ficou gravemente doente com escorbuto e morreu em 1682; a sua irmã Sofia assumiu o trono. Como czarina, porém, Sofia cortou uma figura pobre. Devido a algumas decisões questionáveis e severas derrotas militares, a reputação de Sófia entre a população diminuiu constantemente. Como resultado, o irmão mais novo e menor de Sofia, Peter, que se tornou cada vez mais politicamente activo, encontrou algum apoio entre a população. Isto não passou despercebido a Sofia, e a czarina procurou a vida do seu irmão. Uma tentativa de assassiná-lo falhou e seguiu-se uma dura luta pelo trono, que Peter acabou por vencer. A deposta Sofia foi posteriormente banida para um mosteiro.

EXCURSUS: PEDRO, O GRANDE

Pedro, chamado "O Grande", foi uma das figuras mais importantes da história da Rússia. Devia o seu apelido às suas extensas reformas a favor dos militares, diplomacia, arte e cultura e muitas outras

áreas. Os seus sucessos valeram-lhe o título de Imperador, que foi subsequentemente utilizado por todos os governantes da Rússia até 1917 - o ano da Revolução de Outubro. No entanto, Pedro não só alcançou grandes feitos, como é dito por cronistas que teve uma altura considerável de mais de dois metros. Alguns escritores chegaram mesmo a estimá-lo em 2,15 metros. Peter era considerado como um governante abnegado. Diz-se que este altruísmo lhe trouxe a morte. Diz-se que uma vez ele salvou marinheiros afogados de águas geladas. O salvador, que sofreu de retenção urinária crónica - a incapacidade de urinar - morreu alguns meses depois das consequências deste acto heróico devido ao seu estado vesical. Uma doença do fígado foi também um factor que contribuiu para isso. Pedro o Grande viveu até ter apenas 52 anos de idade.

A assunção do poder por Pedro I a partir de 1689 mudou fundamentalmente o Estado russo. O império ainda largamente medieval e tecnicamente subdesenvolvido virou-se cada vez mais para a Europa Ocidental. Parte disto foi uma pronunciada e quase um ano de viagem de Pedro I à Europa. Lá, o jovem czar adquiriu os conhecimentos relevantes para modernizar a Rússia. Nessa altura, no final do século XVII, isto era urgentemente necessário a fim de acompanhar o ritmo da comunidade internacional de Estados. Em comparação, a Rússia estava a ficar para trás. As guerras permanentes com turcos e suecos levaram a um impasse em termos de qualquer progresso. A gigantesca dimensão da Rússia também causou problemas. Coordenado centralmente por Moscovo, o império dificilmente podia ser defendido, se é que podia ser defendido.

As reformas de Peter destinavam-se a remediar este estado de coisas. Embora o czar tenha entrado para a história da Rússia como reformador, estas mudanças não tiveram lugar golpe a golpe, mas sim de forma hesitante e com contratempos. No entanto, ele conseguiu reformar toda a administração. Peter dividiu o país em onze novas províncias, cujos destinos eram controlados por um senado. Os senadores eram considerados os deputados do czar e eram responsáveis pela justiça, legislação e política interna. Estes senados, chamados colégios após uma nova reforma, são considerados como a forma inicial dos ministérios que conhecemos hoje. A face da capital de Moscovo também mudou e a metrópole abriu-se para o Ocidente. Em Maio de 1703, mandou construir a Fortaleza de Pedro e

Paulo, o núcleo histórico da actual São Petersburgo, na foz do Neva, no Golfo da Finlândia, no Mar Báltico. No mesmo ano, os primeiros comerciantes dos Países Baixos chegaram à jovem e próspera cidade. Devido às agora consolidadas relações comerciais com a Europa Central, Sampetersburgo floresceu e foi estabelecida uma bolsa de mercadorias. Devido à sua posição como porta de entrada para o Ocidente, Peter mandou expandir a cidade e acabou por ter a sede do governo transferida para lá. Para realçar ainda mais a sua abertura ao Ocidente, ordenou que todo o comércio externo russo passasse doravante por São Petersburgo. Isto foi muito em detrimento das estruturas em Arkhangelsk, outrora o mais importante centro comercial da Rússia.

Peter também iniciou uma série de reformas económicas, cujo principal objectivo era o de permitir uma indústria de armamento abrangente. O objectivo declarado de Peter era consolidar a nova posição de grande potência da Rússia com um poderoso exército. No entender de Peter, isto era também urgentemente necessário. Em comparação internacional, a Rússia ficou muito atrás dos exércitos da Europa Ocidental em termos de poder e organização militar. No caso de um conflito militar, os militares russos já tinham mostrado algumas desvantagens no passado. Isto foi claramente demonstrado por derrotas devastadoras às mãos dos suecos durante a Grande Guerra do Norte por supremacia na região do Báltico. Peter inspirou-se na modernização de conselheiros militares estrangeiros, como François le Fort ou Patrick Gordon.

Como parte do esforço de modernização, foi criada a Marinha russa. No entanto, rapidamente se tornou evidente que as estruturas industriais dificilmente poderiam satisfazer a procura de materiais. Como resultado, Peter permitiu que todos no império, quer nobres quer camponeses, criassem a sua própria fábrica. Isto, por sua vez, significava que existiam muitas fábricas, mas muito poucos trabalhadores. O Czar resolveu este problema exigindo que a população rural trabalhadora trabalhasse nas fábricas, para além dos seus empregos como camponeses. Além disso, os camponeses foram confrontados com um novo imposto, o chamado imposto de sondagem. Cada habitante do sexo masculino tinha de pagar este imposto. Originalmente, o imposto foi planeado como um alívio, mas na realidade os camponeses sofreram muito com a carga fiscal opressiva. Os diferendos também se desenvolveram com a igreja. Na reforma da igreja,

Pedro finalmente estipulou que a religião tinha de se subordinar ao Estado. No passado, o patriarca da Igreja Ortodoxa Russa tinha interferido demasiadas vezes em assuntos governamentais para o gosto do czar. O mesmo se aplicava à nobreza. Ambas as facções viam a reforma como um abandono das antigas tradições russas. Isto criou o terreno fértil para uma ampla oposição.

EXCURSUS: O "BEARD LEVY" RUSSO

Em geral, Peter não pensava muito nas tradições. Isto também se reflectiu numa nova compreensão da moda e da cultura. Durante a sua viagem ao Ocidente, o Czar observou que o uso da barba cheia era bastante atípico dentro de círculos nobres. A fim de alinhar os seus súbditos com a moda europeia, emitiu uma directiva segundo a qual todos os russos deveriam doravante rapar a barba. Para sustentar a sua vontade, criou uma forma de quantia fixa: qualquer pessoa que quisesse manter a barba tinha de pagar por ela. Evidentemente, ainda havia excepções. Os simples camponeses, que de qualquer forma não podiam pagar este tipo de "imposto sobre a barba", e os membros do clero estavam isentos. Mas Pedro criou, por assim dizer, uma excepção à excepção. Se os camponeses queriam ou precisavam de visitar uma cidade, tinham de se separar com a barba cheia ou pagar uma quantia apropriada para efectivamente comprarem a barba sem barba. Esta história anedótica não era tão trivial como pode parecer aos observadores de hoje. A reforma da barba causou um ressentimento considerável nos círculos dos russos tradicionais.

Levou algum tempo até que os primeiros sucessos fossem alcançados - especialmente nos esforços de modernização dos militares. Derrotas sensíveis contra os turcos e os suecos colocaram o Império czarista numa posição de partida fraca. O símbolo da fraqueza militar foi um choque na guerra contra o Império Otomano em Julho de 1711, quando o próprio Pedro I e quase 40.000 dos seus soldados caíram em cativeiro turco na Batalha da Prutela. Pedro só escapou a isto renunciando à cidade de Azov e à sua frota. No entanto, de um modo geral, as coisas começaram gradualmente a melhorar. Na guerra contra a Suécia, Pedro foi bem sucedido e conquistou Livónia e Estónia. Isto levou a um tratado de paz em

detrimento da Suécia e sublinhou a supremacia da Rússia sobre o Báltico. Isto, por sua vez, gerou prestígio entre as casas reais europeias. De agora em diante, a Rússia foi considerada como um parceiro firme e igual no sistema de alianças difuso e amplamente ramificado da Europa.

O IMPÉRIO RUSSO

Na opinião de Peter, a vitória sobre a Suécia também exigia uma nova definição da Rússia. O país era finalmente um grande império e uma grande potência no norte e leste da Europa. Pedro deu-se assim o título de imperador, também para enfatizar a sua igualdade com os outros monarcas da Europa. Este foi o nascimento do império russo. De forma vinculativa, o Estado russo foi rebaptizado em 1721: O "Czardom" tornou-se agora um "Império". A coroação como imperador deparou-se com uma mistura de indignação e incompreensão nas estruturas estabelecidas. Pela legitimação de que o soberano era um governante dado por Deus, não foi concedido a Peter Romanov. Consequentemente, foi difícil para o corpo diplomático russo, que representava o novo imperador no estrangeiro, encontrar uma audiência entre as outras casas reais.

Após a morte de Pedro em 1725, começou um período de mudança. Primeiro Peter foi sucedido pela sua esposa Catherine I, que mostrou pouco interesse em governar. Ela morreu após dois anos de governo e foi sucedida pelo neto de Pedro Pedro II, que fez de Moscovo a capital novamente e governou a partir daí. Também ele morreu de doença pouco tempo depois sem trazer um herdeiro ao trono para o mundo. Foi seguida por Anna Ivanova, uma tia de Pedro II, que criticou os planos de reforma de Pedro I e os travou em grande parte, por exemplo, em matéria de educação. No entanto, ela demonstrou habilidade a nível diplomático. Pois a sua posição recentemente conquistada como grande potência no norte e leste da Europa levou a conflitos com Estados com os quais a Rússia tinha anteriormente pouco potencial de crise. Exemplos disso são a Áustria e a Inglaterra, que foram incomodadas pelos planos de expansão da Rússia no Cáucaso e no Mar Cáspio. No entanto, através de tácticas habilidosas, os potenciais conflitos puderam ser despoletados. O mesmo se aplicava à relação com a China. Poderiam ser celebrados acordos comerciais frutuosos com o poder no Extremo Oriente. Sob Anna, a expansão para leste até Kamchatka na costa do Pacífico foi bem sucedida, e o Cazaquistão foi também derrotado e subjugado pela força militar.

Na política ocidental, a Rússia exerceu mais contenção. Foram feitas alianças ricas com a Prússia e a Áustria. Foram também mantidas boas relações com a Inglaterra. Os primeiros conflitos surgiram por causa da

sucessão ao trono polaco. Uma vez que a França, ao contrário da Prússia, Áustria e Rússia, favoreceu outro sucessor do trono polaco, as tensões internacionais aumentaram. O resultado foi a Guerra de Sucessão polaca de 1733 a 1738, que pela primeira vez envolveu a Rússia num conflito militar no centro da Europa. O Império Russo foi fundamental para a vitória do candidato saxão ao trono polaco. A guerra acabou por terminar em vitória para a chamada "Aliança da Águia Negra", composta pela Prússia, Áustria e Rússia. Após este sucesso, Anna voltou a sua atenção para o Império Otomano. O resultado foi uma renovada Guerra Turca, na qual a Rússia foi apoiada pela Áustria como aliada. Apesar desta superioridade teórica, a guerra tomou um rumo desfavorável. Na conclusão da paz em 1739, a Rússia teve de ceder muitas das suas conquistas de volta ao Império Otomano. A situação fora das fronteiras da Rússia também se desenvolveu de forma desfavorável. Os antigos aliados Áustria e Prússia entraram em conflito na Guerra Silesiana e a hostilidade desenvolveu-se. Para a Rússia, isto gerou incerteza, de modo que a aliança anteriormente forte se dissolveu.

Anna reinou até 1740. A sua regência não era particularmente popular entre os russos. O facto de Anna ter baseado o seu governo num grande número de conselheiros que eram estrangeiros e especialmente alemães, encontrou uma resistência muito forte. Em geral, o povo e a nobreza russa temiam uma ameaça sempre presente de possível traição por parte da presença de estrangeiros. Em geral, a ausência dos russos fez com que a corte de Anna fosse odiada pelo povo. Quando governaram brevemente mesmo após a morte de Anna, a raiva ferveu. Esta circunstância acabou por abrir o caminho para o trono a Elizabeth Petrovna, filha de Pedro, o Grande. Elisabete mandou depor o tribunal e tornou-se ela própria imperatriz. O desenvolvimento subsequente do império foi marcado pelo progresso. Embora a imperatriz quase nunca liderasse grandes e gloriosas campanhas, em vez disso era considerada como uma grande promotora de arte, arquitectura e cultura. Em São Petersburgo, mandou construir, entre outros, o Palácio de Inverno e o Palácio de Santa Catarina. Isto sublinhava o estatuto de Sampetersburgo como metrópole. Também esteve activa em Moscovo e mandou construir uma universidade. Sob o seu reinado, a pena de morte foi abolida - uma verdadeira novidade para aqueles tempos. Na política externa, aproximou-se inicialmente da França, mas continuou a

apoiar a Áustria durante as Guerras da Sucessão Austríaca. Posteriormente, a Prússia Oriental foi conquistada pela Rússia. Após a morte de Isabel em 1762, o sobrinho de Pedro o Grande, Pedro III, governou por um curto período de tempo. Durante o seu reinado, os territórios recentemente conquistados foram devolvidos à Prússia. Em todo o caso, Pedro III foi considerado "amigo dos alemães". Algumas reformas impopulares acabaram por conduzir à deposição de Pedro III, e foi sucedido por Catarina II, a Grande. Com o apoio da Guarda, Pedro III foi primeiro encarcerado e pouco depois assassinado.

Catherine era considerada uma tradicionalista e uma defensora da nobreza, em quem baseava o poder. Todas as reformas durante o seu reinado trouxeram benefícios para a nobreza. A economia da Rússia cresceu sob o jugo da imperatriz. A Rússia tornou-se um dos maiores produtores mundiais de ferro e aço. O comércio foi facilitado pela melhoria permanente da rede rodoviária. As cidades cresceram e com elas a prosperidade. Isto estabeleceu um padrão de vida comparativamente elevado entre a população. Em termos de política externa, procurou uma maior expansão. Como resultado, conquistou terras a sul, que foram integradas no Império Russo. Cidades importantes como Odessa e Sevastopol foram aí fundadas. Desempenhou um papel decisivo na divisão da Polónia-Lituânia até 1795, quando as grandes potências da Áustria, Prússia e Rússia dividiram o duplo Estado entre si. Isto foi associado a grandes ganhos de terra para o lado russo.

A nível interno, Catherine foi confrontada com a revolta de Pugachev nos Urais, de 1773 a 1775. Camponeses e cossacos rebelaram-se contra as autoridades e Catarina teve os tumultos, que pareciam uma pequena guerra civil, sangrentamente abatida. As áreas em questão foram devastadas pelo conflito e desertificadas. Para reconstruir, Catarina convidou colonos da Alemanha, os chamados Alemães do Volga. Esta experiência e as lições aprendidas com a Revolução Francesa, que também foi observada de perto na Rússia, levaram Catherine a abandonar as suas convicções liberais. A imperatriz morreu em 1796 e o seu filho Paulo I tornou-se regente. Foi considerado distante da sua mãe e desconfiado dos que o rodeavam. Assim, diz-se que ele odiou literalmente Catarina; um sentimento que foi correspondido por Catarina. Esta má relação teve consequências profundas para todo o país e especialmente para a sucessão. Paulo, que na altura tinha

42 anos, emitiu um decreto segundo o qual apenas os herdeiros masculinos do trono poderiam tornar-se imperadores. Este não tinha sido o caso antes: até Catarina, os governantes podiam escolher os seus sucessores à sua própria discrição, independentemente do seu sexo. Se o respectivo imperador não tivesse um filho, a partir de agora a coroa cairia para um irmão.

Sob a liderança de Paul, soldados russos participaram na Segunda Guerra de Coligação contra a França e o seu comandante Napoleão Bonaparte. O Imperador enviou tropas auxiliares para os seus aliados. Os soldados russos combateram subsequentemente na Itália, Holanda e sul da Alemanha. Ele também apoiou Constantinopla com tropas. As batalhas que se seguiram nem sempre foram bem sucedidas. Por exemplo, a tentativa de desembarque dos ingleses nos Países Baixos tornou-se um verdadeiro desastre. Para Paul, isto estabeleceu a incapacidade dos seus parceiros aliados, tendo terminado as suas alianças e concluído novos tratados com a Suécia, Dinamarca e Prússia, aos quais os ingleses responderam prontamente com um ataque a Copenhaga. No sector político interno, Paul surpreendeu com algumas decisões que eram prejudiciais para a nobreza. Isto também resultou no fim de Paulo: o Imperador foi vítima de uma tentativa de assassinato. Agora era tempo de Alexandre I, filho de Paulo, assumir a coroa imperial. Em 1805, Alexandre recordou as antigas alianças e juntou-se à Terceira Coligação contra a França, uma forte aliança dos Estados da Grã-Bretanha, Áustria, Suécia, Nápoles e agora Rússia. O objectivo inicial era opor-se ao impulso expansionista de Napoleão. Mas o exército russo foi derrotado.

Na Quarta Guerra de Coligação, Alexandre esteve ao lado da Prússia - tal como a aliança amigável entre os dois Estados exigia. No final da Quarta Guerra de Coligação, a Paz de Tilsit foi assinada em 1807. Isto levou não só ao fim dos combates, mas também a uma divisão da Europa em esferas de interesse russo e francês. Enquanto Napoleão devia governar a Alemanha, Portugal e Espanha, Alexandre teve a perspectiva de conquistar a Suécia, bem como a Turquia, que foi escolhida como o primeiro alvo de Alexandre. O resultado foi a Oitava Guerra Russo-Turca, que foi ganha pela Rússia. Em 1808, foi declarada guerra ao reino sueco. As tropas de Alexandre invadiram a Finlândia e tomaram o país à mão. Um tratado de paz foi concluído já em 1809, e a Suécia teve de aceitar extensas perdas territoriais.

Apesar do acordo e dos sucessos militares, Napoleão e Alexandre não eram parceiros ao nível dos olhos. O governante francês considerava os russos com um certo desprezo e considerava os militares russos fracos. Napoleão decidiu portanto que só ele, ou a França, deveria governar toda a Europa. Já em 1812, Napoleão invadiu a Rússia com a sua Grande Armee e uma força de trabalho de quase 480.000 soldados. Com uma força de 22.000 soldados, os defensores russos estavam teoricamente desesperadamente em desvantagem numérica. No entanto, as tropas russas conseguiram repelir os atacantes por meio de tácticas engenhosas. Foi evitada uma troca aberta de golpes, em vez disso, as tropas francesas foram desgastadas em guerras de pequena escala. No entanto, após ferozes combates, os franceses conseguiram conquistar Moscovo a 14 de Setembro de 1812. O estado das tropas, porém, era desolador. Os ocupantes franceses sofreram com o frio gelado e a fome.

Apenas um dia mais tarde, a 15 de Setembro, seguiu-se o grande incêndio de Moscovo, que reduziu a maior parte da cidade a escombros em menos de uma semana. Tendo em conta o mau estado de coisas - as tropas francesas mal estavam preparadas para lutar - Napoleão apresentou a Alexandre uma oferta de paz, que foi, no entanto, rejeitada por ser demasiado unilateral. Sem glórias, os restos dizimados da Grande Armee recuaram. Apenas alguns soldados sobreviveram à marcha para oeste. Pois os combates continuaram nas Guerras de Libertação, nas quais a Rússia lutou ao lado da Prússia. O Reino Unido, a Suécia e a Áustria acabaram por se juntar a esta coligação e Napoleão foi derrotado. Devido à sua contribuição decisiva, Alexandre foi saudado como o "salvador da Europa", em parte porque demonstrou clemência e poupou o povo francês. O Reino de França foi deixado nas suas antigas fronteiras, e os Aliados abstiveram-se de invadir. Isto foi estabelecido no Acordo de Paz de Paris, do qual Alexandre também tirou partido. A Polónia foi autorizada a manter a sua própria constituição como uma espécie de reino dependente ("Congresso Polónia"), mas foi integrada no Império Russo, que agora tinha uma extensão quase até ao Oder. A isto seguiu-se um pico na expansão da Rússia, a oeste da Europa Central para a América do Norte através do Estreito de Bering. O império cobria 20 milhões de quilómetros quadrados e cerca de 50 milhões de habitantes. Para além dos seus sucessos militares, Alexandre fez um nome como reformador. Ele concebeu ministérios, o Conselho de Estado e

regulamentou a extensão da servidão. Novas escolas e universidades surgiram por todo o país.

Quando Alexandre morreu em 1825 sem um descendente, teria sido a vez do seu irmão Constantino ascender ao trono. Contudo, renunciou à sua pretensão ao trono durante a vida de Alexandre, devido ao seu próprio casamento, o que não estava de acordo com o seu estatuto. Portanto, esta honra foi conferida a Nicholas, que, como terceiro irmão mais velho, chegou à dignidade imperial de forma completamente inesperada e sem grande estadismo. Devido à sua auto-imagem como "guardião da ordem", Nicholas I transformou o país cada vez mais numa ditadura após a sua coroação em 1826. Ele estabeleceu uma polícia secreta ("Ochrana") e baseou o seu poder na burocracia e nos militares. Foi incapaz de continuar a reputação positiva do seu irmão. Em relatos contemporâneos, foi caracterizado como o "polícia da Europa" que estava demasiado feliz por interferir em conflitos estrangeiros, ou pelo menos ameaçado de o fazer repetidamente. Além disso, confiava na opressão sistemática dos judeus russos e promovia o nacionalismo.

No decurso do século XIX, houve tensões renovadas entre a Rússia e a Turquia, que culminaram na nona Guerra Russo-Turca. O governante em França, Napoleão III, filho do irmão de Napoleão Bonaparte, quis restabelecer a França como uma grande potência europeia. Desta vez, Nicholas já não podia contar com os Estados anteriormente aliados. A Grã-Bretanha e a Áustria eram muito cépticos em relação ao imperador russo. Assim, ambos, bem como o Reino da Sardenha-Piedmont, entraram numa guerra renovada. Apesar de a Áustria não ter participado nos combates em si, o antigo aliado tinha agora avançado para se tornar o inimigo da Rússia. A Prússia, por outro lado, declarou-se neutra - pelo que Nicholas foi confrontado com duas potências militares, a Grã-Bretanha e a França. O objectivo era impedir que a Rússia se expandisse para o território do Império Otomano. Este conflito de 1853 a 1856 ficou para a história como a Guerra da Crimeia.

O atraso técnico da Rússia e a marinha ultrapassada tinham pouco a oferecer aos adversários, mesmo que os próprios atacantes sofressem elevadas perdas. A guerra foi travada em numerosos campos de batalha europeus e também no Mar Báltico; foi considerada a primeira guerra

"industrial", devido à tecnologia de armamento utilizada. Após a conquista do Sevastopol e a ameaça da Áustria de intervir com tropas, a Guerra da Crimeia terminou efectivamente, a Rússia foi derrotada. Nicholas I não viveu para ver o fim dos combates. Morreu de pneumonia em 1855. O seu filho Alexandre II tornou-se imperador e concluiu um tratado de paz com Napoleão III na Crimeia. A Rússia perdeu vastos territórios para o Império Otomano, como parte disso.

Apesar desta derrota, a Rússia queria manter a sua posição de poder. Seguiram-se outras expansões, mas estas foram direccionadas para Leste e começaram mesmo antes do início da Guerra da Crimeia. Nesta última grande expansão do império russo, o Cáucaso foi pacificado primeiro. Seguiu-se o Turquestão e nas estepes russas foi fundada uma multidão de postos fronteiriços e povoados cossacos, que cresceram para cidades como Omsk, com cerca de 1,1 milhões de habitantes. No que se seguiu, a Rússia empurrou para o Cazaquistão. Embora os cazaques tenham tentado deter os soldados do Czar, não tiveram sucesso. Em 1825, o exército russo alcançou Alma-Ata, a maior cidade do Cazaquistão. Inicialmente, a Rússia permaneceu dentro destas fronteiras. Isto deveu-se em grande parte ao considerável empenho das forças na Guerra da Crimeia. Só em meados da década de 1860 é que os planos de expansão foram prosseguidos. Inicialmente, isto deveu-se também à necessidade: a guerra civil nos EUA fez subir os preços do algodão no mercado mundial. Para garantir o abastecimento, as tropas russas acabaram por ocupar Chimkent e Aulije-Ata. Outros sucessos foram alcançados por Alexandre II na conquista de Khodzent, Bukhara e Samarkand. Posteriormente, Khiva e Kokand no Uzbequistão foram conquistados e incorporados no império.

Alexandre II governou até 1881. Enquanto estas expansões no Leste continuaram, o Imperador russo tinha a certeza de que o país necessitava urgentemente de reformas de longo alcance no seu país. A razão para esta percepção foi, mais uma vez, o atraso geral. A inferioridade militar da Rússia tornou-se aparente na Guerra da Crimeia. Um grande desafio era a resolução do chamado problema dos camponeses. Cerca de 80 por cento da população russa era constituída por camponeses serfantes. O problema: os camponeses serviam exclusivamente o seu nobre lorde imediato. Esta estrutura social extremamente rígida não permitia aos camponeses qualquer iniciativa no cultivo dos seus campos e, portanto, nenhuma retoma

económica para a Rússia como um todo. Para Alexandre II, era evidente que estas relações de serviço tinham de ser erradicadas a fim de desenvolver a Rússia de uma forma sustentável. Noutros países, a industrialização há muito que se tinha enraizado, enquanto na Rússia as condições e estruturas medievais prevaleceram em certa medida. Por esta razão, o imperador não estava preparado para entrar num diálogo sobre a servidão dos camponeses e aboliu-o ele próprio num manifesto. Isto aconteceu a 2 de Março de 1861, após o que foi aprovada uma lei que concedia aos camponeses o seu próprio pedaço de terra. Contudo, esta ideia, que era moderna em si mesma, foi seguida de consequências que aparentemente não foram consideradas de antemão. O Estado pagou uma compensação aos antigos nobres proprietários de terras que perderam as suas terras durante a reforma. Esta soma era enorme e tinha de ser paga aos nobres dentro de quase 50 anos - pelos camponeses. Contudo, a terra atribuída, que agora pertencia aos próprios camponeses, era demasiado pequena para produzir quaisquer lucros significativos. Os camponeses sofreram muito sob esta pressão da dívida, o resultado foi uma fome severa e uma pobreza permanente. De acordo com a ideia original, a "libertação dos camponeses" deveria libertar dinheiro suficiente para iniciar a industrialização. No entanto, este efeito não se concretizou e o próprio Estado interveio. Os empresários - anteriormente proprietários de terras muitas vezes nobres - eram apoiados financeiramente e foram fundadas empresas estatais. Alexander viu isto como um passo necessário, pois havia relativamente pouco entusiasmo em assumir o empreendedorismo industrial nas camadas superiores da sociedade. Alexander também iniciou reformas de longo alcance do poder judicial, que foram orientadas para a jurisprudência ocidental. Através da reforma administrativa, foi dada às províncias e distritos a oportunidade de uma maior auto-administração. A reestruturação fundamental do exército foi também decisiva. No Dia de Ano Novo de 1874, o alistamento foi introduzido sob o comando de Alexandre e o antigo exército profissional foi transformado numa forma de exército de massas. Em troca, o tempo de serviço foi reduzido.

Além disso, foi fundado um primeiro banco estatal russo e os direitos de importação foram aumentados para manter o mercado interno livre de produtos estrangeiros. Através do banco estatal, foi possível importar moeda estrangeira, a partir da qual foi construída uma vasta rede ferroviária

de quase 22.000 quilómetros. Era necessário muito aço e ferro para este empreendimento e, como resultado, a indústria pesada e a engenharia cresceram rapidamente. Na década de 1880, uma grande parte dos caminhos-de-ferro foi nacionalizada. Isto promoveu o estabelecimento de um mercado doméstico. No virar do século, a indústria representava pouco mais de 20% do rendimento nacional total. Este boom teve um grande impacto sobre o modo de vida de muitos russos. Grandes aldeias de trabalhadores surgiram em torno dos centros da indústria pesada, como Moscovo e São Petersburgo. A multiplicidade de reformas que tiveram lugar num período de tempo relativamente curto fomentou uma ampla oposição. Para alguns, foi provavelmente demasiado rápido. Formaram-se vários agrupamentos, de orientação diferente, mas sempre apelando a derrotas revolucionárias e radicais. As doutrinas do anarquismo e do socialismo floresceram.

EXCURSUS: O ASSASSINATO DE ALEXANDRE II.

Era 3 de Março de 1881 quando o czar Alexandre deixou o Palácio Mikhailokovsky em São Petersburgo, numa carruagem escoltada. Após apenas alguns metros, o estudante e socialista convicto Nikolai Ryssakov atirou uma lata de metal em direcção à carruagem do czar. O contentor cheio de dinamite detonou, mas Alexandre sobreviveu sem um arranhão. Ryssakov, que foi rapidamente dominado pelos protectores de Alexandre após o ataque, advertiu em voz alta: "Não se regozije demasiado cedo". Apesar de Alexandre não ter sido ferido, a granada matou um transeunte, feriu várias pessoas e danificou gravemente a carruagem do Czar. Quando Alexandre saiu, o estudante Ignati Grinevitsky atirou outro dispositivo explosivo, desta vez mesmo aos pés do governante. Alexandre não sobreviveu a este segundo acto de terror e morreu dos seus ferimentos no mesmo dia. Grinevitsky também morreu no ataque. O filho do czar, Alexandre III, mandou construir no local a Igreja da Ressurreição para comemorar o dia.

A tentativa de assassinato do seu pai não deixou Alexandre III, que posteriormente ascendeu ao trono, sem ser pressionado. Ele estava firmemente convencido de que o país só poderia ser governado com mão dura e que só desta forma se poderiam suprimir os pensamentos

revolucionários. Governou como um autocrata, estabeleceu um estado policial e baseou o seu governo nos militares e no Ochrana, a polícia secreta russa. As funções policiais foram agora também assumidas por soldados. A sua presença omnipresente enfraqueceu inicialmente as ideias revolucionárias florescentes.

Lentamente, a ideia básica do Pan-Slavismo manifestou-se na esfera pública, lutando por uma unificação de todos os povos eslavos sob o domínio da Rússia. O objectivo era uma unidade cultural, política e religiosa de todos os eslavos. A origem desta ideia pode ser traçada desde o século XVII e mais tarde manifestou-se no leitmotiv da União Soviética. Só depois da desintegração da União Soviética e do Pacto de Varsóvia é que a ideia do Pan-Slavismo foi considerada como tendo finalmente falhado.

No tempo de Alexandre III, a ideia era discutida publicamente e em larga escala, o que se devia ao amadurecimento crescente das ideias nacionalistas entre a população. A oportunidade abriu-se pela primeira vez com a soberania da Bulgária, que anteriormente fazia parte do Império Otomano. Uma anexação do país teria resultado no acesso da Rússia ao Adriático. No entanto, após alguns gestos ameaçadores por parte da comunidade internacional, a anexação da Bulgária não foi prosseguida.

A construção, durante dez anos, da Linha Ferroviária Trans-Siberiana, que ligava as cidades de Chelyabinsk e Vladivostok, teve lugar durante o reinado de Alexandre. A expansão da rede ferroviária levou a um conflito internacional que resultou na Guerra Russo-Japonesa. Ao construir a Linha Ferroviária Trans-Manchuriana, um ramal da Linha Ferroviária Trans-Siberiana, a Rússia aumentou a sua influência na China. O Japão prosseguiu o mesmo objectivo e a 13 de Abril de 1904, sem uma declaração de guerra antecipada, atacou a base russa Port-Artur (Port Arthur) no Mar Amarelo, afundando uma parte considerável da frota aí ancorada. Seguiram-se várias batalhas navais, nas quais a Rússia sofreu pesadas derrotas. Além disso, o hinterland de Port-Artur foi ocupado por tropas japonesas. O Japão era aliado da Grã-Bretanha e a comunidade internacional estava interessada na paz na região. Sob o então Presidente dos EUA, Theodore Roosevelt, foi elaborado um tratado de paz desfavorável à Rússia, em New Hampshire, a 23 de Agosto. Isto não foi a única coisa que fez da Guerra Russo-Japonesa

um acontecimento significativo. Pela primeira vez, uma potência militar considerada ocidental foi derrotada por uma nação asiática.

Apesar de todas as reformas - também no exército - a inferioridade técnica das tropas russas (e especialmente da frota) tornou-se novamente visível a nível internacional. A classificação como um "Estado Ocidental" teve as suas armadilhas. Grandes partes da sociedade russa foram consideradas orientadas para o Ocidente, mas houve um contra-movimento maciço que condenou esta mesma orientação. A Rússia estava dividida internamente e Alexandre III usou toda a sua força contra círculos anarquistas e comunistas, mas também contra movimentos democráticos. Os intelectuais em geral foram também o alvo das suas medidas repressivas. Esta insatisfação fundamental com o governo autocrático de Alexandre foi claramente intensificada pela fome e mais tarde pela desastrosa derrota na guerra contra o Japão. Como resultado destes acontecimentos, o Partido Social Democrata Russo foi fundado em 1898, cujos líderes se tornaram os bolcheviques sob o regime de Lenine, a partir de 1903. O Partido Social-Democrata foi o antecessor do Partido Comunista Russo. Uma mudança de pessoal no trono não aliviou a situação como se esperava: Nicholas II, filho de Alexandre III, governou a partir de 1904 e manteve o rumo do seu pai. O estado de espírito prevalecente irrompeu em manifestações e raiva. Em Janeiro de 1905, houve uma greve geral em várias fábricas de São Petersburgo e uma marcha de 10.000 trabalhadores no Palácio de Inverno. Os manifestantes deviam ser detidos por soldados que abriram fogo. Estes acontecimentos são conhecidos como Domingo Sangrento de São Petersburgo e foram a centelha inicial da primeira Revolução Russa, que afectou todos os níveis da sociedade russa. Greves em grande escala de trabalhadores tiveram lugar nas cidades, os camponeses recusaram-se a cultivar a terra e os estudantes protestaram publicamente. O movimento liberal e democrático do país exigiu um parlamento. Houve um motim no navio de guerra Potemkin.

EXCURSUS: O MOTIM NO TRANSATLÂNTICO POTEMKIN

Após a Revolução Russa, em 1905, bastava um pedaço de carne no dia 14 de Junho do mesmo ano para que os marinheiros do navio de cruzeiro Potemkin se amotinassem. Os marinheiros famintos iriam

ser apanhados com um pedaço de carne de minhoca. A comida maggoty foi, no entanto, classificada como comestível pelo médico do navio. Para os marinheiros já enfurecidos, esta foi a palha proverbial que partiu o dorso do camelo. A raiva da tripulação foi dirigida contra os oficiais, sete dos quais foram mortos. Os marinheiros tomaram conta do navio e dirigiram-se para Odessa. Quando lá desembarcaram, os soldados abriram fogo e seguiu-se um massacre. O motim tornou-se mundialmente conhecido através do "Battleship Potemkin", um clássico do cinema mudo de 1925.

Em meados de Outubro de 1905, a primeira reunião chamada soviética, que na altura ainda se assemelhava a um conselho de soldados e a um conselho de trabalhadores. Os bolcheviques, uma ala radical dentro do Partido Social-Democrata, procuraram uma reestruturação da Rússia que incluísse o derrube do imperador. A Rússia deveria tornar-se comunista, ou inicialmente socialista. O líder dos bolcheviques, Vladimir Ilyich Lenine, regressou à Rússia do exílio em Outubro. A razão do seu regresso foi a (falsa) suposição de que os revolucionários já tinham deposto o imperador. Lênin interpretou as greves, protestos e recusa de obedecer como sinais de uma revolução bem sucedida. Na realidade, o regime do imperador estava a perder cada vez mais controlo. A censura da imprensa já não podia ser plenamente aplicada, e o mesmo se aplicava à supressão da proibição das assembleias. A política tornou-se pública e já não era ditada apenas pelas classes dirigentes. Esta foi a razão pela qual Nicholas II cedeu: permitiu que a Duma, o parlamento russo, fosse fundada - embora não tenha participado nela, limitou-se a tolerar a assembleia e dissolveu-a várias vezes. Como não foi possível expulsar o imperador, a revolução de 1905 foi considerada um fracasso. Lenine regressou ao exílio em 1907. No entanto, Nicolau II e os seus seguidores ficaram muito alarmados com o potencial revolucionário dentro da população. Isto trouxe o foco de volta à necessidade de reforma.

Enquanto as dificuldades da Rússia se manifestavam em violência e protesto, novas crises de política externa estavam a surgir. A Rússia afastou-se da Prússia já em 1892 e procurou a proximidade da França, com a qual foi formada uma aliança correspondente. Em 1907, a Rússia formou outra aliança com a Grã-Bretanha. Após a Guerra Russo-Japonesa, faltavam à Rússia os meios para retomar o actual plano de reorientação para os Balcãs. Sem poder, o Czar teve de assistir ao anexo Áustria-Hungria

Bósnia-Herzegovina em 1908. A anexação foi coberta pelo Kaiser alemão Wilhelm II. Em geral, as tensões nos Balcãs aumentaram. Isto foi alimentado pelo facto de a antiga potência no Mediterrâneo, o Império Otomano, estar a separar-se. Como resultado, formaram-se dois blocos dentro da Europa com a Rússia, França, Grã-Bretanha de um lado e Alemanha e Áustria-Hungria do outro. Todas as partes reagiram a esta situação cada vez mais explosiva com o aumento do armamento. O medo de uma grande guerra europeia a uma escala sem precedentes tornou-se uma certeza terrível com o início da Primeira Guerra Mundial em Agosto de 1914.

Após a turbulência interna da primeira revolução russa, a Primeira Guerra Mundial chegou na altura mais inoportuna. A Rússia entrou na guerra contra o Império Alemão, Áustria-Hungria e o Império Otomano, as Potências Centrais, ao lado dos seus aliados Grã-Bretanha, França e Sérvia. No início da guerra, a Rússia ainda foi capaz de alcançar alguns sucessos. Por exemplo, um avanço austro-húngaro na Galiza falhou graças à defesa das tropas russas e terminou em desastre para os atacantes. As perdas do lado da Dupla Monarquia foram elevadas e faltava moral e equipamento às tropas. No entanto, os sucessos iniciais do lado russo foram enganadores quanto ao estado desolado do exército. Mais uma vez, o equipamento russo provou estar demasiado ultrapassado e atrasado para esta primeira guerra verdadeiramente moderna. Contudo, já havia soldados suficientes disponíveis: Havia 1,3 milhões de homens prontos para a acção no exército russo. Em teoria, pelo menos, um total de 24 milhões de homens que foram considerados aptos para o serviço militar puderam ser recrutados. No entanto, o recrutamento estagnou por várias razões. O fornecimento de armas e munições era muito deficiente. Foram necessárias 200.000 espingardas por mês - apenas 70.000 foram entregues de cada vez. A indústria de armamento russa não tinha a capacidade necessária para produzir os números necessários. O moral também estava desolado: um grande número de soldados comuns - na sua maioria pequenos burgueses - desertou. Não havia guerra de posição na Frente Oriental como havia na Europa Ocidental. A grande linha da frente, que se estendia ao longo de quase 1.000 quilómetros desde os Cárpatos até ao Mar Báltico, não o permitia.

Em Junho de 1915, as Potências Centrais alcançaram uma grande vitória: as tropas alemãs avançaram até à Lituânia. Os soldados russos só conseguiram combater outra ofensiva em Gorlice-Tarnow, retirando-se. As perdas foram maciças. As contra-ofensivas iniciais na Galiza, como a ofensiva de Brussilov em Junho de 1916, com o nome do general russo do mesmo nome, Alexei Brussilov, trouxeram inicialmente ganhos no terreno. Mas havia falta de mantimentos para alimentar as tropas avançadas. O inimigo adaptou-se rapidamente às tácticas da Rússia e lançou um contra-ataque. O resultado: um milhão de soldados russos morreram ou caíram no cativeiro inimigo. Este desastre levou a uma considerável agitação interna. O moral no seio das tropas continuou assim a afundar-se. Quando a Roménia entrou na guerra do lado da Rússia em Agosto, este prometia inicialmente alívio para as tropas russas. Mas a aliança depressa se revelou mais um fardo. A entrada da Roménia na guerra acrescentou mais 400 quilómetros à já enorme frente na Europa de Leste. Em termos de força das tropas, os romenos tinham pouco a contribuir. No final de 1916, já estava ocupada pelas Potências Centrais. Uma das últimas ofensivas da Rússia, a ofensiva de Kerensky, falhou devido aos problemas habituais de má preparação, moral baixa e muito pouco material. O exército alemão capturou Riga e agora também ameaçou São Petersburgo. A subsequente Revolução de Fevereiro de 1917 transformou o país no cenário de uma grande e cruel guerra civil.

A RÚSSIA EM TEMPOS DE REVOLUÇÃO

A revolta de Fevereiro de 1917 não foi a única revolta revolucionária desse ano. Tendo em conta as condições de vida desoladoras do povo, houve um descontentamento maciço em muitos estratos da população. A falta de alimentos básicos, como o pão, levou à fome. Os efeitos da Primeira Guerra Mundial sobre a economia fizeram o resto. A 23 de Fevereiro, teve lugar a Revolução de Fevereiro. O objectivo dos insurgentes: A deposição da monarquia e do imperador. A tensão levou a greves maciças de dezenas de milhares de trabalhadores em fábricas industriais. Partes dos militares também mudaram de frentes e apoiaram os insurgentes. O centro deste movimento foi inicialmente São Petersburgo, antes de a revolução se ter derramado em Moscovo. Gradualmente, as estações ferroviárias, escritórios e instalações militares foram ocupadas pelos revolucionários. Perante os surtos de violência e a impotência do governo russo, Nicholas foi chamado por Mikhail Rodsyanko, presidente da Duma, e Mikhail Alexeyev, chefe do estado-maior e comandante-em-chefe do exército russo, a demitir-se com efeito imediato. No início, Nicholas não acatou este pedido e tentou contrariar a sua abdicação com compromissos tais como a formação de um conselho de ministros. Esta proposta teve pouca resposta por parte dos revolucionários. Em troca, a Duma e o Conselho de Trabalhadores e Conselho de Soldados declararam agora o monarca finalmente deposto. Isto aconteceu a 2 de Março e um governo provisório de ministros foi subsequentemente anunciado com Georgy Lvov à cabeça. Lvov tornou-se assim o primeiro primeiro primeiro-ministro do Império Russo. No entanto, pelo menos em teoria, Nicholas presidiu ao império como comandante-chefe, apesar de o seu poder já ter sido quebrado. Representantes da Duma e do Conselho dos Trabalhadores reuniram-se subsequentemente com Nicholas, que foi coagido a assinar um instrumento apropriado de abdicação. O desejo do novo governo provisório era que ao irmão de Nicholas Mikhail fosse primeiro oferecida a coroa, mas depois persuadi-lo a abdicar do trono e a submeter-se ao governo provisório. Embora Mikhail tenha especulado sobre uma restauração da monarquia com ele à cabeça, os acontecimentos do rescaldo imediato não permitiram esta medida. Assim, a dinastia da família Romanov terminou em 1917, após um período de cerca de três séculos. Após a abdicação de Nicholas, os deputados da Duma

persuadiram Mikhail a abdicar: ele abdicou subsequentemente do trono russo também no dia seguinte.

Mais tarde, tanto Mikhail como o seu irmão Nicholas II, juntamente com a sua família e alguns criados e familiares, foram assassinados pelos bolcheviques, que não queriam dar ao Exército Branco quaisquer figuras simbólicas para uma contra-revolução.

As abdicações levaram a um vácuo no topo do poder. Com a Duma e o Conselho dos Trabalhadores e Conselho de Soldados - o Soviético - havia efectivamente dois órgãos de governo paralelos, que se viram agora confrontados com a tarefa de formar um executivo funcional. Alimentado pela euforia da revolução bem sucedida, esta era ainda comparativamente sem problemas. No entanto, rapidamente se tornou evidente que a Duma e os soviéticos perseguiam objectivos diferentes para o futuro do Império Russo. O objectivo dos soviéticos era, antes de mais, restaurar a ordem no país. Problemáticos a este respeito foram os soldados em greve, a quem deveriam ser concedidos direitos mais básicos no decurso da reestruturação do país. Como resultado, o soviético em Petrograd (nota: Petrograd = São Petersburgo) emitiu a seguinte primeira ordem na reunião unida do Conselho dos Trabalhadores e do Conselho de Soldados, que tinha chegado a alguma notoriedade na história russa:

Durante a agitação da Revolução de Fevereiro, comités de soldados espontâneos formaram-se nas tropas russas. Para legitimar estes comités, foi emitida a famosa ordem número 1 do "Soviete Petrogrado", que incluía uma certa forma de democratização. Ao mesmo tempo, as tropas foram subordinadas ao Soviete. As ordens da Duma só deveriam ser obedecidas se estivessem de acordo com as directivas soviéticas. Todas as armas - sejam espingardas, veículos ou qualquer outra coisa - deveriam doravante ser subordinadas aos comités e já não aos oficiais, como anteriormente. A saudação militar durante as horas de folga foi abolida. O mesmo se aplicava à forma como os oficiais eram tratados: a partir de agora, os superiores já não deveriam ser tratados como "Vossa Excelência", mas com títulos mais burgueses, tais como "Major". Particularmente importante: embora os soldados fossem obrigados a observar a disciplina militar, isto só era feito enquanto em serviço. Fora desse tempo, os militares estavam em pé de igualdade com os cidadãos.

A igualdade dos militares era um dos objectivos declarados dos soviéticos. Isto foi especialmente importante em Março de 1917. Pois a Primeira Guerra Mundial ainda estava em plena marcha. O Ministro dos Negócios Estrangeiros liberal-democrata da Duma, Pavel Miliukov, queria pôr fim à guerra ao lado dos Estados aliados de França e Inglaterra. E isto com uma vitória conjunta sobre as potências do Eixo. A questão da continuação do curso da guerra era premente. Pois era um facto que a Rússia agrícola não conseguia acompanhar o ritmo do conflito de nações altamente industrializadas. Em Abril, Vladimir Ilyich Lenin, e portanto o líder dos bolcheviques, regressou à Rússia. Lênin, o revolucionário profissional por excelência, regressou do seu exílio na Suíça. Isto só foi possível com a ajuda do Reich alemão. Para Lenine, que viajou de comboio de Zurique via Alemanha, Suécia e Finlândia para a Rússia, estava ansioso por terminar a guerra, que era de grande importância para o Reich alemão na altura em que a guerra na Frente Oriental estava a decorrer.

EXCURSUS: O COMBOIO SELADO DE VLADIMIR ILYICH LENIN

Quando Lenine quis viajar da estação principal de Zurique via Alemanha, Suécia e Finlândia para a Rússia no dia 9 de Abril, isto foi inicialmente feito por um comboio completamente normal. Só na Alemanha é que mudaram para o famoso comboio selado, que devia o seu nome ao facto de três das quatro portas exteriores estarem permanentemente fechadas. O Império Alemão tinha tornado a viagem possível e considerou-a um presente para Lenine. Afinal de contas, havia um interesse considerável na transferência do revolucionário. Lênin, contudo, viu as coisas de forma diferente: insistiu em ser-lhe permitido pagar o seu preço pela travessia. No entanto, o interesse da população alemã pela viagem, que não era uma operação secreta, mas que também era coberto pela imprensa do império, era extraordinariamente baixo. O comboio selado de Lenine foi romantizado em retrospectiva histórica, quase de uma forma política. Mas esta não foi a interacção mais importante do Império Alemão com os bolcheviques. Mais significativo foi o pagamento de cinco milhões de Reichsmarks à oposição russa.

Lenine prosseguiu outros objectivos. Estes incluíam a transferência completa do poder governamental para o soviético, porque Lênin rejeitou categoricamente o governo provisório. A reforma agrária através da expropriação de propriedade fundiária também fazia parte das suas exigências.

Lenine apelou subsequentemente não só ao fim da participação russa na guerra mundial, mas também à população a desertar colectivamente, por assim dizer. Assim, a guerra não só deveria ser terminada, como deveria ser perdida. Para Lenine especulou sobre outra revolução para o tempo após a derrota e criou o slogan revolucionário "All Power to the Soviets" (Todo o Poder aos Soviéticos). Lênin anunciou estas exigências no 1º Congresso Todo-Russo. Isto não deixou dúvidas sobre a pretensão dos bolcheviques de governar. Lênin recusou-se bruscamente a cooperar com todos os outros socialistas. Esta declaração de guerra levou à ocupação de fábricas pelo povo de Lenine e à formação da chamada Guarda Vermelha, uma milícia armada de cerca de 20.000 homens. Na ausência de Lenine, que na altura estava na Finlândia em negócios privados, os milicianos causaram a revolta de Julho, que foi sangrentamente terminada pelas tropas governamentais. No entanto, o governo provisório demitiu-se em massa em meados de Julho de 1917. Após um governo de emergência e uma tentativa de golpe de estado miseravelmente falhada contra o governo provisório pelo general de direita Lavr Kornilov, os soviéticos de Petrogrado e Moscovo foram recentemente eleitos em Setembro. Os bolcheviques obtiveram uma clara maioria em muitos organismos. O Soviete de Petrogrado era agora chefiado por Leon Trotsky. Em muitas cidades da Rússia, houve uma procura de domínio sob os auspícios dos sovietes. Isto resultou na exigência de que o governo provisório da Duma também entregasse o poder aos sovietes, de acordo com o slogan de luta "Todo o poder aos sovietes". Isto, naturalmente, encontrou resistência: pois os bolcheviques não foram considerados a força mais forte em termos de pessoal na Rússia como um todo, apesar de alguns sucessos nas referidas eleições.

Lênin apelou à revolução. A razão: levaria demasiado tempo para que os bolcheviques assumissem formalmente o controlo. Trotsky criou subsequentemente o Comité Revolucionário Militar (MRC), um grupo paramilitar que assumiu o controlo de partes das forças armadas russas em meados de Outubro. Os soldados da guarnição de Petrogrado e da marinha

de Kronstadt foram transferidos para o MRK, que foi apoiado adicionalmente pelos soldados da Guarda Vermelha. Nessa altura Alexander Kerensky era chefe do governo provisório, que respondeu fechando todas as prensas de impressão sob controlo bolchevique. Para Trotsky, esta era a ocasião necessária para um contra-ataque, cujas tropas ocupavam agora pontos marginais em Petrogrado. Kerensky voou para Pushkin para mobilizar tropas leais ao governo para contra-atacar. A tentativa falhou, os generais negaram o desejo de Kerensky, uma vez que, por sua vez, especulavam sobre uma restauração do império após a revolução.

Nesta altura, Trotsky e Lenine declararam a revolução um sucesso. Segundo os bolcheviques, o governo provisório de Kerensky tinha sido derrubado e a "revolta vitoriosa de todos os proletários do mundo" estava ao nosso alcance.

A UNIÃO SOVIÉTICA

As consequências da Revolução de Outubro foram enormes. O momento marcou a fundação do Partido Comunista da Unidade CPSU (Partido Comunista da União Soviética). A Polónia, Lituânia, Finlândia e outros Estados separaram-se do Império Russo. Após o armistício da Primeira Guerra Mundial em 1918, foi proclamada a República Socialista Federativa Soviética Russa. Em resposta, eclodiu uma guerra civil na qual os bolcheviques enfrentaram uma aliança de conservadores, liberais, monarquistas e muitas outras facções. O principal adversário dos bolcheviques era o chamado Exército Branco, que no seu núcleo consistia no antigo exército russo. Nessa altura, Leon Trotsky já tinha organizado as suas tropas como o Exército Vermelho.

Perante a convulsão maciça na Rússia, exércitos estrangeiros tentaram intervir e lutar contra os bolcheviques. No sul, os britânicos e franceses atacaram o país, enquanto que no leste houve batalhas com os americanos e japoneses. Estes esforços tiveram pouco efeito sobre o resultado final. O Exército Vermelho conquistou a Bielorrússia, a Geórgia e a Ucrânia, que posteriormente se tornaram repúblicas soviéticas. Isto descreve o início da União Soviética, que foi formalmente estabelecida a 30 de Dezembro de 1922 e representava um estado unitário com laços federais.

Nessa altura Lenine já estava gravemente doente e tinha-se retirado em grande parte da política activa. Assim, era altura de encontrar um sucessor à frente do CPSU. Surgiu uma luta pelo poder entre Leon Trotsky e Joseph Stalin, que este último venceu. Estaline ascendeu à posição de Secretário-Geral do partido com um número considerável de capangas que lhe asseguraram o poder em segundo plano. Estaline governou de forma autoritária e o período seguinte foi marcado por uma industrialização abrangente do país, mas acima de tudo pelo terror impiedoso da sua própria população. Estas "purgas estalinistas" custaram milhões de vidas. Enquanto alguns historiadores falam de três milhões de mortos, outros suspeitam que bem mais de 20 milhões de pessoas foram assassinadas. As purgas começaram em 1925, com o assassinato de todos aqueles que Estaline considerava opositores políticos. Não foram necessárias provas para serem consideradas culpadas nos julgamentos de fachada subsequentes e, por vezes, em julgamentos secretos. A punição incluía sempre a morte ou o

encarceramento num campo de trabalho, o Gulag, o que equivalia à pena de morte.

O período central das purgas é referido como o "Grande Terror" e descreve uma campanha de terror liderada pelo Estado e em larga escala desde o Outono de 1936 até ao Inverno de 1938. Embora a acção se tenha inicialmente limitado ao assassinato selectivo de elites da administração, política, negócios, militares, cultura e ciência - os chamados "dissidentes" - foi seguida de execuções arbitrárias em massa. Foram particularmente afectados os kulaks, camponeses independentes e relativamente ricos que tinham sido definidos como inimigos de classe. Outros inimigos declarados eram antigos membros do Exército Branco, czaristas, membros de partidos não-bolcheviques, mas também membros da igreja. Criminosos tais como "bandidos", contrabandistas, ladrões e ladrões de gado eram também considerados "elementos anti-soviéticos". Pelo menos 13 destas operações de massas, a maioria das quais eram encobertas, são conhecidas. Especialmente as dirigidas contra outros grupos étnicos. Aqui, os letões, polacos, alemães, finlandeses, estónios, iranianos, gregos, chineses, macedónios, búlgaros e romenos foram particularmente afectados. 1,5 milhões de pessoas foram presas durante o "Grande Terror". Metade delas foram imediatamente assassinadas, a outra metade foi deportada para os gulags, os campos de trabalhos forçados, o que muitas vezes representou uma morte certa.

Quando Adolf Hitler chegou ao poder no Reich alemão em 1933 e tornou-se cada vez mais certo que a Europa se encaminhava para uma nova guerra, o Pacto Hitler-Stalin foi concluído em Agosto de 1939, dividindo a Polónia nas áreas de interesse da Alemanha e da Rússia. Durante muito tempo, o tratado foi considerado um pacto de não agressão. A propósito, a divisão da Polónia só se tornou conhecida em 1988. A 1 de Setembro, a Alemanha atacou a Polónia, e a 17 de Setembro o Exército Vermelho ocupou a Polónia Oriental. A 20 de Novembro, a Rússia iniciou a chamada Guerra de Inverno contra a Finlândia, que resultou na exclusão da Rússia da Liga das Nações. A Finlândia teve de ceder alguns territórios à Rússia. Áreas dos Estados Bálticos foram também integradas na União Soviética. Com a invasão da União Soviética pela Wehrmacht alemã a 22 de Junho de 1941, a "Grande Guerra Patriótica" começou do ponto de vista russo. As tropas alemãs conquistaram rapidamente a Bielorrússia e grandes partes do território

russo. Para os invasores, esta não foi apenas uma guerra de conquista mas, segundo a ideologia nazi, uma guerra de extermínio. Isto tornou-se rapidamente evidente nas atrocidades e massacres da população civil, que no início da guerra a Wehrmacht ainda celebrava como libertadores da ditadura comunista. Cerca de 10 milhões de pessoas morreram durante a ocupação, muitos milhões mais foram assassinados em campos de concentração. O ponto de viragem da guerra foi a batalha por Moscovo. A estratégia alemã de uma blitzkrieg final não funcionou, e a Wehrmacht foi gradualmente empurrada para trás. A 21 de Abril de 1945, soldados russos chegaram a Berlim, e a 2 de Maio, os últimos defensores da capital alemã renderam-se. A 8 de Maio, o resto do Reich alemão capitulou. A União Soviética teve o maior número de baixas em toda a consideração da Segunda Guerra Mundial. No entanto, o número de vítimas varia consideravelmente. Alguns historiadores falam de 40 milhões de mortos, 25 milhões dos quais civis.

Quando a Guerra Mundial terminou em 1945, a União Soviética tornou-se um membro das Nações Unidas. Ao mesmo tempo, a Guerra Fria com as potências ocidentais, especialmente os EUA, e a divisão da Alemanha em quatro zonas de ocupação começaram no mesmo ano. A zona de ocupação russa compreendia o território posterior da República Democrática Alemã (RDA), com excepção de Berlim Ocidental. A Guerra Fria, como um conflito latente travado por todos os meios concebíveis entre o Ocidente e o Oriente, intensificou-se consideravelmente em 1949 com a detonação da primeira bomba atómica soviética no local de ensaio Semipalatinsk na SSR do Cazaquistão. A Europa foi dividida em dois blocos. A União Soviética estabeleceu regimes de satélites nos Estados da Polónia, RDA, República Checa, Hungria, Albânia (até 1968) e, em parte, Roménia, que permaneceram teoricamente autónomos em relação à Rússia mas que, na realidade, dependiam maciçamente da União Soviética. Neste chamado Bloco de Leste, Estaline instalou repúblicas populares comunistas ou dominadas pelos socialistas. Uma excepção foi a Jugoslávia, que aspirou ao seu próprio socialismo e conseguiu assim escapar à esfera de poder soviética, embora não completamente, mas mais claramente em comparação com os outros Estados do bloco. As nações ocidentais formaram a aliança de defesa NATO, o Pacto de Varsóvia formou a contrapartida como uma promessa mútua de assistência em caso de ataque.

A relação já fracturada entre Ocidente e Oriente teve de passar um teste severo com o Bloqueio de Berlim. Berlim Ocidental (como o resto da Alemanha) foi dividida numa zona de ocupação francesa, britânica e americana. As estradas de acesso que ligavam as zonas individuais foram bloqueadas por tanques soviéticos entre Junho de 1948 e Maio de 1949. Sob a organização das potências ocidentais, foi criada a famosa Berlin Airlift, que fornecia à população de Berlim Ocidental bens de consumo por via aérea. Com a fundação da República Federal da Alemanha e da República Democrática Alemã no mesmo ano, a fenda na Alemanha dividida cresceu e levou a um fim abrupto das esperanças de uma rápida reunificação da Alemanha.

Quando Josef Stalin morreu em Março de 1953, Nikita Khrushchev tornou-se o primeiro Secretário de Estado do CPSU e Chefe de Governo em 1958. Khrushchev tornou-se assim o homem mais poderoso da União Soviética e lutou pelo assim chamado. "De-Estalinização" e liberalização. O resultado imediato foi pelo menos uma clarificação parcial dos crimes cometidos sob o regime de Estaline e um relaxamento parcial da censura da imprensa. Condenou publicamente o culto da personalidade que se tinha desenvolvido sob o regime de Estaline em várias ocasiões. Khrushchev introduziu a ideia de coexistência pacífica, o que resultou num notável relaxamento da tensa política externa sob o regime de Estaline, cujo objectivo continuava a ser o "comunismo mundial". A coexistência pacífica significava que os dois modelos de sociedade, capitalismo e socialismo, deveriam competir um com o outro em competição não violenta a nível económico. Este princípio foi também aplicado ao inimigo de classe, os EUA.

Apesar desta política externa pioneira, a realidade era diferente, especialmente nos Estados satélites. Na Hungria, houve uma revolta contra a opressão da Rússia e os movimentos de voo em grande escala para o Ocidente começaram a partir da RDA. Isto teve um efeito significativo no desempenho económico. O fosso entre o Ocidente e o Oriente foi praticamente cimentado com a construção do Muro de Berlim, a 13 de Agosto de 1961. Em Maio de 1962, as tensões atingiram um novo pico. Numa acção encoberta, a União Soviética estacionou ogivas nucleares em Cuba, um Estado aliado. Esta ameaça perto do continente americano foi descoberta e causou grande preocupação. O então Presidente dos EUA John F. Kennedy reagiu com um bloqueio naval de todos os navios soviéticos

que transportavam armamento e, ao mesmo tempo, ameaçou invadir Cuba. Khrushchev inicialmente não tinha qualquer interesse em se render e o mundo estava à beira de outra guerra mundial. No entanto, Khrushchev aceitou as condições de Kennedy. As armas nucleares foram retiradas e os EUA não lançaram uma invasão. A Crise dos Mísseis Cubanos terminou assim amigavelmente.

Khrushchev iniciou uma série de reformas. Enquanto sob Stalin a indústria de armamento ou indústria pesada ainda predominava claramente na economia soviética, a indústria química foi agora significativamente expandida. A electrificação do país também fez progressos.

Os planos de reforma de Khrushchev não duraram, apesar dos sucessos iniciais. Planos de reforma em grande escala como o Plano Vinte Anos falharam, o que se deveu também à desconfiança dos outros líderes partidários. O seu poder dentro do partido enfraqueceu. A concessão de Khrushchev na Crise dos Mísseis Cubanos, que foi vista como uma derrota, fez o resto. Em 1964, foi destituído do cargo e destituído do cargo. Ao contrário da opinião dos líderes do partido, no entanto, o mandato de Khrushchev também assistiu a êxitos espectaculares. Em 1957, a União Soviética lançou o Sputnik 1, o primeiro satélite a orbitar a Terra, e em 1961, o russo Yuri Gagarin tornou-se o primeiro homem no espaço.

O sucessor de Khrushchev foi Leonid Brezhnev, que mal seguiu os planos de reforma do seu predecessor. Brezhnev orientou-se mais claramente para a ideologia do estalinismo. O culto da personalidade em torno de Estaline também encontrou novos seguidores e uma reavaliação dos crimes do ditador já não teve lugar em grande parte. Uma condenação moral de Estaline foi rejeitada. Pelo contrário, Estaline foi reverenciado como um herói. O sistema também se assemelhava à era de Estaline. A União Soviética de Brejnev tornou-se novamente mais autocrática. Os direitos humanos foram restringidos, tal como a liberdade de expressão. Economicamente, o país quase não fez quaisquer progressos durante este período, o que se deveu à liderança rígida e enormemente conservadora do CPSU.

1964 viu movimento nos países do bloco de Leste: Os esforços de reforma estavam a espalhar-se na Checoslováquia. O primeiro secretário do Partido

Comunista do país, Andreas Dubcek, procurou uma forma de "socialismo humano" que fosse mais democrática e liberal do que a forma de governo da União Soviética. Estes esforços de reforma ficaram conhecidos como a "Primavera de Praga". Para os soviéticos, este despertar era intolerável e os Estados do Pacto de Varsóvia intervieram militarmente. A Doutrina Brezhnev foi criada para legitimar esta intervenção. A doutrina afirmava que as características soberanas de um Estado cessam onde os interesses da comunidade socialista encontram o seu limite.

No entanto, uma aproximação entre Oriente e Ocidente teve lugar nos anos 70, o que foi registado num grande número de tratados. Em 1970, foi concluído o Tratado de Moscovo entre a República Federal da Alemanha e a União Soviética, que definiu a fronteira exacta com a Polónia (linha Oder-Neisse) e assegurou uma notável desescalada na Europa Central. SALT 1, um tratado para limitar o armamento nuclear, foi assinado pela URSS e pelos EUA em 1972. A isto seguiu-se no mesmo ano a assinatura do Tratado ABM entre os dois Estados para limitar os sistemas de defesa antimísseis. Em 1973, realizou-se em Helsínquia a Primeira Conferência sobre Cooperação e Segurança na Europa, na qual foi aceite a coexistência dos dois blocos na Europa. A Acta Final criou acordos sobre direitos humanos, ciência, tecnologia, ambiente, segurança e economia. Mas o desanuviamento chegou a um fim abrupto e parte das negociações sobre coexistência pacífica não foi assinada. Pois em 1978, o Partido Comunista chegou ao poder no Afeganistão, mas encontrou uma feroz resistência armada por parte da população. A pedido do líder comunista Babrak Karmal, que procurou a ajuda da União Soviética para assegurar o seu domínio, as tropas soviéticas entraram no país em Dezembro de 1979. A guerra soviético-afegã eclodiu. Dois terços do exército afegão juntaram-se à resistência e lutaram contra os soviéticos, cuja invasão foi fortemente condenada pela comunidade internacional. Como resultado, um grande número de nações boicotou a participação nos Jogos Olímpicos de 1980 em Moscovo. A guerra enquanto tal transformou-se num grande desastre para a União Soviética. As tropas foram incapazes de quebrar a resistência apesar da superioridade numérica e técnica. Os soldados da União Soviética reagiram de forma inadequada às tácticas de guerrilha dos afegãos, bem como ao terreno intransitável. Além disso, os insurgentes afegãos foram secretamente abastecidos pela CIA com armamento moderno antiaéreo.

Assim, a guerra no Afeganistão não foi de todo bem sucedida para a União Soviética. As manchetes foram feitas em particular pelas acções terroristas dos soldados soviéticos contra a população civil. Mais de um milhão de pessoas morreram na guerra, "apenas" 26.000 das quais soldados do lado soviético. Estas estatísticas descrevem a extensão da catástrofe. Só em 1989 é que as tropas soviéticas se retiraram do Afeganistão, após um conflito de dez anos.

A guerra entre a União Soviética e o Afeganistão foi vista pelo público na União Soviética como um fracasso de grande alcance e fatal. Os soldados destacados para o Afeganistão eram na sua maioria recrutas e muitas famílias sofreram baixas. Relatos de mortos e feridos, no entanto, não foram encontrados nos meios de comunicação social controlados pelo Estado. Isto causou um ressentimento generalizado entre a população e a confiança na liderança do partido diminuiu. Os custos da operação foram também enormes. Todos estes aspectos acabaram por acelerar a desintegração da União Soviética.

O líder da União Soviética também se encontrava em mau estado de saúde. Já em 1974, os médicos diagnosticaram o início da calcificação no cérebro de Brezhnev. A sua condição deteriorou-se então rapidamente devido a ataques cardíacos e acidentes vasculares cerebrais. Em 10 de Novembro de 1980, Brezhnev morreu de paragem cardíaca. O período que se seguiu foi instável, pelo menos no que diz respeito à liderança do pessoal. O sucessor imediato de Brezhnev, Yuri Andropov, morreu após apenas 15 meses no cargo. O seu sucessor - Konstantin Chernenko - faleceu após apenas treze meses no cargo. Finalmente, em 1985, Mikhail Gorbachev, uma das figuras mais importantes da história russa, foi eleito líder do partido e chefe de governo da União Soviética. Com esta eleição, forças dentro do partido que lutavam por reformas afirmaram-se. O próprio Gorbachev colocou o país num rumo mais moderno, especialmente através das palavras-chave "perestroika" e "glasnost".

EXCURSUS: PERESTROIKA E GLASNOST

Se os termos perestroika e glasnost forem mencionados, o nome Gorbachev também deve ser mencionado. Glasnost descreveu uma abertura geral do governo para o povo e uma governação mais transparente. A liberdade de expressão e a liberdade de imprensa

foram relaxadas. Isto levou a uma informação mais livre. O resultado foi a constatação de que tanto a política como a economia se encontravam numa enorme crise. Para Gorbachev, isto significava a necessidade de reformas abrangentes a nível político, social e económico. A ideia de perestroika, ou reestruturação, nasceu. Como resultado, a economia planificada e a economia de mercado da União Soviética adaptaram aspectos da economia de livre mercado.

Na política externa, Gorbachev e o então Ministro dos Negócios Estrangeiros Eduard Shevardnadze foram responsáveis por um abrandamento significativo das tensões, especialmente com os EUA. As visitas estatais mútuas e o Tratado INF, que tratou do desarmamento de todas as armas de curto e médio alcance de base terrestre, contribuíram para isso. Dentro da União Soviética, foram revelados enormes problemas, agravados precisamente através da glasnost. Os esforços de reforma na pátria do comunismo também levaram a um impulso para mais democracia nos países do bloco oriental - a União Soviética foi, afinal de contas, um modelo a seguir. As "revoluções de 1989", vistas como o fim de facto do comunismo, conduziram a movimentos de reforma na Polónia, RDA, Checoslováquia, Hungria, Bulgária e Roménia. Alguns destes movimentos eram de natureza pacífica, outros expressaram-se como um derrube sangrento (Roménia). O massacre da Praça Tiananmen em Pequim, a capital da República Popular da China, está também associado a este movimento. As repúblicas soviéticas bálticas da Letónia, Estónia e Lituânia também viveram a chamada "Revolução Cantante", que exigiu a independência dos três Estados.

Sob a perestroika, a economia soviética não experimentou uma ascensão - pelo contrário. Embora a economia já tivesse praticamente estagnado antes, desintegrou-se literalmente no rescaldo. O produto interno bruto caiu 17 por cento até 1991. O comércio externo também registou uma tendência descendente e as dívidas da União Soviética aumentaram de forma alarmante. Isto teve consequências graves. A qualidade de vida dos habitantes diminuiu consideravelmente e faltou uma variedade de produtos para uso diário, tais como vestuário e alimentos. Nos tempos anteriores a Gorbachev, a escassez não era um fenómeno isolado. Através da glasnost, no entanto, a população manifestou publicamente o seu descontentamento e

exprimiu críticas maciças ao governo. Como resultado, as forças conservadoras comunistas tentaram depor Gorbachev, querendo impedir novas reformas e aproximação com o Ocidente. O chamado golpe de Agosto teve lugar. Os resistentes declararam Gorbachev deposto. Mas o golpe de Estado estava condenado ao fracasso: Pessoas de todo o país protestaram pelo regresso de Gorbachev, que estava de férias na Crimeia e foi inicialmente detido lá. As forças armadas também se recusaram a obedecer aos putschists. Boris Ieltsin, Presidente da república constituinte da Rússia, entrou na ribalta como proeminente defensor de Gorbachev. Gorbachev foi inicialmente capaz de manter o seu cargo, mas as consequências foram grandes. A União Soviética separou-se, cada vez mais repúblicas constituintes declararam a sua soberania após o falhado golpe de Estado. Ieltsin ganhou cada vez mais influência e, numa multidão de passos parciais, expulsou Gorbachev, que se demitiu a 25 de Dezembro de 1991. Nessa altura, 21 repúblicas já se tinham separado da União Soviética. A União tinha-se desmembrado e a Federação Russa sob o comando de Boris Ieltsin era o sucessor legal da fracassada União Soviética. As condições-quadro para a nova federação eram tudo menos boas. Devido a reformas prejudiciais e anos de negligência, a economia do país estava praticamente no fundo do poço.

A FEDERAÇÃO RUSSA

Após a fundação da Federação Russa, foi criada a CEI, a Comunidade de Estados Independentes. Com excepção dos Estados Bálticos, todos os Estados agora independentes da ex-União Soviética aderiram a esta comunidade de cooperação regional. Esta associação nunca atingiu um verdadeiro significado internacional. Os anos noventa russos foram marcados por uma multiplicidade de crises.

Em 1992, Boris Ieltsin prometeu às repúblicas da Rússia direitos de longo alcance com o Tratado da Federação. O próprio Ieltsin estava em permanente conflito com o governo, que tomou uma posição muito mais conservadora do que ele. O novo acordo sobre o federalismo causou tensões. Como resultado, houve confrontos e manifestações sangrentas na Rússia. O descontentamento popular cresceu consistentemente. Uma nova constituição, que entrou em vigor em 1993, concedeu ao Presidente Ieltsin privilégios de grande alcance e consolidou a sua posição. Entre outras coisas, ele fez uso de meios constitucionais. O Congresso dos Deputados do Povo foi dissolvido pela força militar. A transformação da economia de influência socialista numa economia de mercado livre de acordo com princípios de inspiração ocidental foi percebida pela população como uma terapia de choque. O ressentimento continuou a crescer devido ao declínio do rublo e devido à multiplicidade de reformas que tinham sido iniciadas, as quais ou não foram de todo implementadas ou foram apenas extremamente lentas.

A primeira guerra na Chechénia eclodiu em 1994 e custou a vida a cerca de 80.000 pessoas até ao seu fim em 1996. O objectivo dos chechenos ("separatistas") era a independência da república autónoma. O acordo de cessar-fogo assinado em 1996 era frágil; tanto o lado russo como o lado checheno não cumpriram o acordo. Este conflito em permanente combustão lenta aumentou o descontentamento no país. Em meados de 1996, foram realizadas eleições presidenciais, que Yeltsin venceu. No entanto, as eleições não podem ser descritas como verdadeiramente "livres". O sucesso eleitoral do candidato em exercício deveu-se em particular ao apoio financeiro maciço dos magnatas empresariais russos, os chamados oligarcas. Apenas dois anos mais tarde, o valor do rublo afundou-se a um novo mínimo com consequências imediatas para a população russa. Os

salários reais caíram. No decurso da transformação da economia, a situação financeira da Rússia deteriorou-se maciçamente. Em 1998, o sistema bancário entrou em colapso. Grande parte das poupanças da população perdeu-se no decurso deste colapso. Uma pequena parte da população russa beneficiou com a crise. Alguns foram capazes de acumular grande riqueza, enquanto a parte significativa da população teve de lutar contra a pobreza. O fosso entre ricos e pobres cresceu de forma constante e dividiu a sociedade russa. As reformas económicas eram extremamente necessárias, mas faltavam ao governo de Ieltsin opções e conceitos para travar o deslize económico.

Ao mesmo tempo, cada vez mais repúblicas exigiam a independência da Federação Russa a partir de meados da década de 1990. Para além da Chechénia, Yakutia e Ossétia do Norte são particularmente dignas de nota neste contexto. O conflito na Chechénia reacendeu-se entre 1999 e 2000 e as tropas russas colocaram a região sob o seu controlo com uma nova intervenção militar.

Em 1999, Boris Yeltsin demitiu-se. A sua saúde já era muito pobre nessa altura. Ieltsin teve vários ataques cardíacos e operações de bypass no decurso dos anos 90. Morreu de insuficiência cardíaca no hospital do governo de Moscovo a 23 de Abril de 2007. No funeral subsequente, 25.000 convidados prestaram-lhe a sua última homenagem, incluindo convidados proeminentes como o ex-Presidente dos EUA Bill Clinton e Mikhail Gorbachev. O sucessor imediato de Ieltsin foi Vladimir Putin, que foi confirmado no cargo nas próximas eleições presidenciais na Primavera de 2000. No período que se seguiu, dificuldades políticas internas dominaram o país. Em particular, o processo de transformação de uma forma centralizada de governo numa forma descentralizada causou dificuldades. A Rússia ameaçou desmoronar-se em relação a esta questão. Os esforços no sentido da independência de algumas repúblicas constituintes da Federação Russa foram um sintoma altamente visível desta ameaça. Vladimir Putin respondeu centralizando o poder na medida do possível. O presidente foi novamente dotado de maiores poderes e o país evoluiu de forma constante para o que os observadores estrangeiros descreveram como uma democracia gerida.

Em 2008, houve uma mudança na liderança do governo. Dimitri Medvedev foi eleito presidente. Putin, contudo, não se retirou da política, pelo contrário. Mudou para o cargo de primeiro-ministro e foi assim ainda considerado o homem mais poderoso do país. Esta mudança causou um certo ressentimento e desconfiança no seu próprio governo entre a população. Milhares de russos apresentaram petições e manifestaram-se pela demissão de Putin. A disputa ganhou novo ímpeto quando Putin se apresentou novamente como candidato presidencial nas eleições de 4 de Março de 2012 e assegurou o poder na primeira volta da votação. Putin tornou-se subsequentemente Presidente da Rússia uma vez mais. Isto não foi alterado pelas eleições de 18 de Março de 2018, nas quais o presidente foi novamente confirmado no cargo com uma taxa de aprovação de 76,6 por cento. Assim, com excepção dos anos de 2008 a 2012, o seu tempo como primeiro-ministro, Vladimir Putin tem sido presidente sem interrupção desde 2000.

Na política externa, a Rússia procurava nesta altura o seu lugar no seio da comunidade internacional de Estados. Como consequência, Vladimir Putin tomou novamente uma posição mais dominante. Isto tornou-se óbvio na guerra do Iraque de 2003, no contexto da qual a Rússia tomou uma posição clara e assinalou a ilegalidade da invasão do Iraque pelos EUA ao abrigo do direito internacional. O Kremlin disse que apenas o povo iraquiano tinha o direito de derrubar o regime de Saddam Hussein. A ingerência de outro poder como os EUA estava errada. Por outro lado, Putin evitou um confronto directo e verbal com os Estados Unidos, mas exprimiu antes "preocupação" com a evolução dos acontecimentos na altura.

Subsequentemente, cristalizou-se que a Rússia procurava uma ligação com as nações europeias, mas isto foi sempre marcado por flutuações. Foram formadas parcerias estreitas. Para a sua própria percepção na Rússia, a obtenção da plena adesão ao grupo G8 de 2002 a 2014 foi um ganho maciço de imagem. A nível internacional, porém, foram condenadas operações militares dirigidas principalmente contra Estados da ex-União Soviética. Exemplos proeminentes que frequentemente suscitaram fortes reacções da comunidade internacional são e foram o conflito do Cáucaso e o conflito da Ucrânia.

- Capítulo 2 -

A RÚSSIA NUM RELANCE

A Federação Russa é o estado mais extenso do mundo. A maior parte encontra-se no continente asiático (13.122.850 km²), a mais pequena é geograficamente contada como parte da Europa (3.952.550 km²). A Rússia cobre cerca de onze por cento da área total da terra. Isto contrasta com uma população relativamente esparsa, especialmente fora dos centros urbanos. Estatisticamente, apenas oito pessoas vivem por km² na Rússia (cf. Alemanha: 231 pessoas por km²). De oeste para leste, o país estende-se por um comprimento de cerca de 9.000 quilómetros nos pontos de maior expansão; de sul para norte, são 4.000 quilómetros. A Rússia faz fronteira com 14 países vizinhos com um comprimento total de fronteira de 20.027 quilómetros. A fronteira mais longa é partilhada com o Cazaquistão (6.846 km), a mais curta com a Coreia do Norte (14 km). Outros países vizinhos são (de oeste para leste) Noruega, Finlândia, Estónia, Letónia, Bielorrússia, Ucrânia, Geórgia, Azerbaijão, China e Mongólia. O único enclave da Rússia, o Oblast de Kaliningrado na antiga Prússia Oriental, acrescenta a Lituânia e a Polónia como outros vizinhos. A grande ilha de Diomedes, que está sob administração russa, fica apenas a cerca de quatro quilómetros da ilha americana Little Diomedes.

O SISTEMA POLÍTICO RUSSO

De acordo com a Constituição adoptada a 12 de Dezembro de 1993, o país é um estado constitucional democrático e federal com uma forma de governo republicano e um sistema de governo semi-presidencial. O Presidente é o chefe de estado da Rússia e é eleito pelo povo para um mandato de seis anos. O Presidente assegura a cooperação dos três poderes estatais, que consistem no executivo, no judiciário e no legislativo. O meio mais potente de influência directa é o decreto. Com este instrumento, o presidente pode controlar directamente qualquer questão. Isto aplica-se tanto à política externa como aos assuntos internos. Além disso, o presidente russo é o comandante-chefe das forças armadas e determina o seu alto comando.

A Assembleia da Federação é responsável pela legislação do país e é constituída por duas câmaras: A Duma (câmara baixa, 450 deputados) e o Conselho da Federação (câmara alta, 170 membros). O Conselho da Federação é composto pelos representantes dos 85 súbditos da Federação - ou seja, os Estados constituintes da Federação Russa. O Conselho também faz parte da legislatura: as leis aprovadas pela Duma devem passar pelo Conselho. Os deputados decidem sobre a ratificação depois de o projecto de lei ter sido apresentado. Ou o projecto de lei é enviado ao Presidente ou enviado de volta para a Duma. O Conselho da Federação é também responsável por qualquer processo de impeachment contra o Presidente.

Os decretos especiais do Presidente devem ser aprovados pelo Conselho. Este é particularmente o caso se tiverem como objectivo a imposição da lei marcial.

POLÍTICA E PARTIDOS

A Duma, que é eleita de cinco em cinco anos, é a principal responsável pela aprovação de leis. Para entrar neste parlamento como partido, um obstáculo de 7% (cf. Alemanha: obstáculo de 5%) deve ser ultrapassado. A última eleição da Duma foi em 18 de Setembro de 2016. Desde então, a Duma tem sido composta pelos seis partidos seguintes.

- O partido da **Rússia Unida** é de longe o partido mais forte da Duma, detendo 343 de um total de 450 lugares. É considerado um partido conservador nacional, sem uma ideologia específica. De acordo com a sua própria designação como partido de rallying, muitas correntes políticas diferentes estão organizadas dentro das estruturas do partido, que, no entanto, se baseiam na base comum de apoio ao actual governo sempre que possível. O curso do partido visa uma governação centralizada em vez de federal. Os observadores atestam ao partido da Rússia Unida uma tendência pronunciada para o conservadorismo nacional. Os objectivos declarados do Partido da Unidade são fortalecer a economia e as forças armadas, aumentar a segurança social, garantir eleições livres e independentes, mas também consolidar e fortalecer o poder estatal. Com quase 2,1 milhões de membros, a Rússia Unida é de longe o partido com o maior número de membros na Federação Russa. O seu presidente é Dimitri Medvedev. O Presidente Vladimir Putin não é um membro da Rússia Unida.

- Com 42 lugares, o CPRF, o **Partido Comunista da Federação Russa, é a** segunda força mais forte da actual Duma, embora por uma margem considerável. Embora o nome o sugira, a diferença de conteúdo para "Rússia Unida" não é particularmente pronunciada. Isto porque o CPRF não é um partido da oposição, mas apoia regularmente a decisão do Partido da Unidade. Os cientistas políticos referem-se por vezes ao Partido Comunista como um parceiro júnior do partido estatal. Esta circunstância levou à cisão de uma parte do partido em

2004 e à subsequente fundação do "Partido Comunista do Futuro de toda a Rússia", que posteriormente quase não desempenhou qualquer papel na política quotidiana. O presidente do CPRF é Gennady Zyuganov. Em termos de conteúdo, o CPRF procura cuidados médicos gratuitos para a população, tributação adicional dos ricos e um reforço da posição da Rússia na política internacional. Diz-se que o partido tem uma atitude revisionista histórica e um endosso ao estalinismo.

– O **Partido Liberal Democrático da Rússia** (LDPR) detém 39 lugares no parlamento. A adição "liberal-democrata" é enganadora: o LDPR é classificado como ultra-nacionalista, populista de direita e parcialmente de extrema-direita. Uma orientação liberal não é de facto reconhecível. Mesmo que o conceito de igualdade de oportunidades seja oficialmente propagado como um leitmotiv, como regra, quase nada disto é perceptível. Em vez disso, fala-se em favorecer os russos e em restaurar um "Império Russo". Em particular, o líder do partido, Vladimir Zhirinovsky, chama a atenção para si próprio com posições de extrema-direita e anti-semíticas. Por exemplo, ele propôs uma divisão da Ucrânia na sequência da crise entre a Rússia, Roménia, Polónia e Hungria, evocando assim associações com a divisão da Polónia entre Hitler e Estaline. Publicamente, ameaçou a Grã-Bretanha e a Turquia com um ataque com armas nucleares e a violação de um jornalista crítico pelos seus guarda-costas. Contudo, as explosões verbais de Zhirinovsky quase não tiveram consequências graves. Pelo contrário: a sua exigência de lhe ser atribuída a segunda classe da "Ordem de Mérito para a Pátria" foi efectivamente cumprida pelo governo russo. O LDPR não é um partido da oposição. Uma vez que está basicamente do lado do governo, os observadores suspeitam que o partido é financiado pelo Kremlin.

– 29 lugares na actual Duma são ocupados pela CP, abreviatura de **"Just Russia".** De acordo com a ideologia

do partido, o PC representa um curso social-democrata, que, no entanto, tem pouco em comum com o entendimento ocidental de social-democracia. Em vez disso, os observadores notam uma orientação claramente esquerda-liberal ou esquerda-conservadora. O PC é considerado como anti-ocidental. De acordo com o seu auto-retrato, o partido quer defender impostos mais baixos, defende eleições democráticas, a nacionalização de monopólios de mercadorias e um imposto progressivo sobre o rendimento. Embora durante alguns anos o partido tenha sido visto como parcialmente oposto ao governo, nos últimos anos tem havido uma aproximação crescente com o Kremlin. Há um pressuposto de que as origens do PC residem em círculos governamentais próximos de Vladimir Putin. Assim, o partido serviu como uma possibilidade próxima do governo para a absorção de partidos de esquerda ou comunistas, que deveriam assim ser enfraquecidos. O líder do Partido da Rússia Justa é Sergei Mironov.

– No parlamento russo, dois lugares individuais vão cada um para os partidos **Rodina** e **BPL**, e um lugar para um membro não-partidário da Duma. A esquerda-nacionalista Rodina é vista como uma contraparte do CPRF do Partido Comunista, formado por forças leais ao governo. Enquanto no passado Rodina tinha o seu próprio grupo parlamentar, nos últimos tempos, só conseguiu reunir alguns votos. O BPL, a "Plataforma Cívica", é mais uma associação frouxa de várias correntes políticas do que um partido independente, mas é geralmente considerado liberal e anticomunista. A BPL é considerada como próxima do governo. A origem da plataforma também pode ser encontrada neste ambiente. Outros observadores falam de uma ideia fundadora que, embora independente, serviu o único propósito de fortalecer o governo.

Como já foi mencionado, a tarefa da legislatura no Estado russo cabe à Assembleia da Federação. O poder executivo pertence ao governo. O poder executivo está, em parte, directamente subordinado ao Presidente. O

governo da Federação Russa, que tem a sua sede em Moscovo, é composto pelo Primeiro-Ministro como chefe do governo, pelos seus adjuntos e pelos ministros. Um grande número de ministérios está subordinado ao governo, tais como o Ministério da Educação, o Ministério das Finanças e o Ministério dos Transportes. O Ministério dos Negócios Estrangeiros, o Ministério do Interior e o Ministério da Defesa, no entanto, respondem directamente ao Presidente.

EXCURSUS: VLADIMIR PUTIN

Quase nenhuma outra pessoa representa mais a "nova" Rússia após a era Ieltsin do que Vladimir Vladimirovich Putin. Por sua própria conta, o governante russo provém de uma simples família da classe trabalhadora de Leninegrado e obteve um diploma de Direito na universidade de Leninegrado. Putin tem laços estreitos com a Alemanha. Depois de se formar, trabalhou para o serviço soviético de inteligência estrangeira KGB e esteve destacado durante a maior parte do seu tempo na então RDA, em Dresden. Putin fala fluentemente alemão. Nos anos 90, a carreira política de Putin começou na ainda jovem Federação Russa. Em 1994, tornou-se primeiro vice-prefeito da cidade de Leninegrado. Em 1997, obteve o doutoramento em economia e estabeleceu os seus primeiros laços com o governo. Em 1998, ascendeu a chefe do serviço de informação interna FSB, e no ano seguinte Putin tornou-se Secretário do Conselho de Segurança.

Putin foi escolhido como seu sucessor em 1999 por Ieltsin, que já conhecia da campanha eleitoral de Ieltsin, e foi nomeado primeiro-ministro. Quando Ieltsin surpreendentemente renunciou ao cargo na noite de Ano Novo de 1999, Putin tomou as rédeas do governo de acordo com a constituição e teve o seu posto confirmado por eleição. A popularidade de Putin junto da população russa está consistentemente a um nível elevado a muito elevado. A anexação da Crimeia, que tem sido duramente criticada internacionalmente, foi vista de forma muito positiva pela vasta massa de russos. Os bens privados de Putin, no entanto, são objecto de debate controverso. Oficialmente, o presidente recebe um rendimento anual do equivalente a 142.500 euros. A sua verdadeira fortuna está estimada

em cerca de 33,5 mil milhões de euros. Putin gosta de pesca, de vários desportos como o judo e o esqui, e é considerado um coleccionador de relógios de pulso e carros antigos.

Os ministros são também propostos pelo presidente e a Duma deve confirmar a proposta, o que geralmente acontece. Isto porque: se uma proposta for rejeitada três vezes, é concedido ao presidente o direito, ao abrigo da constituição, de dissolver a Duma e convocar novas eleições. Outras tarefas do governo incluem a administração da propriedade estatal, a preparação do orçamento estatal, a implementação da política financeira comum e da política de crédito a nível federal, medidas para fazer cumprir as leis aplicáveis, supervisão da ordem pública e a protecção dos direitos dos cidadãos.

ESTRUTURA FEDERAL

De acordo com a Constituição de 1993, o Estado russo é uma federação. Para além do nível central do Estado, existem 85 súbditos da Federação, que designam essencialmente as subunidades da Federação. Estes, por sua vez, estão agrupados em oito distritos federais.

O termo assunto federação é utilizado para descrever diferentes tipos de unidades territoriais. Isto resulta numa manta de retalhos relativa e administrativa. Os sujeitos da Federação incluem 46 oblast ("territórios"), 22 repúblicas, nove krai ("regiões"), quatro distritos autónomos, três cidades com estatuto de sujeito (Moscovo, São Petersburgo e Sevastopol) e um oblast autónomo, denominado "Oblast Judaico Autónomo", no extremo sudeste da Federação. Isto inclui a República da Crimeia, cuja classificação é altamente disputada internacionalmente. Todos os súbditos enviam dois representantes cada um ao Conselho da Federação, representando os ramos legislativo e judicial. Os assuntos individuais diferem consideravelmente em termos de área, população e situação económica. Por conseguinte, o governo central também tem uma tarefa de equilíbrio para manter estas diferenças tão pequenas quanto possível. Vários sistemas de transferência e sistemas de apoio são supostos regular as diferenças. Isto porque os sujeitos podem normalmente dispor dos seus próprios rendimentos e despesas . Se as despesas superarem as receitas, o governo central intervém para fornecer apoio. Através destas transferências, os sujeitos perdem parte da sua auto-administração. Como resultado, tornam-se financeiramente dependentes do Estado.

Após as reformas para centralizar o Estado por Vladimir Putin entre 2000 e 2008, os chefes dos súbditos - geralmente governadores ou presidentes - tiveram de ceder numerosos poderes ao Estado central. Das cerca de 700 áreas de competência originais, restaram cerca de 50. Em geral, existem áreas de responsabilidade que são administradas exclusivamente pelo Estado central. Estas incluem a política externa, bem como as questões aduaneiras e de defesa. Em várias áreas como a fiscalidade ou os cuidados de saúde, distribuição de recursos, propriedade da terra ou fornecimento de água e de electricidade, o Estado e o sujeito são co-responsáveis. No entanto, a Constituição não prevê qualquer regulamentação explícita sobre a divisão exacta de competências entre os dois níveis de governo, com o

resultado de que o governo central praticamente gere estas áreas temáticas por si só. Os sujeitos são autorizados a exercer todos os outros poderes de forma independente.

Os 85 súbditos da federação estão agrupados em oito distritos da federação. No entanto, isto não significa que um distrito seja superior a um sujeito na hierarquia administrativa. Pelo contrário, existem círculos ao lado dos súbditos. Cada Distrito Federal é chefiado por um representante do Presidente, que também é seleccionado e nomeado pelo Presidente. Os representantes têm a tarefa adicional de supervisionar os governadores e presidentes dos súbditos da federação. Exercem assim a função de um órgão de supervisão. Esta estrutura foi criada em 2000, após a tomada de posse de Vladimir Putin. Os representantes do presidente têm a tarefa de fazer cumprir a política governamental e coordenar os órgãos regionais. Se esta função não for suficiente, os representantes presidenciais podem emitir reprimendas apropriadas. Eles também controlam a aplicação dos decretos presidenciais. Os oito distritos federais são chamados de Rússia Central, Extremo Oriente, Volga, Noroeste da Rússia, Urais, Norte do Cáucaso, Sibéria e Sul da Rússia, o que inclui a Crimeia.

A POPULAÇÃO DA RÚSSIA

De acordo com a publicação do governo, a população da Rússia é actualmente de cerca de 144.500.000 habitantes. A tendência da população é geralmente descendente. Um censo em 1989 contava 147.000.000 de habitantes. As numerosas convulsões, tumultos e conflitos nos anos 90 também tiveram um impacto na população. Entre a população masculina, a taxa de mortalidade duplicou para 18,7 por 1000 habitantes, enquanto que a taxa de fertilidade por mulher caiu para 1,2. Entretanto, a taxa de mortalidade caiu novamente para 11,7 e a taxa de fertilidade subiu para um valor superior a 1,5. A estatística coloca a esperança de vida de um homem em 2018 em 67,75 anos. As mulheres vivem até aos 77,81 anos de idade em média. Assim, existe uma variação considerável na esperança de vida esperada entre homens e mulheres russos. Para comparação: na Alemanha, os homens viviam a uma média de 78,9 anos e as mulheres a 83,6 anos no mesmo ano. A principal razão dada para a elevada mortalidade entre os homens é um estilo de vida pouco saudável e arriscado, que basicamente poderia ser evitado. As principais causas são o alcoolismo, o consumo de tabaco, os suicídios, o consumo de drogas, mas também os assassinatos. A causa mais comum de morte é a doença cardíaca. Isto reflecte-se na demografia. Em 2010, havia quase 11 milhões de mulheres a mais do que homens. A fim de aumentar a taxa de natalidade, vários programas foram iniciados pelo governo, tais como o capital da maternidade, que foi introduzido em 2007. Para o nascimento de um segundo filho, os pais receberam inicialmente um pagamento único de apoio equivalente a 250.000 rublos, o que equivale aproximadamente a 3.500 euros. Desde 2020, os pagamentos de assistência foram alargados. Desde então, foram pagos 466.617 rublos (cerca de 5.866 euros) também para a primeira criança. O subsídio de maternidade para a segunda criança foi aumentado para 616.617 rublos (cerca de 7.715 euros). É de notar, contudo, que estes pagamentos não estão à livre disposição dos pais. Quando a criança nasce (ou é adoptada), os pais recebem inicialmente uma forma de certificado. Depois de decorridos três anos, o dinheiro é pago para um fim específico. O dinheiro pode ser utilizado quer para a educação escolar, para melhorar a situação habitacional ou como provisão de velhice. Contudo, o programa está a revelar-se bem sucedido: nos primeiros seis anos desde a sua introdução, a taxa de natalidade aumentou cerca de 28%. Apesar destes

esforços, no entanto, a população continua a estar em declínio. A Organização Internacional do Trabalho - uma agência especializada das Nações Unidas - calculou que apenas cerca de 130 milhões de pessoas continuarão a viver na Rússia em 2050.

A Rússia é um país de imigração popular. De acordo com o Relatório da ONU sobre Migrações, é o estado com o quarto maior número de imigrantes - depois dos EUA, Alemanha e Arábia Saudita. Os países de origem dos imigrantes são na sua maioria os Estados da antiga União Soviética, mas no passado recente mais pessoas têm também vindo a imigrar de África ou do Sudeste Asiático para a Rússia.

A população da Rússia está distribuída de forma desigual. 85 por cento da população vive na parte europeia, que, no entanto, representa apenas 23 por cento do território da Federação Russa. A maior densidade populacional encontra-se em Moscovo, com 362 habitantes/km². As regiões menos povoadas são o Nordeste e o Extremo Oriente, com uma densidade populacional de apenas um habitante/km². Em média, a densidade populacional na Rússia é de 8,3 habitantes/km², como já foi mencionado.

Uma grande parte da população russa vive em cidades. De longe a maior cidade é a capital Moscovo, com 12,22 milhões de habitantes (nota: arredondada, a partir de 2017). Outras cidades russas com milhões de habitantes são São Petersburgo (5,28 milhões), Novosibirsk (1,62 milhões), Yekaterinburg (1,46 milhões), Nizhny Novgorod (1,26 milhões), Kazan (1,23 milhões), Chelyabnisk (1,19 milhões).), Omsk (1,17 milhões), Samara (1,16 milhões), Rostov-on-Don (1,13 milhões), Ufa (1,12 milhões), Krasnoyarsk (1,08 milhões), Perm (1,05 milhões), Voronezh (1,04 milhões) e Volgograd (1,02 milhões).

A Rússia é um estado multiétnico, o que se reflecte na auto-imagem dos seus habitantes. Os russos constituem o maior grupo populacional com uma quota de 80,9% da população total (a partir de 2010, censo). O resto da população não é homogéneo: Cerca de 100 pessoas vivem no território da Rússia. As minorias significativas são os Tatars, que constituem cerca de 3,9% da população. O termo "Tatares" tem variado consideravelmente ao longo da história (ver História da Rússia). Hoje em dia, este termo colectivo é sobretudo utilizado para descrever os povos túrquicos de fé islâmica.

Outras minorias significativas são os ucranianos (1,4 por cento), Bashkirs (1,15 por cento) e Chuvash (1,05 por cento). Quase 600.000 alemães vivem na Rússia - isto corresponde a uma percentagem de cerca de 0,42 por cento da população total. Embora estes grupos étnicos constituam a maioria da população russa, existem verdadeiros extremos entre a multidão de povos. Apenas oito pessoas foram contadas como pertencentes ao povo Kerik no censo russo de 2010.

Os russos enquanto grupo populoso estão amplamente distribuídos por todo o país. Mesmo em locais onde o nome não o sugere. No Oblast Autónomo Judaico, a percentagem real de habitantes judeus é de apenas 0,9% e eles são apenas o terceiro maior grupo populacional do país, depois dos russos e dos ucranianos.

O russo é a língua oficial em todo o país. Em muitas regiões, o vernacular é utilizado em paralelo como língua oficial secundária. O governo russo está empenhado em promover a utilização da língua regional como património cultural e em evitar a sua extinção. Por conseguinte, são utilizados como língua de instrução paralela ao russo. Um grande número de canais de televisão e estações de rádio, bem como jornais, utilizam estas línguas vernaculares estabelecidas local e regionalmente. Embora seja atribuída grande importância à existência continuada destas línguas, o governo não tolera quaisquer excepções no que diz respeito à língua escrita. O alfabeto cirílico é o único alfabeto oficialmente aprovado. Neste contexto, a República do Tartastão tinha uma posição especial, na qual apenas o alfabeto latino foi utilizado até 2004. Até esse ano, a língua Tártara era utilizada apenas neste alfabeto como forma de resistência por parte da população de língua russa. No entanto, o governo e o Tribunal Constitucional russo proibiram esta prática, uma vez que um guião uniforme era indispensável para a unidade do país, tal como o governo anunciou.

RELIGIÃO NA RÚSSIA

De acordo com a Constituição, a Federação Russa é um Estado laico. Isto significa que nenhuma religião é prescrita pelo governo.

Na antiga União Soviética, prevaleceu o ateísmo imposto pelo Estado. A Rússia de hoje, no entanto, como um todo, invoca uma forte tradição ortodoxa russa. Após a queda dos soviéticos, a população russa regressou à fé cristã relativamente depressa. No entanto, não é possível fazer declarações fiáveis sobre a completa propagação das várias religiões. Uma das razões para tal é que as congregações eclesiásticas não registam oficialmente os seus membros. Além disso, não é cobrado qualquer imposto eclesiástico na Rússia, o que torna o registo oficial ainda mais difícil. Por estas duas razões, 35 a 75 por cento da população é atribuída à fé ortodoxa russa, dependendo da forma como se olha para ela. No entanto, esta estimativa é muito vaga. 25 a 35 por cento dos russos descrevem-se a si próprios como não-religiosos ou ateus. Os agnósticos representam 20 a 25 por cento, e 7 a 15 por cento professam o islamismo. Com base nestes números, é quase impossível dar uma imagem precisa das várias denominações na Rússia. Mesmo em sondagens directas, as afirmações diferem consideravelmente. Os mais credíveis parecem ser os resultados das sondagens do All-Russian Centre for Public Opinion Research a partir de 2010. Nos resultados, 75 por cento de todos os habitantes são atribuídos à fé ortodoxa russa. Aí, estima-se que os muçulmanos representam um total de 8% do total. Este resultado parece ser representativo, pelo menos em certa medida, uma vez que é citado por fontes estatais. Os inquéritos mais recentes após 2010 não estão disponíveis. Também podem ser feitas estimativas aproximadas, na melhor das hipóteses, sobre a proporção dos que são considerados crentes praticantes.

O SISTEMA DE SAÚDE RUSSO

De acordo com a Constituição, todos os cidadãos russos têm direito a tratamento médico gratuito. Na prática, contudo, este princípio é muito duvidoso. O sistema de saúde russo está pouco desenvolvido. Os hospitais, em particular, estão mal equipados e são financiados de forma inadequada. Além disso, os poucos funcionários disponíveis têm de trabalhar à base de trabalho à peça. Para além dos cuidados de saúde básicos garantidos, os residentes russos podem melhorar a sua situação, subscrevendo seguros complementares privados (dispendiosos). No entanto, são muitas vezes os empregadores que fornecem seguros de saúde aos seus empregados ao abrigo de um pacto social. Esta é também a principal fonte de rendimento para o sistema de saúde. Basicamente, o governo sempre procurou reformas para melhorar os cuidados de saúde para a população. No entanto, estes esforços têm sido de pouca utilidade. Especialmente no início dos anos 90, as estruturas soviéticas foram, em grande parte, mantidas. Até à data, não se registaram melhorias significativas. É por esta razão que a confiança da população no seu próprio sistema de saúde está a diminuir. Ainda em 2009, um terço dos inquiridos num inquérito afirmou que preferia não consultar um médico se estivesse doente. Os hospitais são considerados como estando muito afastados dos padrões de higiene actuais. O mau estado de saúde reflecte-se na demografia. A mortalidade infantil é elevada, a 11 por 1.000 nascidos vivos.

Existem enormes diferenças entre homens e mulheres em termos de saúde da população. Em 2018, a esperança de vida de um homem russo era em média 10 anos mais baixa do que a das mulheres russas. Um quarto dos homens russos morre antes de atingir a idade de 55 anos. Para as elevadas taxas de mortalidade, especialmente entre os homens, o consumo maciço de álcool na Rússia é - como já foi mencionado - responsável ou pelo menos significativamente envolvido. O alcoolismo é uma doença generalizada. Presume-se que cerca de 19% dos homens e 2% das mulheres russos consomem regularmente pelo menos meio litro de bebidas espirituosas - geralmente vodka - por semana. Segundo os médicos, a quantidade consumida não é causalmente responsável pelo aumento da letalidade, mas sim pelo padrão de consumo, o que inclui os episódios extremos de consumo. Nas classes mais pobres, são também consumidas bebidas mistas

feitas a partir de produtos de limpeza ou perfume. O governo está consciente do problema, mas só lentamente o está a resolver. Têm sido feitos esforços desde os tempos soviéticos. Quando Mikhail Gorbachev aumentou o preço da vodka em 1987, os homens russos mudaram para licor e perfume caseiro e por vezes tóxico. Entretanto, as campanhas governamentais de educação parecem estar a dar frutos. O consumo de álcool está a diminuir e a esperança de vida também está a aumentar entre os homens. Contudo, a Rússia está também a lutar contra outras doenças que já não desempenham um papel proeminente na Europa. Exemplos disso são a sífilis ou a tuberculose.

O SISTEMA JURÍDICO RUSSO

O fim da União Soviética marcou também um ponto de viragem na jurisprudência russa. Enquanto na era soviética os tribunais eram apenas devidos ao Partido Comunista, o Estado sucessor foi declarado Estado constitucional. Para tal, era indispensável uma separação de poderes independente e o poder judicial deveria finalmente tornar-se independente. No entanto, não há praticamente quaisquer sinais na vida quotidiana russa de que este plano tenha realmente funcionado. A confiança dos russos nos seus tribunais é baixa. Apenas um quarto da população considera que os seus juízes são dignos de confiança e verdadeiramente independentes. Esta desconfiança não é novidade e tornou-se enraizada ao longo de um longo período de tempo. O poder judicial sempre foi considerado não como um meio real de administrar a justiça de forma justa, mas sim como um instrumento eficaz para manter o poder do Estado. Esta afirmação nunca foi realmente negada, nem mesmo por Vladimir Putin. Em vez disso, o presidente declarou que os tribunais também têm o propósito de fazer a sua parte em prol da estabilidade interna da Rússia. Basicamente, então, o pensamento predominante entre a população é que o sistema judicial russo não funciona realmente. Este ponto de vista também foi registado no Kremlin. O governo russo aponta sempre para a corrupção e a venalidade dos juízes para justificar o fracasso. Esta atitude é partilhada pelos cidadãos. Em suma, é geralmente bem sabido que os tribunais russos não funcionam. Quando Dmytri Medvedev se tornou presidente a partir de 2008, o tom e a abordagem mudaram. Medvedev foi um firme opositor deste estado de coisas e procurou reformas para um sistema judicial independente. Esta tendência só se manteve até Putin se tornar novamente presidente. Putin parecia querer manter o sistema judicial deficiente. As reformas urgentes que Medvedev procurou acabaram por não dar em nada. Um fenómeno particular é a legitimação de actos pelo governo, por exemplo contra as forças da oposição. Só depois de uma detenção é que os tribunais concluem que esta detenção era legalmente válida - e não o contrário. Assim, os tribunais servem para reprimir e estabilizar a elite do poder. A justiça só é administrada enquanto não afectar os interesses políticos e económicos dos poderosos.

Em comparação com a posição que é realmente importante, os juízes russos são mal pagos. Embora os salários tenham aumentado, continua a existir uma dependência financeira em relação a honorários e bónus. Ao mesmo tempo, os juízes são altamente dependentes do seu superior, o presidente do tribunal, que encaminha casos individuais para os respectivos juízes sem dar quaisquer razões decisivas. Isto resulta na possibilidade de dirigir o resultado de um processo. Os presidentes dos tribunais também têm uma influência directa sobre os juízes, por exemplo, ao decidirem sobre a distribuição das habitações oficiais. A Rússia também adopta uma abordagem especial na formação dos juízes. A obtenção de uma posição como juiz através do estudo do direito - e, portanto, como advogado - é praticamente impossível. Em vez disso, os futuros juízes são recrutados a partir dos círculos policiais e do Ministério Público. Os candidatos destes círculos são atestados por conhecimentos abrangentes - pelo menos essa é a legitimação oficial. Em regra, estes candidatos têm também um diploma de Direito e cinco anos de experiência profissional num dos campos profissionais que acabam de ser mencionados.

Os procuradores de hoje já não exercem o mesmo poder que exerciam na era soviética. Naquela época, os procuradores tinham sobretudo a tarefa de supervisionar a administração da justiça pelos juízes e não necessariamente de proteger os interesses do Estado. Isto acontecia porque os juízes eram, em regra, extremamente leais à linha. Assim, aconteceu que no período que antecedeu uma audiência judicial, o resultado desejado foi ditado aos juízes por telefone pelas elites do Partido Comunista. Após o fim da era soviética, os poderes dos advogados foram cerceados. Certas liberdades não encontradas noutros Estados permaneceram, no entanto, para os procuradores russos. Por exemplo, ainda é possível intervir em processos civis - mesmo que uma sentença já se tenha tornado definitiva. A Rússia tem ganho repetidamente críticas internacionais por esta prática, uma vez que constitui uma interferência na segurança jurídica. Um julgamento justo não é dado apesar de um veredicto em processos civis, uma vez que pode ser contestado pela acusação. Já na União Soviética, os advogados russos não tiveram um julgamento fácil e foram sujeitos ao Partido Comunista. Nunca houve qualquer questão de uma verdadeira defesa criminal. Este sistema continuou muito tempo após a fundação da Federação Russa. As reformas estavam a chegar há muito tempo. Só em 2014 é que a profissão

jurídica se dissociou da política, tendo assim pela primeira vez a possibilidade de auto-administração. Ainda hoje, a profissão de advogado na Rússia não está isenta dos seus perigos. São conhecidos casos em que advogados que defendiam posições impopulares foram presos e até morreram.

O Tribunal Constitucional russo foi uma das primeiras instituições criadas após a criação da Federação Russa em 1990. Nos seus primórdios, o Tribunal Constitucional funcionava de acordo com o Estado de direito. Foi feito um cálculo rigoroso com as injustiças da era soviética. Isto suscitou esperanças de que um sistema judicial independente estivesse a preparar o caminho na Rússia pela primeira vez. Mas esta ideia rapidamente se transformou no oposto. Vladimir Putin utilizou habilmente o Tribunal Constitucional como estabilizador para o seu governo. Um grande número de decisões reforçou o poder do presidente. Estas decisões foram justificadas pela possibilidade de poder reagir adequadamente a ameaças externas. Basicamente, o Tribunal Constitucional decide sobre questões importantes de política estatal, mas em regra não se pronuncia contra os decretos do governo.

Porque os tribunais russos não são considerados justos, mas sim profundamente corruptos, o Tribunal Europeu dos Direitos do Homem (TEDH), sediado em Estrasburgo, está a sofrer uma verdadeira investida de queixosos da Rússia. Em alguns anos, o TEDH já recebeu mais de 40.000 processos russos por mês. As violações da Convenção envolvem frequentemente condições nas prisões russas ou queixas sobre a conduta das tropas russas no conflito checheno. Durante muitos anos, as condenações foram aceites pelo Tribunal Europeu na Rússia. Os danos foram pagos às vítimas na maioria dos casos sem queixa. Em 2015, contudo, o Tribunal Constitucional russo decidiu que os acórdãos da CEDH devem ser primeiro reconsiderados pelo Tribunal Constitucional russo. Devido à referida obediência ao Estado, a maioria dos acórdãos do TEDH são rejeitados e os pagamentos de indemnizações não se concretizam cada vez mais.

O sistema penal russo tem uma vasta gama de opções de sentenças. O juiz competente tem uma enorme margem de manobra. A pena de morte já foi abolida na Rússia sob o comando de Boris Ieltsin e foi legalmente abolida pelo Tribunal Constitucional em Novembro de 2009. Em teoria, a prisão

perpétua é a forma mais severa de punição. As penas variam desde multas, trabalhos forçados, colocação em reformatórios militares, detenção, e proibições de exercício de funções até restrições ao serviço militar.

O SISTEMA EDUCATIVO NA RÚSSIA

O sistema educativo russo está dividido em quatro secções. Para além do ensino escolar geral e da formação profissional, existe a possibilidade do ensino superior, bem como do ensino pós-graduado, tais como programas de mestrado.

O sistema educativo da Federação Russa baseia-se muito no sistema escolar da época da União Soviética, que foi ideologicamente influenciado ao longo da sua vida e sempre seguiu a doutrina do Estado. Só depois de protestos maciços da população é que as reformas organizacionais urgentemente necessárias tiveram lugar.

Hoje em dia, o ensino geral escolar está dividido em três níveis: A escola inferior, a escola média e a escola superior. Existe a escolaridade obrigatória. Normalmente, as crianças começam a sua escolaridade com a idade de 6,5 a 7 anos. Se os pais quiserem que a criança comece a escola aos seis anos de idade, deve ser emitido um certificado psicológico apropriado. A frequência da escola primária dura quatro anos. Segue-se o ensino secundário inferior obrigatório, que dura mais cinco anos e dá direito ao aluno a frequentar o ensino secundário superior. Depois de mais dois anos, um "Reifezeugnis" pode ser levado para lá, o que corresponde aproximadamente ao Abitur alemão, mas não é aceite na Alemanha sem mais qualificações adicionais. Com um tal certificado de maturidade como tal, não é portanto inicialmente possível frequentar uma universidade alemã. Esta circunstância resulta do facto de o ensino escolar na Rússia ser encurtado em comparação com as escolas alemãs. Em vez da escola secundária superior, os alunos russos podem também completar a formação profissional. Esta é concebida como um curso de formação dupla e está sempre orientada vocacionalmente; o conteúdo das disciplinas gerais está também orientado para a profissão pretendida.

Após a obtenção do Certificado de Tiro Russo (nome completo: "Certificado de Ensino Secundário Completo"), três formas de ensino superior (universidade, academia e instituto) estão disponíveis para os diplomados do ensino secundário superior. Os estudos de primeiro grau nas universidades estatais são gratuitos na Rússia. No entanto, as taxas aplicam-se ao frequentar universidades privadas e ao completar um segundo grau.

Enquanto as universidades russas oferecem um espectro bastante amplo de educação, as academias tendem a especializar-se em ciências individuais e cursos de estudo. Os chamados institutos abriram as suas portas aos estudantes pela primeira vez em 1990 e também oferecem actividades limitadas. A introdução destinava-se a desenvolver ainda mais a competitividade das universidades estabelecidas.

Uma vez que as escolas baixas e médias russas, em particular, são consideradas "escolas de massas", as escolas públicas estão em plena expansão na Rússia, algumas das quais cobram taxas elevadas. A tutoria é também muito popular na Rússia e serve não só para ajudar nos trabalhos de casa, mas também para elevar o estatuto social e o reconhecimento do nível de conhecimento dos estudantes em questão.

- Capítulo 3 -

A POLÍTICA EXTERNA DA RÚSSIA

Se olharmos para a história da Rússia, vemos que este país tem tido uma posição dominante face aos seus vizinhos imediatos, pelo menos desde Kievan Rus. Na estrutura internacional global, contudo, a Rússia foi considerada atrasada durante muito tempo. A auto-imagem russa conhece apenas um rumo: a Rússia é uma potência regional, mas quer ser vista como uma superpotência na política externa. Quando a Crimeia foi anexada em 2016, a Rússia sublinhou esta afirmação. Desfiles militares gigantescos faziam lembrar a imagem externa da República Popular da China, que se destinava a sublinhar o seu poder.

As relações com o Ocidente são permanentemente tensas. A tensão segue-se ao détente e vice-versa. Enquanto durante a Guerra Fria os EUA e a União Soviética e os seus respectivos aliados se enfrentaram frente a frente, uma cesura teve lugar com o colapso da União Soviética. A Rússia estava preocupada com os seus próprios problemas devido às convulsões políticas internas e dificilmente poderia ser descrita como uma potência geopolítica. Enquanto houve uma aproximação com o Ocidente e especialmente com a Europa até meados dos anos 2000, os blocos de poder afastaram-se novamente no período seguinte. Com Vladimir Putin ao leme do poder, a Rússia reorientou-se, o mais tardar, após a guerra na Geórgia. Uma citação marcante é a declaração de Putin na 43ª Conferência de Segurança de Munique em 2007, na qual o presidente falou da necessidade de repensar toda a arquitectura da segurança global. Esta declaração foi claramente dirigida aos EUA. Isto foi interpretado como um sinal para restaurar a esfera de poder original dos tempos da União Soviética. Como resultado, a Rússia interveio no Médio Oriente e, portanto, numa área que é também considerada uma esfera de interesse para os EUA. Pela primeira vez, a Rússia apareceu novamente com autoconfiança internacional.

Enquanto nos séculos passados a Rússia foi sempre vista como o epítome do atraso técnico, foi possível, especialmente no contexto militar, transformar o exército numa força armada modernamente equipada e bem treinada. Isto foi possível graças às fases de recuperação económica e à

suavização dos acordos de armamento existentes. Com novas técnicas no campo dos mísseis hipersónicos, os garantes de segurança ocidentais, tais como o sistema de defesa antimísseis da Europa de Leste, tornaram-se quase ineficazes. Assim, pela primeira vez, a Rússia tinha ultrapassado o Ocidente em tecnologia militar, ou pelo menos tinha-se colocado a um nível igual.

As actividades cibernéticas da Rússia são vistas como ameaçadoras, por exemplo ao influenciarem os assuntos internos de outros Estados. Neste contexto, as eleições presidenciais nos EUA em 2016 devem ser mencionadas. Embora a influência directa não tenha sido ou não pudesse ser provada, a maior preocupação foi causada pelo facto de a Rússia ser capaz de qualquer possibilidade. Para além destas opções de interferência extensiva, que criaram uma atmosfera tensa, a guerra na Ucrânia agravou particularmente os contactos e parcerias comerciais com a União Europeia. Devido às sanções ocidentais, a economia russa entrou inicialmente numa fase de recessão. Com novos parceiros comerciais e uma nova orientação no comércio interno, a Rússia conseguiu trazer a sua economia de volta ao seu desempenho anterior a 2013 em 2019, antes do início das sanções.

Ao suavizar ou reorganizar a cooperação internacional, a Rússia estabeleceu uma nova rede, que se definiu inicialmente através da venda de armas. Assim, o país prossegue o plano de celebrar contratos de venda de armas com os parceiros comerciais estrangeiros que, por razões políticas, se recusam a cooperar com os EUA ou outras nações ocidentais. As exportações de armas foram para a Nicarágua, Cuba ou Venezuela. A República Popular da China é de particular importância na política externa russa. Por um lado, é considerada um concorrente geopolítico e económico, mas, por outro lado, é vista como um parceiro cada vez mais importante.

A AUTO-IMAGEM RUSSA

Como já foi mencionado, a auto-imagem da Rússia mudou de uma potência regional para um actor geopolítico. Um grande desafio aqui é a consolidação das suas próprias fronteiras (assumidas). A anexação da Crimeia faz parte disto. Pois no entendimento da própria Rússia, esta região é uma parte óbvia da Rússia. Esta ideia é legitimada pela minoria russa que vive na Ucrânia. A pressão sobre estes e outros antigos Estados da União Soviética por parte da Rússia é grande. Se o controlo relativo destes Estados vizinhos não for possível, a intervenção militar, como na Ucrânia ou Geórgia, é uma opção aparentemente legítima. Fora desta esfera de poder, o Kremlin está a analisar o panorama geopolítico em busca de possibilidades. Para alguns observadores, por exemplo, é evidente que a intervenção na Síria tem menos a ver com o contra-terrorismo do que com a procura de um porto para a frota russa no Mediterrâneo. Este maior envolvimento no Médio Oriente é assim visto como um sinal visível da intensificação da procura de possíveis pontos para bases estrangeiras.

Embora crises como a da Ucrânia e as consequentes sanções por parte da União Europeia tenham abalado os pontos comuns com a Rússia, não é o caso de um pensamento de bloco isolado que resulta. O Kremlin está bem ciente de que a UE é um parceiro importante - e vice-versa. Devido a uma escalada de conflitos internacionais como o terror do Estado islâmico e os consequentes movimentos migratórios, é evidente que uma pacificação do Médio Oriente é de interesse mútuo. A Síria, em particular, e a guerra civil permanentemente latente, é um ponto focal em termos da política externa e de segurança da Europa, da Rússia, mas também dos EUA. O inimigo comum, o SI, foi assim combatido em conjunto. A Rússia, contudo, tem um papel proeminente na política do Médio Oriente. O país tem uma parceria mais estreita com muitos Estados desta região do que seria o caso de muitas nações ocidentais. Assim, o Kremlin tem um significado especial como mediador, especialmente no caso de conflitos que devem ser resolvidos sem o uso de força militar. Para qualquer nova escalada no Médio Oriente e na Síria em particular, aumentaria ainda mais a pressão sobre a Europa, da qual a Rússia também faz parte. Especialmente nos Estados situados na fronteira oriental da Europa, o papel da Rússia como mediador desempenha assim um papel proeminente.

Não só a guerra civil na Síria é significativa para os movimentos migratórios como em 2015. O mesmo se aplica, na mesma medida, à guerra civil na Líbia, que está em curso desde 2014. Os refugiados que chegam à Europa através do Mediterrâneo chegam inevitavelmente a Estados mediterrânicos como Itália ou Espanha, que se encontram entre os maiores países de trânsito da UE. A União Europeia, por outro lado, está interessada em fronteiras externas estáveis. Um papel de mediação por parte da Rússia, que poderia ajudar a resolver o conflito, é assim do interesse da UE. Outro exemplo foram os esforços de mediação do Kremlin no conflito latente entre os EUA e o Irão. Neste caso, a intervenção diplomática tornou possível a conclusão do acordo nuclear e, portanto, um acordo que foi de enorme interesse para a Europa e os EUA. Quando o desacordo entre o Irão e os EUA estava iminente, a Rússia conseguiu mediar habilmente. Evidentemente, isto não foi feito sem perder de vista os seus próprios interesses. Em particular, o Médio Oriente foi maciçamente perturbado pela política externa errática e imprevisível do antigo Presidente dos EUA, Donald Trump. Os novos laços de aproximação devem agora ser forjados de novo. Assim, o papel da Rússia como mediador também se tornará mais intensivo no futuro. A Fundação Konrad Adenauer resume-o claramente: "Sem a Rússia, uma solução previsível e pacífica nos Estados individuais e nos seus complexos de problemas é dificilmente concebível".

O papel de mediação que a Rússia deve desempenhar desta forma esbarra contra a actual situação geopolítica. Assim, enquanto a Federação é vista como importante, a forma como a Rússia lida com ela é tomada como uma ofensa maciça. Tal como mencionado, a Rússia encontra-se na posição de outsider na Europa após a crise da Crimeia. Esta posição toma a forma de sanções. Isto significa um encerramento do país de uma perspectiva europeia. E a Rússia não está sozinha aqui. A China vê-se também confrontada com uma forma de encerramento. A República Popular está a ser sujeita a enormes tarifas punitivas por parte dos EUA e está numa guerra comercial com os Estados Unidos. Ambos os países se encontram, portanto, numa posição comparável. Isto manifesta-se num aumento do sentimento anti-ocidental e na formação de blocos. Isto acontece porque este isolamento só está a acontecer unilateralmente em relação ao Ocidente. Por esta razão, a Rússia procura contacto com a China: um grande número de Estados asiáticos já uniram forças na Organização de Cooperação de

Xangai, ou SCO, para abreviar. A formação de um bloco já começou, portanto. O Kremlin está bem ciente destes detalhes, o que coloca a Rússia numa posição muito confortável. Sabendo perfeitamente que a Rússia desempenhará um papel de liderança em futuros conflitos, especialmente como mediador, a retórica da comunicação é uma interacção de aproximação e distanciamento, dependendo da posição de partida que seja importante para os interesses políticos do Kremlin na altura. Para os observadores ocidentais, isto é expresso numa retórica definida por uma mistura de palavras exageradamente duras e apaziguamento. Esta linha é apoiada pelas próprias reivindicações do país. Os Estados europeus são grandes consumidores de gás russo. A continuação das exportações é do interesse da Rússia; afinal de contas, promete um volume de negócios considerável. Assim, a Rússia não quer nem pode passar sem a Europa, e vice-versa. Esta situação é aproximadamente comparável à relação ambivalente entre os EUA e a China. Especialmente durante a administração do antigo Presidente dos EUA, Donald Trump, os Estados Unidos foram extremamente críticos em relação à China. A acusação era de que os produtos chineses extremamente baratos estavam a prejudicar o mercado dos EUA. Apesar de haver, naturalmente, alguma verdade nesta afirmação: Ambos os países são as maiores economias do mundo e o parceiro comercial mais importante um do outro. E de longe. Medido em termos de produto interno bruto, a economia russa não consegue acompanhar o ritmo. O PIB russo (1,702 mil milhões de dólares) em 2019 era menos de metade do da Alemanha (3,861 mil milhões de dólares). Em comparação, os EUA tinham um PIB de 21,433 biliões de USD em 2019 e a República Popular da China de 14,732 biliões de USD. A Rússia não está incluída na lista dos 10 primeiros e ocupava o 11º lugar em 2019, logo atrás do Canadá (1,736 mil milhões de USD).

O facto de a integração da Rússia na Europa ter sido frequentemente aspirada e, devido a várias razões, falhado na sua totalidade, já foi estabelecido várias vezes na extensa história da Rússia. No entanto, hoje em dia, esta ideia é também considerada pela parte europeia como um objectivo importante. Tal como Vladimir Putin a formulou na 43ª Conferência de Segurança, uma nova forma de pensar sobre segurança para o continente europeu é também necessária para a UE. O mais tardar desde os ataques terroristas ao World Trade Center a 11 de Setembro de 2001 e os ataques

maciços do Estado islâmico na Europa e na Rússia em meados dos anos 2010, é evidente que as ameaças do futuro e do presente não virão - ou pelo menos não virão obviamente - dos governos de outras nações. É agora necessário responder a estes desafios. Que a Europa, incluindo a Rússia, se torne uma "casa de segurança" comum não é uma ideia nova. Até Mikhail Gorbachev e o antigo Chanceler Helmut Kohl pensaram em voz alta sobre esta possibilidade. Hoje em dia, declarações fraternizantes como estas já não são necessariamente sublinhadas incondicionalmente. Em geral, a aproximação de alguns Estados europeus parece aos observadores russos como um processo de licitação. Também nos Estados da UE, os avanços de alojamento são frequentemente criticados. Um exemplo é a controversa discussão interna sobre as ligações comerciais com o gigante russo do gás Gazprom.

EXCURSUS: O EX-CHANCELER E O PRESIDENTE

Gerhard Schröder, o antigo Chanceler da Alemanha, tinha uma relação especial com a Rússia, Vladimir Putin e a companhia de gás Gazprom. Schröder assumiu um cargo bem pago na empresa de energia após o seu mandato como presidente do conselho de supervisão. O antigo político foi criticado por isso na Alemanha, mas também (ocasionalmente) foi encorajado a reforçar as relações Leste-Oeste. Não há dúvida de que Schröder e Putin partilham aquilo a que se pode chamar uma "amizade masculina". É bem sabido que a relação transcende o espectro político. Por exemplo, Putin convidou Schröder para a sua festa de aniversário e vice versa.

Do lado russo, a potencial influência nas eleições de 2016 nos EUA continua a dificultar a aproximação. A Rússia, contudo, está muito consciente da sua importância geopolítica como amortecedor entre o Ocidente e o Extremo Oriente, ou seja, entre os EUA e a Europa, de um lado, e a China, do outro. Devido à mudança de uma ordem mundial unipolar desde o fim da Guerra Fria para uma ordem mundial multipolar, um conflito entre as duas facções continua a parecer inevitável, independentemente das relações comerciais estreitas e de longo alcance. No entanto, isto não quer dizer que se trate de um conflito de natureza militar.

Pelo contrário, as tensões continuarão a aumentar. A Rússia encontra-se assim agora numa situação favorável para escolher os seus parceiros.

Agora surge a questão: Qual é a hipótese de um bloco se formar com a Rússia como aliado da China? A pergunta não é certamente fácil de responder. No entanto, as tensões entre os dois Estados não podem ser descartadas. Isto também pode ser encontrado na história das relações entre os dois países. Ambos foram comunistas no passado. No entanto, a definição de comunismo era muito diferente. Tanto que ambos os estados se rejeitaram mutuamente, bem como a forma de governo um do outro. Hoje, a relação é mais relaxada e caracterizada por interesses económicos.

Especialmente nas zonas fronteiriças entre a Rússia e a China, existem muitos recursos, tais como petróleo, carvão e gás. A fome de energia da China é notória e há muito tempo que a procura de matérias-primas como o carvão não pode ser coberta pela produção interna da China. Resta saber como é que a liderança da República Popular da China irá lidar com os fornecimentos russos. O que é certo, porém, é que já existe pelo menos uma tensão subjacente entre os dois países. Uma ligação mais estreita com a China iria inevitavelmente criar desvantagens para o Kremlin. No caso de uma aliança completa com a República Popular, a Rússia renunciaria a parte da sua reivindicação. Para a China quer ser e permanecer a superpotência que já é - não há lugar no cosmos chinês para um parceiro ao nível dos olhos. Com um aperto de mão, a Rússia está assim ameaçada com uma degradação que não está prevista na auto-imagem da Rússia. No entanto, o papel da Rússia seria muito mais proeminente se ela cerrasse fileiras com a Europa. É por isso que as declarações de Vladimir Putin sugerem que laços mais estreitos com a União Europeia poderiam ser a primeira escolha, sem, contudo, considerar isto uma necessidade totalmente abrangente. Basicamente, a actual aproximação entre a Rússia e a China é mais uma parceria de conveniência, uma vez que ambos os Estados têm uma posição claramente isolada no contexto internacional devido a sanções maciças.

RÚSSIA E ESTADOS UNIDOS

A relação entre a Rússia e os EUA teve um início positivo após o colapso da União Soviética e o fim da Guerra Fria e desde então tem sido marcada por uma deterioração permanente. Após a tomada de posse de Boris Yeltsin, o então Presidente dos EUA, Bill Clinton, apoiou a desejada reconstrução democrática da Rússia. A ideia por detrás disto foi certamente caracterizada pelo clima positivo de partida após a desintegração do Bloco de Leste e pela esperança de uma paz global estável e a longo prazo. A ideia central dos EUA, porém, era impedir a todo o custo o retorno do comunismo através do rápido estabelecimento de estruturas democráticas. Em público, Clinton e Ieltsin enfatizaram a sua ligação e encenaram uma espécie de amizade masculina. Após a crise dos anos 90, a Rússia retomou um papel mais auto-confiante após a tomada de posse de Vladimir Putin. Os conflitos militares do Presidente dos EUA George W. Bush no Iraque e no Afeganistão foram rejeitados pelo Kremlin. A integração sustentada da Rússia na comunidade internacional de Estados, como a sua admissão no G8, foi salientada pelo Ocidente como um marco notável, mas foi recebida com uma certa indiferença e rejeição do lado russo.

O desinteresse visível em aderir às regras internacionais universalmente válidas do jogo tornou-se muito claro com a anexação da Crimea em 2014. A situação global e a relação entre os EUA e a Rússia ficou permanentemente nublada. O governo dos EUA respondeu com uma série de sanções contra indivíduos russos. Foram impostas proibições de entrada e os bens estrangeiros foram congelados. Em 2016, houve alegada interferência da Rússia nas eleições presidenciais americanas, nas quais os candidatos Hillary Clinton e Donald Trump concorriam. As relações diplomáticas deterioraram-se em 2018 quando hackers - suspeitos de serem da Rússia - levaram a cabo uma série de ciberataques contra fornecedores de energia dos EUA. Em resposta, foram impostas mais sanções, visando empresas de armamento, oligarcas e as suas empresas. Não houve sanções impostas pela Rússia contra os EUA. Isto deve-se provavelmente ao facto de as importações provenientes da União Europeia em particular, que também impuseram sanções ainda mais abrangentes à Rússia do que aos EUA, terem excedido em muito as exportações da Rússia. Um efeito punitivo não teria ocorrido, uma vez que o Ocidente não está

excessivamente dependente dos bens comerciais russos. Inversamente, porém, este é muito o caso.

A 1 de Fevereiro de 2019, o Presidente dos EUA, Donald Trump, pôs unilateralmente termo ao Tratado INF, o que constituiu um marco na resolução da Guerra Fria quando este foi assinado em 1987. O tema do tratado era a destruição de mísseis de longo alcance e de médio alcance. No dia seguinte, o governo russo anunciou que também se retiraria do Tratado INF em Julho de 2019.

A RÚSSIA E A UNIÃO EUROPEIA

Embora tenhamos estabelecido que a UE e a Rússia estão imensamente ligadas política e historicamente e que a importância uma da outra é grande para ambas as partes, a relação actual é, no entanto, fortemente tensa. A anexação da Crimeia, as relações da Rússia com os seus países vizinhos, bem como as actividades cibernéticas ilegais, estão a turvar gravemente as relações. Este nem sempre foi o caso no passado recente. As relações aprofundaram-se inicialmente desde o início dos anos 2000. A União Europeia e a Rússia encontraram denominadores comuns em questões relacionadas com o comércio, economia, alterações climáticas, segurança e muitos outros domínios. Uma interrupção a curto prazo - mas de forma alguma um fim definitivo - foi a guerra na Geórgia em 2008. Quando a Rússia aderiu à Organização Mundial do Comércio em 2012, isto foi considerado um marco na história da amizade russo-europeia, de uma perspectiva europeia. A anexação da Crimeia, que foi classificada pela comunidade internacional como ilegal ao abrigo do direito internacional, marcou também um ponto de viragem neste contexto. O aparente apoio do Kremlin aos rebeldes pró-russos na Ucrânia levou a uma maior afiação do tom. A UE e os seus estados membros reagiram com alguma firmeza, "submetendo as relações com a Rússia a escrutínio", como o Parlamento Europeu registou. Outros esforços de cooperação foram interrompidos, as cimeiras foram canceladas e as discussões existentes sobre entrada e viagem foram encerradas. Globalmente, as sanções da UE foram mais severas do que as impostas pelos EUA. Foram impostas mais restrições de viagem a determinados indivíduos, as contas foram congeladas e as empresas e instituições foram impedidas de fazer negócios. As sanções destinavam-se principalmente a empresas e indivíduos que estão ou estavam em actividade na Crimeia. Todas as empresas estabelecidas na União Europeia foram subsequentemente proibidas de adquirir bens imobiliários e negócios na Crimeia. Todas as ofertas turísticas foram também proibidas. O Parlamento Europeu retirou brevemente os direitos de voto de todos os deputados russos.

Para contornar as sanções, os empresários russos conduziram os seus negócios em segredo. As grandes transacções eram cada vez mais ocultas. Todo este desenvolvimento conduziu a um isolamento maciço da Rússia.

Assim, a ideia por detrás das sanções funcionou. O objectivo declarado da UE é reconstruir as relações com o Kremlin através dos canais diplomáticos. Se for alcançada uma aproximação, há a perspectiva de aliviar as sanções contra a Rússia. Mas a Rússia respondeu antes com gestos ameaçadores. As manobras da força aérea russa tiveram lugar sobre o Mar Báltico, o que causou grande preocupação, especialmente nos Estados Bálticos. O barulho do sabre foi acompanhado por um aumento maciço da propaganda anti-europeia, que foi implementada com sucesso: Segundo os inquéritos, mais de dois terços da população russa rejeitam veementemente a União Europeia.

O ano de 2015 marcou um arrefecimento adicional à hostilidade. Como reacção à propaganda em curso, o Conselho Europeu criou a "East StratCom Task Force". O objectivo desta equipa de comunicação é estabelecer um contrapeso ao retrato negativo da Europa nos meios de comunicação social públicos russos. A informação de que a imagem russa da Europa não corresponde à verdade é dirigida em particular aos Estados que se encontram na esfera de influência da Rússia, tais como Ucrânia, Geórgia, Bielorússia, Azerbaijão, Moldávia e Arménia. O grau de especialização desta task force europeia é visto como problemático, uma vez que apenas está disponível um pequeno orçamento e a informação é frequentemente transmitida por voluntários. Em contraste, existe um departamento especializado organizado pelo governo russo que lança campanhas de desinformação direccionadas e divulga notícias falsas que ou relatam de forma unilateralmente positiva sobre a Rússia ou de forma unilateralmente negativa sobre o Ocidente. Até 2017, a task force europeia conseguiu identificar 3.500 notícias falsas deste tipo.

EXCURSUS: AS ACTIVIDADES CIBERNÉTICAS DOS "PUTIN TROLLS"

Já em 2003, os internautas tornaram-se conhecidos por tentarem manipular a opinião pública no interesse do Kremlin através da utilização de identidades falsas. Embora este fosse ainda um fenómeno bastante marginal nessa altura, o número de mensagens enviadas pelos utilizadores conhecidas como "putin trolls" aumentou consideravelmente - especialmente no contexto do conflito na Ucrânia. No entanto, o nome não se refere directamente às criaturas

míticas nórdicas, mas a uma palavra-chave na cultura da rede: no jargão da rede, os trolls são aqueles utilizadores que querem agitar problemas e alimentar discussões, fazendo declarações provocatórias em fóruns da Internet.

Em 2015, foi fundada a União Económica Eurasiática. Os membros fundadores foram a Rússia, o Cazaquistão e a Bielorrússia. Entretanto, o Quirguizistão e a Arménia também aderiram à união. O objectivo desta união é facilitar o comércio, o intercâmbio de capitais e os serviços entre as nações participantes. Em geral, a União Económica Eurasiática é vista como um contra-conceito para a União Europeia, cuja fundação é definitivamente considerada um acto provocador. No mesmo ano, houve o ataque de hackers ao Bundestag alemão. Uma nova escalada e deterioração das relações entre a Europa e a Rússia ocorreu durante o caso Skripal em 2018. O residente britânico e ex-coronel do serviço de inteligência militar russo GRU foi publicamente envenenado com o agente nervoso Novichok, que é internacionalmente proscrito. Skripal sobreviveu ao ataque. As autoridades britânicas culparam a Rússia pelo acto e relações entre a Grã-Bretanha, a Europa e os EUA, por um lado, e a Rússia, por outro, atingiu um novo mínimo. Em Agosto de 2019 foi assassinado Zelimkhan Khangoshvili, um antigo comandante das milícias chechenas na Segunda Guerra da Chechénia. Desde 2002, as autoridades russas tinham estado à procura de Khangoshvili, que foi classificado como terrorista e posteriormente procurou asilo na Alemanha. Anteriormente, o checheno escondia-se na Ucrânia, mas já via perigo para a sua vida e para a da sua família naquele país. A 23 de Agosto de 2019, Khangoshvili foi morto a tiro no distrito de Moabit, em Berlim. Em Junho de 2020, o Procurador-Geral apresentou queixa contra um cidadão russo, ou Vadim Krasikov, que nasceu em 1965 na República Popular Socialista do Cazaquistão e é um forte suspeito do crime. A acusação foi acompanhada pela descoberta de que o assassinato foi cometido pela Federação Russa ou pela República Autónoma da Chechénia, como parte da Federação Russa. O assassinato é considerado parte de uma série de ataques a cidadãos chechenos, a maioria dos quais vive no estrangeiro.

Em Agosto de 2020, isto levou a um ataque envenenado contra o cidadão russo e o político da oposição Alexei Navalny. A Navalny sobreviveu ao ataque em território russo. Como resultado, a União Europeia impôs outra

série de sanções à Rússia. As contas foram congeladas e os altos funcionários políticos foram proibidos de entrar no país. O Kremlin reagiu às sanções expulsando diplomatas da Alemanha, Suécia e Polónia.

EXCURSUS: A RELAÇÃO GERMANO-RUSSA

O termo "alma russa" é místico e destina-se a explicar o que torna os russos "tiquetaque". E mais do que isso: o termo destina-se a explicar o comportamento por vezes bizarro. Basicamente, diz-se que o povo russo está inclinado a extremos e a realizar acções bastante precipitadas da maneira "tudo ou nada". Num contexto artístico, diz-se sempre que a Rússia tem uma tendência para a melancolia. Muitos cidadãos afirmam estar "habituados ao sofrimento". Existe uma relação especial com a Alemanha. Os alemães são geralmente considerados como espíritos afins, o que se exprime num certo fascínio, mas também medo. Um sinal deste fascínio pode ser encontrado na linguagem quotidiana, onde muitas palavras alemãs encontraram o seu caminho e são ocasionalmente percebidas como "frescas" pelos jovens russos. Exemplos aqui são palavras como "Achtung" ou "Vorsicht".

A RÚSSIA E A REPÚBLICA POPULAR DA CHINA

Na era soviética, a relação entre a Rússia e a sua vizinha China nunca esteve livre de preocupações, mas sim tensa, tensa e subarrefecida. A definição ideológica de "bom comunismo" variava enormemente entre os Estados. Basicamente, durante muito tempo a União Soviética como grande potência foi vista como uma ameaça para a República Popular. Assim, o medo de uma invasão da China pela Rússia persistiu durante muitos anos. No entanto, isto mudou com a desintegração da União Soviética. Desde o fim do Bloco de Leste, a relação melhorou. No conflito Leste-Oeste, a China estava em grande parte isolada internacionalmente entre os dois blocos, os EUA ou o Ocidente, e a União Soviética. Após a desintegração da União Soviética, no entanto, os EUA também mudaram de rumo. Até então, os Estados Unidos só tinham visto os soviéticos como a antítese do poder. Agora a China, impulsionada por uma forte expansão económica, juntou-se como um segundo rival para a supremacia global. A aproximação dos dois Estados seguiu-se obrigatoriamente. A Rússia via o fortalecimento da OTAN como uma ameaça, enquanto o governo chinês estava preocupado com uma potencial intervenção dos EUA em Taiwan. A fim de contrariar o poder americano em conformidade, ambos os Estados resolveram oficialmente todas as disputas num tratado em 1993. A crescente parceria foi aprofundada com o Tratado de Amizade Rússia-Chinês concluído em 2001. O conteúdo tratava do reforço da cooperação nos domínios da economia, militar e da investigação, bem como de muitos outros tópicos. Além disso, foi registado o acordo mútuo de que os futuros conflitos deveriam ser resolvidos de forma não violenta. A luta contra o terrorismo, o fanatismo religioso e o separatismo deverá ser levada a cabo conjuntamente no futuro. Este último foi também citado como motivo para a realização de uma grande manobra sob o nome "Missão de Paz 2005", na qual participaram quase 20.000 soldados de ambos os Estados. Seguiram-se outras manobras a uma escala comparável. Isto sempre causou grande alarme entre os observadores dos países ocidentais, tendo em conta o conflito em curso em Taiwan. No entanto, a Rússia e a China sublinham sempre que as manobras consistem em testar conceitos conjuntos de contra-terrorismo.

Na esfera económica, existe um animado intercâmbio entre os dois estados. No entanto, a balança comercial é comparativamente baixa. Durante o tempo da União Soviética, praticamente não houve comércio digno de menção devido às tensões entre os dois Estados. Isto só começou nos anos 90. Assim, dificilmente se pode falar de uma parceria comercial historicamente crescida. A Rússia importa principalmente têxteis da China, enquanto que o petróleo desempenha um papel importante no sentido inverso. A China depende dos combustíveis fósseis para impulsionar a sua economia em rápido crescimento. Já no início dos anos 2000, a produção interna de petróleo estava longe de ser suficiente para atingir este objectivo. O resultado foram negociações entre a Rússia e a China sobre a construção de um oleoduto russo. Para a Rússia, a exportação de petróleo é um negócio imensamente lucrativo. O Kremlin está ciente da posição especial da Rússia como um país enormemente rico em recursos. Por isso, foi decidido construir o oleoduto mencionado, mas sem condições especiais. Não foi concedido um desconto aos chineses, apesar dos grandes gestos simbólicos de unidade entre os dois países, tais como o tratado de amizade. O Kremlin sabe como utilizar habilmente as gigantescas reservas de petróleo e a crescente procura da China como meio de poder.

- Capítulo 4 -

A ECONOMIA DA RÚSSIA

Trinta anos após o colapso da União Soviética e a fundação da Federação Russa, o país ainda se encontra num processo de transformação económica. A antiga economia de planeamento central foi transformada passo a passo numa economia de mercado. A Rússia tem o quinto maior produto interno bruto dos Estados da Europa. Numa comparação internacional, a Rússia ocupa a décima primeira posição em termos de PIB. É evidente que o país ainda não esgotou todo o seu potencial. No entanto, estas são enormes. A Rússia é considerada o país com mais recursos na Terra. O solo russo contém cerca de 30% dos recursos naturais do mundo, cujo valor total é estimado em 844 mil milhões de dólares pelo Ministério dos Recursos Naturais e Ambiente russo. O gás natural e o petróleo bruto estão disponíveis em grandes quantidades. Evidentemente, esta é uma vantagem imensa, porque a procura global continua (ainda) inalterada, apesar das alterações climáticas. As receitas de exportação de gás e petróleo constituem a maior parte do saldo total das exportações. No entanto, a falta de diversificação torna a economia russa extremamente vulnerável a influências externas. Em resumo: a economia está a zumbir, mas instável.

As razões para este desenvolvimento unilateral podem ser encontradas no passado. No final da era soviética, existia uma infra-estrutura económica extremamente orientada para a indústria pesada. Na era pós-soviética, a Rússia enveredou por um caminho radical de reestruturação económica. Havia um sobreinvestimento significativo nas áreas da extracção de gás e da produção de petróleo. Esta chamada "terapia de choque", da qual Boris Ieltsin foi o principal iniciador, conduziu a uma catástrofe nos anos 90. O produto interno bruto caiu 40 por cento até 1998. A má gestão, a má organização mal implementada, a falta de receitas estatais, a corrupção pronunciada e a fuga de capitais para o estrangeiro conduziram o país a uma crise financeira e à beira do colapso económico. Para impedir o desastre, o governo sentiu-se obrigado a contrair empréstimos do Fundo Monetário Internacional no valor de cerca de 20 mil milhões de dólares americanos.

No entanto, a economia russa recuperou a um ritmo relativamente rápido a partir de 1999. Embora a inflação fosse um problema grave, a desvalorização do rublo que acompanhou a crise tornou-se uma oportunidade para os investidores privados. Uma redução adicional do imposto sobre o rendimento ajudou sobretudo as pequenas e médias empresas a "recuperar o fôlego". A Rússia foi inicialmente largamente poupada da crise bancária e financeira mundial de 2008, que se deveu principalmente à intervenção corajosa dos bancos nacionais. Basicamente, a economia russa estava em ascensão; em 2012, o Banco Mundial classificou o país como "forte em termos de rendimentos". A retoma também se fez sentir na população. O rendimento real aumentou, tal como os salários reais, que aumentaram em média 160 por cento. Embora estes números pareçam positivos, devem ser tratados com cautela. Em quase nenhum outro país o fosso entre ricos e pobres é tão pronunciado como na Rússia. Embora os oligarcas possuam somas gigantescas de dinheiro, apenas pouco atinge a população normal. Segundo a revista Forbes, Moscovo é a cidade com mais bilionários, enquanto que a pobreza é um problema real nas zonas escassamente povoadas do leste da Rússia.

Mas no auge da eficiência económica, o sistema começou a vacilar. Já no mesmo ano, a Rússia tinha-se tornado um grande exportador de petróleo e gás, o que representava 70% do total das exportações russas. O maior cliente era (e ainda é) a União Europeia, que foi abalada muito mais pela crise financeira do que na Rússia. O preço do petróleo estagnou e, com ele, a economia russa. O crescimento económico da Rússia tem vindo a diminuir constantemente desde 2012 e atingiu um ponto baixo em 2015 com um menos de 2,3 por cento. Desde então, a economia russa tem vindo a recuperar. No entanto, a razão para este declínio é óbvia. Já no início da década de 2010, os economistas advertiram contra este compromisso unilateral com a exportação de fontes de energia.

As sanções impostas pela União Europeia e pelos EUA no contexto da crise na Crimeia atingiram a economia russa com toda a força. A orientação unilateral da exportação de combustíveis fósseis tornou-se dolorosamente evidente quando o preço do petróleo caiu no início de 2014. A economia russa encolheu quase quatro por cento em resultado disso. O país encontrava-se à beira da recessão. Nos últimos anos, o Kremlin conseguiu travar o declínio, mas isto deve-se em grande parte à sua adesão a um

remédio supostamente experimentado e testado. Pois em 2015, o petróleo e o gás ainda representavam 62,8% do total das exportações russas. Outros produtos de exportação importantes no mesmo ano foram minérios e metais (5,9%), produtos da indústria química (5,8%), maquinaria e veículos automóveis (5,4%) e alimentos (4,7%). Produtos como os têxteis representam apenas 0,2 por cento das exportações russas. O vestuário é principalmente importado da vizinha China, a mercadoria mais importante do seu vizinho. A própria Rússia também importa principalmente alimentos, calçado e produtos farmacêuticos. Os maiores parceiros comerciais internacionais são a União Europeia e em particular a Alemanha e a Itália, os Estados Unidos e - como já foi mencionado - a China. A balança comercial externa da Rússia é geralmente positiva. O ano de 2016 pode ser citado como um exemplo. Nessa altura, a Rússia alcançou um saldo de exportação de 285 mil milhões de dólares americanos, que foi compensado por um saldo de importação de 182 mil milhões de dólares americanos Um valor absoluto foi alcançado em 2011. Nessa altura, o volume de exportação atingiu mesmo os 513 mil milhões de dólares norte-americanos. O contrário foi registado em 1994, com um saldo de exportação de pouco mais de quatro mil milhões de dólares norte-americanos. As estatísticas acima referidas sobre o comércio externo ilustram assim a extensão da falta de diversificação da Rússia como país produtor. O nível comparativamente elevado da prosperidade russa e a retoma económica dos últimos anos são quase exclusivamente apoiados pela exportação de petróleo e gás. Se as exportações entrassem em colapso, as consequências para a economia russa seriam graves. A fim de contrariar este cenário, que é tudo menos improvável, foi criado um tipo de fundo. Se o preço do petróleo ou do gás cair, a diferença é feita a partir de fundos estatais.

Na Rússia, o sector dos serviços é o sector económico mais importante, representando 62,3 por cento do produto interno bruto em 2017. Os sectores e empregadores importantes são o comércio grossista e retalhista, empresas de serviços, administração pública, incluindo a educação e saúde, e logística. Outros sectores de serviços importantes são o sector imobiliário e as comunicações. As indústrias importantes são a mineração e a construção. A agricultura desempenha um papel menor em comparação com outros países, representando apenas 4,7 por cento do produto interno bruto (2017).

No entanto, a agricultura é o único sector económico que terminou o ano de crise de 2020 com uma nota positiva, sendo assim um importante motor de crescimento da economia russa. Isto foi possível, entre outras coisas, pelo encerramento do mercado através do embargo à importação de produtos agrícolas da União Europeia, bem como pelo apoio financeiro maciço ao sector. Com fundos de transferência para a agricultura no valor de 482 mil milhões de rublos (cerca de sete mil milhões de dólares americanos), a Rússia ocupa o sexto lugar entre os países cujos níveis de apoio são registados pela OCDE.

O cultivo de cereais seleccionados atingiu máximos históricos nos últimos anos. O país, há muito um importador de alimentos básicos, tornou-se um importante fornecedor de alimentos para o mercado mundial e viu progressos na qualidade e segurança alimentar durante a última década.

Para além dos 62,3% no sector dos serviços acima mencionados, o sector industrial representa mais 32,4% do PIB.

A INDÚSTRIA ENERGÉTICA DA RÚSSIA

Como já foi mencionado, a Rússia e a União Europeia estão ligadas por um comércio intensivo. Em média, nos últimos anos, cerca de um terço de todas as entregas de petróleo e 40% de todas as entregas de gás aos países da UE são provenientes da Rússia. Países como a Polónia, Finlândia, Estónia e Eslováquia excedem significativamente esta taxa. 75 por cento do petróleo importado provém da produção russa. A dependência dos recursos da Rússia torna-se ainda mais clara quando se olha para o gás natural. Os três Estados Bálticos, Estónia, Lituânia e Letónia, bem como a Finlândia e a Eslováquia, obtêm todo o seu gás natural da Rússia. Na Alemanha, a percentagem é de 46%. Outro cliente importante é a Itália. Por detrás do fornecimento está a empresa estatal de gás natural Gazprom, que distribui o seu gás através de várias filiais. A fim de estabelecer este monopólio do gás, a Gazprom investiu em gasodutos e depósitos de gás em vários países europeus. A Transneft, que tal como a Gazprom é também uma empresa estatal, é responsável pela distribuição internacional de petróleo russo. Em Setembro de 2012, o monopólio do fornecedor de gás Gazprom despertou o interesse da União Europeia e da Comissão Europeia (CE), que desempenha principalmente as tarefas de um executivo dentro da UE. A CE viu a conduta comercial da Gazprom como contraditória com o direito europeu da concorrência. A empresa estatal russa terá impedido a concorrência leal com outros fornecedores de gás e terá oferecido os seus produtos a preços desleais. Por exemplo, os preços do petróleo e do gás natural foram alegadamente ligados nos contratos de fornecimento, que foram frequentemente celebrados ao longo de muitos anos. O governo russo previu as possíveis consequências das investigações dos Comissários da UE. O Kremlin reagiu imediatamente e aprovou uma lei afirmando que as empresas estatais não estão autorizadas a cumprir as exigências de Estados ou autoridades estrangeiras. Pelo menos não se não fosse autorizada pelo governo russo. Portanto, o problema estava fora de questão, pelo menos do ponto de vista russo. Sem mais delongas, o Kremlin ultrapassou a Comissão Europeia.

A importação de gás natural para a Europa começou em 2009 através de doze gasodutos até à data. Três destes gasodutos vão directamente da Rússia para os países consumidores Estónia, Finlândia e Letónia. Mais

quatro gasodutos via Bielorrússia fornecem a Lituânia e a Polónia, enquanto mais cinco gasodutos transportam gás via Ucrânia para a Roménia, Hungria, Eslováquia e também Polónia. O gasoduto Nord Stream ligou também a Alemanha à rede de gás russa.

Nord Stream é um sistema de gasodutos de gás natural sob o Mar Báltico que liga as cidades de Vyborg na Rússia com Lubmin, uma cidade na costa alemã do Báltico. O gasoduto tem 1.222 quilómetros de comprimento, tem uma capacidade total anual de 55 mil milhões de m³ de gás e foi inaugurado em Novembro de 2011. O projecto foi fortemente oposto por muitos estados da Europa e dos EUA. Os países da Europa Oriental, em particular, temiam que a Rússia pudesse utilizar o fornecimento de gás a estes países como alavanca política. Isto porque países como a Ucrânia, República Checa, Polónia e Bielorússia são países de trânsito para o fornecimento da Europa Central. Assim, por um lado, estes países ainda eram importantes para a Rússia como parceiros; por outro lado, a cobrança de taxas de trânsito era um incómodo. Com o novo gasoduto do Mar Báltico, estes países serão agora contornados. Assim, o Kremlin pode exercer pressão sobre estes países vizinhos e, em caso de conflito, cortar o fornecimento de gás natural. As nações da Europa de Leste ficariam assim "elevadas e secas", enquanto o lucrativo comércio de gás natural para a Alemanha e a União Europeia poderia continuar sem entraves. Como resultado, desenvolveu-se uma disputa russo-ucraniana sobre o gás. A Rússia bloqueou as acusações dos objectores como "amargura". A Suécia também está incomodada com o gasoduto. Isto porque o Nord Stream levará a uma maior presença da marinha russa no Mar Báltico e na zona económica sueca. Posteriormente, a declaração de Vladimir Putin de que os navios só lá estavam por razões ecológicas foi considerada particularmente provocadora. Outro gasoduto, Nord Stream 2, está actualmente em construção e deverá ligar Lubmin à Ust-Luga na Rússia. As principais críticas vieram dos EUA. Segundo Washington, o novo gasoduto iria minar a segurança e a estabilidade na Europa no que diz respeito a questões energéticas. Enquanto alguns chefes de Estado europeus partilharam a preocupação, os EUA foram alvo de críticas por parte do governo alemão. A política energética da Europa é um assunto europeu, afirmou. O governo da Áustria também partilhou a opinião da Alemanha. Os EUA responderam com uma série de sanções contra empresas envolvidas na construção do

gasoduto. Para alguns observadores, isto representou uma tentativa por parte dos EUA de obstruir o fornecimento de gás da Rússia a fim de promover a venda de gás natural americano na Europa. Como contrapartida meridional, foi também planeado um projecto denominado South Stream, que forneceria gás natural da Rússia - mais precisamente dos territórios russos no Mar Negro - através da Bulgária, Hungria, Sérvia e Grécia para a Áustria e Itália. Na sequência da crise da Crimeia, as consequentes sanções da UE contra a Rússia e a resistência da Bulgária, o projecto foi cancelado em 2014, após uma fase de planeamento de sete anos.

Para além do gás natural, o petróleo é um importante produto de exportação russo. Depois da Arábia Saudita, a Rússia é o segundo maior exportador mundial. Ao longo dos anos, a quantidade extraída tem aumentado continuamente desde o colapso da União Soviética. Em 2002, era ainda de 383,7 milhões de toneladas por ano; em 2019, era já de 568,1 milhões de toneladas. Os números actuais correspondem aproximadamente aos da década de 1980. A Rússia já era um dos principais produtores de petróleo da União Soviética. Esta produção entrou em colapso no tumulto dos anos 90 e recuperou, primeiro de forma explosiva e finalmente de forma lenta mas constante e com um apoio governamental maciço. Para atingir estes números, foram feitos investimentos maciços ao longo dos últimos 20 anos. Foram desenvolvidos novos centros de produção de petróleo para satisfazer a procura na Ásia, em particular.

As reservas de petróleo disponíveis na Rússia são gigantescas. Diz-se que as reservas recuperáveis são de cerca de 10 mil milhões de toneladas, o que representa cerca de 6% das reservas mundiais. Apenas as reservas da Arábia Saudita são significativamente mais elevadas, situando-se em 22 por cento do total mundial. As outras reservas das principais nações produtoras de petróleo são aproximadamente equivalentes às da Rússia.

Embora as quantidades produzidas tenham aumentado maciçamente no período após a viragem do milénio, as exportações chegaram a um impasse. Isto não se deveu a uma falta de procura. Pelo contrário, a falta de infra-estruturas foi responsável. O monopolista estatal Transneft, por exemplo, só conseguiu exportar cerca de 40 por cento do petróleo. Os oleodutos existentes, alguns dos quais já tinham sido expandidos, não permitiam uma maior taxa de utilização. Como alternativa, o petróleo era transportado por

petroleiro, o que implicava muitas vezes os custos. No entanto, a quantidade exportada foi quase duplicada. No período seguinte, o governo russo investiu fortemente na expansão de novos oleodutos, pelas razões que acabaram de ser mencionadas. A expansão e manutenção das instalações existentes custou cerca de 13 mil milhões de euros. Isto foi visto como um sinal claro da vontade da Rússia de impulsionar ainda mais as exportações de petróleo. Para o efeito, estão a ser planeados mais projectos para abastecer a Ásia e também os EUA com petróleo russo. O método de construção deverá ser semelhante ao do gasoduto Nord Stream, que é utilizado para o transporte de gás. Por razões estratégicas, os oleodutos também contornarão países de trânsito, como a Ucrânia e a Bielorrússia. Segue-se uma pequena selecção de oleodutos particularmente importantes e planos abandonados:

- Um oleoduto importante é o chamado "oleoduto da amizade", que abastece Almetyevsk em Tatarstan com Schwedt no Oder em Brandenburg. O oleoduto passa também pela Bielorrússia e Polónia. Uma outra vertente do oleoduto passa pela Bielorrússia, República Checa, Eslováquia e Hungria. O "oleoduto da Amizade" foi construído durante a era soviética (1959 - 1964), tem 8.900 quilómetros de comprimento e transporta 22 milhões de toneladas de petróleo bruto por ano para a Alemanha. Existem planos para expandir este oleoduto.

- Também de grande importância é o Sistema de Oleodutos do Báltico, que foi concluído em 2001. A Transneft transporta petróleo de cinco campos petrolíferos para o extremo oriental do Golfo da Finlândia. A partir daí, o transporte é efectuado por navio. Os principais clientes são os países da Europa Ocidental. A razão para a construção foi mais uma vez evitar que os países de trânsito cobrassem as taxas correspondentes. O projecto foi massivamente criticado por ambientalistas, porque a zona ecológica do Mar Báltico é considerada muito sensível e susceptível a influências externas.

– O oleoduto Burgas-Alexandroupolis serve o propósito de aumentar as exportações de petróleo no Mar Negro. O oleoduto é um projecto conjunto da Rússia, Grécia e Bulgária e liga a cidade búlgara de Burgas e a cidade portuária grega de Alexandroupolis.

Há também vendas rápidas de petróleo e gás no mercado doméstico. A electricidade russa é produzida principalmente em centrais térmicas. As centrais eléctricas a petróleo, a gás natural e a carvão produzem dois terços da electricidade consumida na Rússia. Um quinto da electricidade é gerado em centrais hidroeléctricas, e um sexto provém de centrais nucleares. As energias renováveis dificilmente desempenham um papel. De acordo com o governo, isto deverá mudar em breve. A quota da energia eólica deverá aumentar para dez por cento da produção total de electricidade até 2030. No entanto, a implementação destes planos está a revelar-se muito lenta. Basicamente, toda a economia geradora de electricidade do país é considerada como necessitando urgentemente de renovação e desactualizada. Mais de dois terços da electricidade da Rússia é produzida pelo grupo do Sistema de Energia Unificado (UES), 53 por cento da qual é propriedade do Estado.

MINERAÇÃO NA RÚSSIA

A exploração mineira desempenha um papel significativo na economia da Rússia. O país é considerado um dos maiores produtores mundiais de minerais e metais. Os minerais extraídos incluem alumínio, arsénico, cobre, magnésio, paládio, níquel e vanádio. Um importante recurso mineral é o carvão. Em 2018, foram extraídas 440 milhões de toneladas. Isto excedeu o recorde de todos os anos anteriores, incluindo a época soviética. Cerca de 50 por cento do carvão produzido é consumido directamente na Rússia. A outra metade é exportada. Os países europeus são os maiores compradores, sendo responsáveis por 50 por cento. É evidente que o governo russo quer continuar a extrair carvão, apesar das alterações climáticas. Embora a procura na Europa esteja continuamente a diminuir, a Rússia tem conseguido assegurar novos mercados de venda, especialmente na China e noutros países asiáticos. A popularidade do carvão russo não está, portanto, a diminuir globalmente. É por isso que a extracção de carvão é maciçamente apoiada e subsidiada pelo governo. Em Junho de 2020, o Primeiro Ministro Mikhail Mishustin aprovou um programa para aumentar significativamente a produção até 2035. Neste contexto, a exportação de carvão e coque deverá ser aumentada e deverão ser desenvolvidas novas jazidas. O Kremlin espera muito deste programa: em teoria, deverá ser possível aumentar a extracção de carvão para quase 670 milhões de toneladas anuais. Pelo menos esta é uma estimativa optimista. Parece estar assegurado um aumento do volume de produção para 485 milhões de toneladas por ano. Também se espera que as exportações aumentem maciçamente em termos percentuais. No cenário optimista, até 390 milhões de toneladas de carvão russo exportado serão produzidas por ano. A fim de realizar o projecto, estão a ser feitos investimentos não só directamente na extracção de carvão, mas também na infra-estrutura ferroviária, especialmente no Extremo Oriente da Rússia.

Em 2020, foram produzidos 100 milhões de toneladas de minério de ferro, segundo o governo russo, fazendo da Rússia uma das principais nações produtoras de minério. O país possui as maiores jazidas de minério de ferro do mundo. Uma falha, contudo, é a baixa qualidade do minério de ferro russo, que tem de ser enriquecida após a extracção. Este processo envolve custos enormes. Basicamente, a extracção de minério na Rússia é um sector

próspero que está a ser ainda mais expandido e apoiado pelo governo com fortes injecções financeiras.

A Rússia quer tornar-se o segundo maior produtor mundial de terras raras. O facto de a Rússia estar apenas disposta a estabelecer-se para o segundo lugar neste campo deve-se à posição de monopólio da vizinha China, de longe o maior produtor de terras raras. Este termo genérico inclui também os elementos cobalto e lítio, que são necessários para construir as baterias dos automóveis eléctricos. Isto é significativo porque a procura de carros eléctricos está a aumentar consistentemente, especialmente na Europa. As terras raras são também processadas em smartphones e turbinas eólicas, e ambas as indústrias estão em plena expansão. Para beneficiar deste negócio, o governo russo apoiou projectos mineiros de terras raras com 3,2 mil milhões de euros. O objectivo é aumentar o actual volume de produção por ano de 2.700 toneladas para até 30.000 toneladas por ano. As estimativas sugerem que até 12 milhões de toneladas de terras raras se encontram adormecidas no solo russo. Isto corresponderia a uma boa percentagem de 10% das reservas mundiais. Como mencionado, a China é o actor global por excelência no campo da mineração de terras raras. Todos os anos, a República Popular minera cerca de 130.000 toneladas dos elementos cobiçados e, portanto, lidera a produção mundial. Devido à elevada procura na indústria de alta tecnologia, a China tem assim um meio patenteado de exercer pressão. Pequim ameaçou reduzir as exportações como parte do conflito comercial com os EUA. Os EUA reagiram e iniciaram a própria exploração de terras raras, mas só conseguiram produzir "15.000 toneladas" das cobiçadas matérias-primas em 2019. Devido aos conflitos internacionais, a mineração de terras raras está a tornar-se um negócio ainda mais lucrativo para a Rússia do que já era.

A extracção de urânio é importante para a economia russa. A produção anual de urânio paira em torno da marca das 3.000 toneladas. Isto faz da Rússia o sexto maior produtor mundial de urânio, atrás do Cazaquistão, Canadá, Austrália, Namíbia e Níger. Este volume de produção contrasta com o consumo de urânio dentro da Rússia, que tem aumentado muitas vezes. A quantidade anual está estimada em cerca de 9.000 toneladas. Para melhor satisfazer a procura interna, o comércio externo foi intensificado, por exemplo, com a África do Sul e o Canadá. Neste último caso, a empresa nuclear russa Rosatom adquiriu 17% da empresa mineira canadiana

Uranium One. Isto levou a uma curiosidade: uma vez que os canadianos também estão activos em território dos EUA, a aquisição das acções significou que a Rússia passou a possuir uma mina de urânio em Wyoming.

Na Rússia, está a ser dada maior ênfase à extracção de ouro e outros metais preciosos. Os depósitos de ouro na Rússia são também enormes. No entanto, aqui surge o mesmo problema que com o minério de ferro russo. Antes de continuar o processamento, o metal precioso deve primeiro ser enriquecido a grande custo, uma vez que é também de qualidade bastante inferior. No entanto, o volume de mineração está a aumentar. Em 2020, ouro com um valor equivalente de cerca de 15,5 mil milhões de euros foi exportado. Não só a massa traz um elevado volume de negócios para o tesouro russo, mas também o preço constantemente elevado do ouro. Por esta razão, uma expansão adicional da extracção de ouro está também a ser considerada. Só em Kamchatka, uma área com enormes jazidas de ouro, o volume de produção deverá ser duplicado de cinco para dez toneladas. Uma vez que a quantidade real de ouro na Rússia não é conclusivamente conhecida, o governo está actualmente a investir muito dinheiro na exploração de novas jazidas de ouro. Os diamantes russos não são menos procurados. Cerca de 97% dos diamantes extraídos na Rússia são provenientes das minas da empresa Alrosa, sediada em Mirny. O negócio é lucrativo: a Alrosa registou um volume de negócios anual de 4 mil milhões de dólares americanos em 2012. No total, a empresa minerou diamantes no valor de 4,6 milhões de dólares americanos no mesmo ano, o que corresponde a 34,4 milhões de quilates.

A exploração mineira é um empregador importante. Mais de 1.000.000 de pessoas estão empregadas nesta indústria na Rússia.

AGRICULTURA NA RÚSSIA

Após o colapso da União Soviética, o sector agrícola, em particular, teve de lutar maciçamente com a transição de uma economia planificada para uma economia de mercado. As explorações agrícolas foram agrupadas como colectivos que podiam confiar em canais fixos de venda. Isto acontecia porque o comprador era o Estado. Com a introdução da economia de mercado, estes canais desapareceram e a pressão sobre os agricultores para procurarem novos canais de distribuição aumentou rapidamente. Pela primeira vez, houve concorrência e concorrência de mercado. A conversão funcionou bastante mal e não bem. Nos anos 90, o número de cabeças de gado nas explorações agrícolas russas diminuiu em um quarto. Uma vez que isto também reduziu a procura de culturas forrageiras, a quota de colheitas de culturas como os cereais também caiu 25 por cento. Esta reacção em cadeia teve um impacto directo nos agricultores. Devido à falta de lucros, praticamente nenhum fertilizante pôde ser adquirido, o que contribuiu para uma redução adicional dos rendimentos. A nova maquinaria era também simplesmente demasiado cara. Este declínio continuou durante cerca de dez anos até que o governo a contra-atacou com programas de apoio adequados. Actualmente, a eficiência da agricultura russa está de novo a atingir números elevados, embora a percentagem do PIB total seja comparativamente baixa. Este padrão é mantido por um grande número de pequenas e médias empresas e explorações agrícolas em vez de grandes corporações agrícolas. Entretanto, a Rússia é o maior produtor mundial de beterraba sacarina (42 milhões de toneladas, 2018), cevada (17 milhões de toneladas) e groselha (398.000 toneladas). Com 72,1 milhões de toneladas, a Rússia é o terceiro maior produtor de trigo, depois da China e da Índia. Outros produtos agrícolas importantes são batatas (22,3 milhões de toneladas), milho (11,4 milhões de toneladas), soja (4 milhões de toneladas), tomate (2,9 milhões de toneladas), centeio (1,9 milhões de toneladas), colza (1,9 milhões de toneladas), melancia (1,9 milhões de toneladas), maçãs (1,8 milhões de toneladas), pepinos (1,6 milhões de toneladas), cebolas (1,6 milhões de toneladas), cenouras (1,4 milhões de toneladas) e arroz (1 milhão de toneladas). Outras culturas importantes são o girassol, linho, uvas, lentilhas, cerejas e grão-de-bico. Em princípio, estes números deverão aumentar ao longo dos próximos anos. A Rússia gostaria de reduzir ainda mais a importação de alimentos e crescer mais em casa, a

fim de atingir o maior grau de auto-suficiência possível. Para este fim, o governo adoptou vários programas de subsídios com início em 2003. A importância da auto-suficiência também se tornou clara no contexto das sanções contra a Rússia após a crise da Crimeia.

As alterações climáticas também desempenham um papel no futuro agrícola do país que não deve ser subestimado. Embora o aquecimento global venha a ter um efeito bastante negativo na maioria dos estados, poderá haver um boom agrícola na Rússia. Actualmente, grande parte do solo da Sibéria está permanentemente congelado. Um aumento da temperatura poderia descongelar este permafrost e transformá-lo em terra fértil para a agricultura. Embora este cenário prometa benefícios para a agricultura russa, os efeitos sobre o ambiente não podem ser previstos.

A indústria alimentar está directamente ligada à agricultura. Os maiores produtores de vinho da Rússia estão localizados no Norte do Cáucaso. O produtor mais importante de cerveja é Baltika Breweries, com sede em São Petersburgo e pertence à cervejaria dinamarquesa Carlsberg. A Baltika exporta os seus produtos para 34 países. Mais importante que a cerveja e o vinho, porém, é a vodka russa, que também é considerada o sucesso da exportação por excelência. A exportação do álcool gerou um valor de cerca de 121 milhões de dólares americanos por ano (2009). A vodka é considerada um ingrediente importante nas refeições russas, que são frequentemente longas e incluem muitos pratos diferentes. A vodka é bebida entre cada um destes cursos. Os copos de vodka tradicionais têm 100 ml, o que é cinco vezes a capacidade dos copos de shot da Europa Central, mas estes têm gradualmente substituído também os grandes recipientes na Rússia. Na Rússia, a vodka é melhor apreciada pura e à temperatura ambiente. Os refrigerantes estão também a tornar-se cada vez mais populares. Uma bebida tradicional feita de arandos é chamada Mors. Os fabricantes americanos de refrigerantes Coca-Cola e Pepsi também têm plantas na Rússia. O café e o chá, outra bebida nacional russa, são também populares. Em geral, a Rússia consome muita fruta e muitos produtos lácteos. Os pratos populares são, para citar apenas alguns, borsch, um guisado, a sopa solyanka e pelmeni, bolinhos recheados.

O RUBLO RUSSO

Quando o rublo russo é mencionado, duas moedas podem ser entendidas - dependendo do contexto temporal: O rublo antigo e o novo rublo. Após o colapso da União Soviética, houve um espírito de optimismo nas repúblicas russas. Isto também se reflectiu na moeda: alguns dos antigos países da União Soviética rejeitaram o antigo rublo e introduziram um novo rublo, por exemplo na Bielorrússia e na Transnístria. Após a privatização inicialmente infrutífera da economia russa no início dos anos 90, houve hiperinflação. Em média, os preços subiram 2.000 por cento e o produto interno bruto estagnou. Os investimentos maciços no comércio de mercadorias travaram a tendência negativa. A economia do país recuperou nos anos seguintes, mas havia uma necessidade urgente de reforma monetária. Uma vez que a economia estava de novo em ascensão, isto era para pôr fim aos "anos áridos" da década de 1990. Pretendia-se também facilitar as transacções de pagamento diárias. A 1 de Janeiro de 1998, o governo introduziu o novo rublo e aboliu o antigo rublo. Para comparação: um novo rublo era equivalente a 1.000 rublos antigos em termos de poder de compra.

Apesar deste optimismo, a crise do rublo ocorreu no decurso de 1998. Isto foi desencadeado por uma crise financeira na região asiática, em resultado da qual a procura de petróleo bruto caiu. Um grande número de investidores retirou-se da Rússia, a dívida pública aumentou e a taxa de câmbio caiu. O valor do novo rublo diminuiu em mais de 50%, o mercado cambial foi restringido e, num curto espaço de tempo, o Estado russo caiu em insolvência. Medidas de salvamento como a nacionalização a curto prazo dos bancos não só foram ineficazes, como agravaram ainda mais a miséria. A taxa de inflação subiu para uns dramáticos 85 por cento e muitos bancos anunciaram insolvência. Os efeitos foram sentidos directamente pela população e a pobreza aumentou consideravelmente. No entanto, o Kremlin conseguiu uma saída relativamente rápida da crise, que foi favorecida por condições externas.

Importantes para acabar com o desequilíbrio foram sobretudo os preços crescentes do petróleo bruto e do gás natural no mercado mundial, do qual a Rússia beneficiou maciçamente. A falta de diversificação da economia russa foi assim originalmente responsável pela crise, mas por sua vez

assegurou de novo o aumento dos números económicos. Em princípio, a crise foi rapidamente resolvida. No entanto, o governo tirou as suas conclusões deste fiasco e criou o "Fundo Russo de Estabilização do Petróleo". Assim que o preço do petróleo cai (dramaticamente), as perdas são compensadas com os activos acumulados do fundo. Durante a crise financeira global de 2008 e 2009, o rublo voltou a estar sob pressão. No entanto, com as compras de apoio do banco central russo, a pressão de desvalorização poderia ser aliviada e o rublo mantido estável.

As sanções na sequência da anexação da Crimea em 2014 também se fizeram sentir na taxa de câmbio da moeda russa. Em comparação com todas as outras moedas principais, o valor do rublo caiu consideravelmente e a taxa de inflação subiu para 10 por cento. Num discurso sobre o estado da nação em 2014, Vladimir Putin referiu-se à taxa de câmbio do rublo e sublinhou a taxa de inflação, que foi mais severa no mesmo ano do que tinha sido em 2008 ou 2009. O objectivo da referência era provavelmente apontar os efeitos das sanções, que foram consideradas injustificadas na Rússia.

O referido Banco Central Russo foi fundado em 1990. O seu antecessor na União Soviética foi o Banco de Estado. A tarefa mais importante do Banco Central é assegurar um sistema financeiro estável. Um instrumento é o chamado cabaz de moedas, que liga o rublo ao euro e ao dólar e que se destina a proteger a moeda russa de flutuações súbitas na taxa de câmbio. Em geral, o rublo também ganha assim valor quando o euro e o dólar se valorizam contra outras moedas de reserva, tais como a libra esterlina ou o franco suíço. A ligação ao euro e ao dólar não é uniforme. O rublo está 55 por cento indexado ao dólar e 45 por cento ao euro. Isto significa que o rublo também ganha em valor quando o dólar se valoriza em relação ao euro. Esta é também uma das razões pelas quais na Rússia não é o rublo mas sim o dólar americano que é a moeda mais popular no país. Uma das razões é o sistema económico desigual e unilateral da Rússia. No estrangeiro, o rublo é considerado uma "moeda suave" e não é muito confiável.

CORRUPÇÃO NA RÚSSIA

Mesmo que o impacto real seja difícil de medir e os números oficiais sejam consideravelmente diferentes, uma coisa é certa: a corrupção é um enorme problema na Rússia. Já ao olhar para o funcionamento dos tribunais russos, verificamos que esta área não está apenas repleta de juízes corruptos, mas que esta circunstância torna possível a corrupção a um nível amplo, em primeiro lugar. De acordo com o princípio "onde não há queixoso, não há juiz", toda a sociedade é afectada pela corrupção. Isto aplica-se não só à aplicação da lei, mas também à administração, bem como à educação e ao sistema de saúde russo. No Índice de Percepções de Corrupção da Transparency International, a Federação Russa ocupa consistentemente um lugar baixo e é, portanto, considerada particularmente corrupta. Em média, a Rússia ocupa o 111º lugar de um total de 175 países inquiridos em todo o mundo. A classificação anual mais baixa do país foi em 2010, com um valor de 154, o que significa que apenas 21 estados do mundo foram considerados mais corruptos neste "ano financeiro". É impressionante que não são apenas as estruturas actuais e a falta de Estado de direito que tornam a corrupção possível em primeiro lugar. Se olharmos para séculos e décadas passadas, os funcionários corruptos sempre foram padrão nos Estados predecessores da Rússia. A corrupção está ancorada como uma tradição na sociedade russa e é considerada por grande parte da população como uma espécie de pecadillo. O medo de represálias também impede muitos cidadãos de denunciar tais delitos, mesmo que sejam óbvios ou impliquem desvantagens directas e tangíveis. Isto porque se pode sempre presumir que o agente da polícia a quem a queixa é feita faz ele próprio parte do aparelho corrupto.

Imediatamente após o colapso da União Soviética, registou-se um verdadeiro boom de corrupção. Biliões de pessoas desapareceram em contas estrangeiras. O serviço de inteligência estrangeiro KGB, que foi encarregado de encontrar as correspondentes lacunas, especialmente na Europa e nos Estados Unidos, é o principal responsável pela realização destas transacções ilegais. Em meados da década de 1990, registou-se uma queda notável na taxa de corrupção e, mais uma vez, uma verdadeira subida desde que Vladimir Putin tomou posse. Entre 2008 e 2011, o montante médio de suborno pago a cada funcionário na Rússia aumentou em 2600

por cento. É difícil quantificar exactamente os danos que este método causa. De acordo com um relatório do Banco Mundial, os danos por corrupção ascendem a cerca de 48 por cento do produto interno bruto total da Rússia. As estatísticas oficiais do Kremlin sugerem 3,5 a 7 por cento do PIB. São sempre os cidadãos que sofrem. Se a renda dos apartamentos ou as taxas de electricidade e água aumentarem, pode assumir-se que estes custos acrescidos resultam directamente dos danos causados pela corrupção. Uma mudança no comportamento dos que recebem os subornos é também de particular importância. Enquanto em anos anteriores os subornos eram aceites com agradecimentos, hoje em dia são por vezes considerados pelos funcionários públicos como pagamento obrigatório. Isto cheira a dinheiro de protecção no crime organizado. O que é surpreendente é que estas práticas ocorrem de forma bastante pública e já não se preocupam em disfarçá-las. Por exemplo, os "pagamentos de taxas" correspondentes são inscritos nos livros orçamentais oficiais, mesmo no caso dos funcionários públicos mais pequenos. Os subornos são considerados como presentes por simpatia e por razões de rede. Para os próprios subornos, esta corrupção pseudo-oficial é importante e serve como um suplemento ao seu salário, que é muito baixo, especialmente no caso dos pequenos funcionários públicos. O montante do suborno é medido pela quantidade de esforço subjectivo. Assim, mesmo em círculos de funcionários públicos bastante "sem importância", as somas são relativamente pequenas e, portanto, não conduzem a riqueza financeira ou mesmo a um aumento do nível de vida, mas sim como uma cobertura dos custos de funcionamento. Esta dependência da corrupção conduz a uma consolidação do sistema de suborno e torna-o muitas vezes mais difícil de combater.

Existe um protesto entre a população apenas em alguns casos específicos de corrupção. É muito mais socialmente aceitável permitir-se a si próprio ou a familiares partilhar uma certa parte da despesa pública. Em muitos lugares, a corrupção é apenas uma componente de várias actividades criminosas; acima de tudo, o abuso de cargos e o enriquecimento ilegal são delitos correspondentes, acompanhando as infracções. A corrupção está frequentemente ligada ao branqueamento de capitais. Vladimir Putin já anunciou em 2012 que queria acompanhar mais de perto as empresas russas. O antigo Presidente Dmitry Medvedev também aprovou leis correspondentes já em 2008. O objectivo das leis oficiais anti-corrupção da

Rússia era melhorar o clima empresarial no país. Isto pode ter servido para atrair mais investidores estrangeiros.

Como regra, o pagamento de subornos serve para prevenir consequências criminais. Ainda que o governo enfatize sempre os seus esforços para conter a corrupção, a verdadeira motivação parece ser apenas marginal. Os funcionários governamentais estão cada vez mais associados a moradias de luxo caras, roupas de marca e carros desportivos, cuja compra excede em muito o seu salário oficial. O mesmo se aplica ao próprio Presidente Vladimir Putin. Em geral, cerca de um terço de todos os funcionários superiores e importantes, parlamentares ou funcionários do governo são considerados extremamente corruptos. No entanto, os acusados só são processados em casos excepcionais, especialmente quando os acusados se encontram no estrangeiro. Na própria Rússia, os activistas correm um risco elevado de serem presos se denunciarem publicamente a corrupção. Os movimentos correspondentes são constantemente reprimidos e maciçamente combatidos. Um dos activistas mais conhecidos é o político da oposição Alexei Navalny, que criou uma fundação anti-corrupção. A fundação conseguiu acusar vários políticos de alto nível. No decurso destas acções, Navalny foi preso várias vezes e foi vítima de um ataque envenenado em 2020.

Como mencionado, é raro que funcionários corruptos sejam acusados. Especialmente quando o Ministério do Interior, que conduz investigações em casos de corrupção, é ele próprio o beneficiário destes pagamentos. Há casos conhecidos em que os respectivos processos foram arquivados pelo Ministério do Interior porque, por exemplo, não havia intérprete disponível para traduzir documentos incriminatórios se estes estivessem escritos numa língua estrangeira.

- Capítulo 5 -

A AGÊNCIA ESPACIAL ROSCOSMOS

A organização espacial russa tem o nome de Roskosmos. Como é frequentemente o caso, Roskosmos é um sucessor directo dos voos espaciais organizados da União Soviética. Oficialmente, a organização foi fundada por Vladimir Putin em 2016 e era anteriormente uma agência governamental. Mesmo nessa altura, Roskosmos geriu projectos significativos, nomeadamente a estação espacial Mir, que orbitou a Terra até 2001 e foi finalmente derrubada de uma forma controlada. Na verdade, a estação espacial, que entrou em funcionamento em 1986, deveria ter sido retirada de serviço após oito anos, conforme planeado. Assim, a Mir permaneceu em órbita por muito mais tempo e o seu estado era por vezes desolado. Houve vários incidentes. No final, Roskosmos desistiu da estação espacial para dedicar mais atenção à mais recente Estação Espacial Internacional (ISS). A Rússia está fortemente envolvida neste projecto. Mesmo nos tempos soviéticos, a Rússia era considerada uma grande nação exploradora do espaço. Em 1961, o cosmonauta Yuri Gagarin foi o primeiro homem no espaço. Sem dúvida, os esforços para expandir as viagens espaciais nos tempos da Guerra Fria não eram científicos, mas políticos. Surgiu uma competição com os EUA; entre outras coisas, a "corrida à lua". Com Neil Armstrong, um norte-americano pôs os pés na lua pela primeira vez a 21 de Julho de 1969. Apesar do sucesso inicial, este foi muito mais prestigioso do que o voo espacial de Gagarin, que no entanto continua a ser um marco importante nas viagens espaciais até aos dias de hoje.

EXCURSUS: A CIDADE DAS ESTRELAS

A sede de Roskosmos não está localizada numa cidade russa - é uma cidade por direito próprio. Svyozdny Gorodok, também conhecida como Cidade das Estrelas, está localizada a nordeste da capital Moscovo e tem cerca de 6300 habitantes. É também o lar do centro de formação dos cosmonautas, que vivem com as suas famílias e os outros empregados de Roskosmos na cidade militarmente protegida. Há mercearias, uma escola e também uma piscina. Esta última, no entanto, não se destina a actividades de lazer: Os cosmonautas

treinam na piscina para a sua estadia na ausência de peso do espaço. A cidade é estritamente vigiada. No entanto, as visitas são possíveis por meio de um passe.

Os lançamentos dos veículos de lançamento russos têm lugar a partir dos três portos espaciais Roskosmos, localizados em Arkhangelsk, Vostochny e Baikonur no Cazaquistão. Desde a adopção do novo programa espacial da Federação Russa, a tecnologia ultrapassada, em particular, foi revista, como o sistema de satélites, que foi expandido para incluir satélites meteorológicos, de comunicações e de observação. Os veículos de lançamento Soyuz foram também revistos e mais desenvolvidos. O equivalente a 9 mil milhões de euros foi orçamentado para novos programas de investimento em viagens espaciais, a partir de 2006. Contudo, esta soma foi excedida em cerca de um quarto. Nem todos os projectos do Roskosmos foram coroados de sucesso, por exemplo o "Kliper". A nave espacial reutilizável deveria servir de contrapartida ao vaivém espacial norte-americano, mas não foi prosseguida após dificuldades financeiras. Em geral, a Roskomos trabalha em estreita colaboração com a Agência Espacial Europeia ESA.

- Capítulo 6 -

O PODER MILITAR DA RÚSSIA

As Forças Armadas da Federação Russa são constituídas por três ramos (Exército, Forças Aéreas e Espaciais e Forças Navais) e dois ramos independentes: As Forças de Mísseis Estratégicos e as Forças Aéreas. As Forças Armadas actuais são o sucessor directo do Exército Soviético. Quando a União Soviética entrou em colapso, grandes partes do pessoal e equipamento foram inicialmente integrados no novo exército. O aparelho administrativo também permaneceu em grande parte na sua forma antiga. Hoje, as forças armadas russas são modernas, poderosas e consideradas a segunda força armada mais forte do mundo atrás do Exército dos EUA.

Quando a União Soviética se desintegrou, a força foi colocada directamente sob o comando da Comunidade de Estados Independentes (CEI). Isto correspondeu não só a uma aquisição logística mas também ideológica da missão do antigo exército soviético. Passo a passo, contudo, os Estados sucessores desenvolveram outros planos e criaram os seus próprios exércitos, por exemplo, a Ucrânia. Como reacção, o "Exército da CEI" foi colocado apenas sob comando russo.

No tumulto da presidência de Boris Ieltsin, as forças armadas foram postas à prova. No decurso da crise constitucional - a Rússia estava à beira da guerra civil - os generais apoiaram Ieltsin. A crise foi posteriormente terminada por soldados. Embora os militares tenham tomado uma posição clara neste caso, não havia uma verdadeira doutrina militar no seio das tropas nos primeiros dias da Federação Russa. Os decretos relevantes só foram emitidos em 1993. Os chamados princípios da doutrina militar afirmavam que não havia qualquer ameaça de escalada de um conflito global. Pelo contrário, haveria um perigo acrescido de conflitos regionais a nível interno ou nos Estados vizinhos no futuro. Este pressuposto tornou-se realidade com os conflitos na Chechénia, Geórgia e Ucrânia. Numa comparação global, a Rússia já tinha perdido a ligação militar-técnica nessa altura, em 1993. Os Estados Unidos já há muito que tinham ultrapassado a Rússia. Isto era diferente na era soviética; sob a liderança comunista, o país era pelo menos capaz de manter o ritmo. Por esta razão, Vladimir Putin

emitiu um novo conceito de segurança e uma nova doutrina militar durante o seu primeiro mandato. A Rússia deveria tornar-se novamente uma potência militar e a reputação militar do país deveria ser restaurada. Seguiram-se medidas de modernização abrangentes e bem sucedidas em termos de formação e equipamento.

A doutrina militar russa designa a defesa do país como um objectivo importante. Este objectivo deve ser alcançado, por um lado, pela dissuasão (através do seu próprio poder militar) e, por outro lado, pela prevenção de conflitos militares. Um princípio orientador da política é a prevenção de um conflito que é combatido com armas nucleares. Contudo, a Rússia reserva expressamente a possibilidade de um segundo ataque com tais armas. A Rússia considera a possibilidade de um conflito nuclear limitado como uma "ilusão" - assim, uma guerra nuclear deve ser evitada com todos os meios disponíveis. A utilização de armas convencionais deve servir apenas para manter ou restaurar a paz.

O comandante supremo das forças armadas russas é o Presidente da Federação Russa, que também pode declarar o estado de guerra. Isto é necessário quando a agressão é dirigida contra a própria Rússia. O Conselho da Federação decide sobre um destacamento de tropas russas para o estrangeiro. O Presidente tem o poder de nomear e exonerar o Conselho de Segurança da Federação Russa das suas funções. O Ministério da Defesa é responsável pela constituição, destacamento e organização das forças e, adicionalmente, coordena a cooperação militar a nível internacional. O Ministério é responsável pelo abastecimento, segurança e administração das forças armadas.

O corpo operacional de comando das forças armadas russas é o Estado-Maior General, que é chefiado pelo Ministro da Defesa. As tarefas das tropas de fronteira e da Guarda Nacional, defesa civil, inteligência estrangeira, protecção do Estado e muito mais são aí coordenadas.

Existem oficialmente 1,01 milhões de soldados (2018) e 2,5 milhões de reservistas que servem activamente nas forças armadas russas - mas estes números devem ser vistos com cautela.

O EXÉRCITO RUSSO

O Exército é a maior força componente da Rússia. O comando principal está baseado em Moscovo e gere as actividades das forças terrestres russas nos distritos administrativos militares. O território da Federação Russa está dividido em quatro desses distritos: Os Distritos Militares Ocidental, Oriental, Central e Meridional. Assume-se que cerca de metade dos membros do exército russo são recrutas. Se esta proporção é realmente correcta, por vezes nem sequer é adequadamente fundamentada pelo comando principal. As estatísticas nem sempre e em todo o lado são recolhidas sobre quantos recrutas estão actualmente em serviço. O recrutamento é feito da seguinte forma: As escolas e empresas são obrigadas a manter listas de alunos ou empregados aptos para o serviço militar. Estas são enviadas aos comissários militares, que depois chamam os jovens para avaliar a sua aptidão para o serviço militar. Isto é normalmente feito até Maio de um dado ano. Após esta "reunião", as quotas decidem onde os novos recrutas serão destacados. Este destacamento não é perto de casa, pelo que os recrutas são designados para um posto seleccionado de forma bastante arbitrária. Isto levou a uma queda no moral. Os recrutas fugiram cada vez mais às suas funções para evitar o risco de serem destacados para um posto numa área particularmente remota. Especialmente nos anos 2000, este problema foi notado nas estatísticas. Os funcionários queixaram-se de que apenas cerca de dez por cento dos recrutas recrutados entraram efectivamente em serviço. Para compensar esta situação, foram simplesmente recrutados mais jovens. Não há recrutamento oficial de mulheres, mas elas podem alistar-se no exército. As mulheres estão na sua maioria empregadas em funções de apoio, tais como administração ou serviços médicos. A patente mais alta dentro do exército russo é Marechal da Federação Russa, mas esta não é normalmente atribuída. É o último título honorário atribuído ao antigo Ministro da Defesa Igor Sergeyev. De facto, o posto de general é o mais alto da hierarquia. O posto mais básico na classificação da equipa é o de soldado. Basicamente, as fileiras foram completamente transferidas do tempo soviético, excepto por algumas subtilezas.

O exército russo está excelentemente equipado. Nos últimos anos, mais fundos novos foram disponibilizados aos militares e equipamento antigo,

como o tanque de batalha principal T-72, foi oficialmente desactivado. No entanto, pode assumir-se que tanques como estes foram meramente colocados em armazenamento e podem ser reactivados se necessário. No início de 2020, o exército tinha sido rapidamente modernizado e 60 por cento da antiga tecnologia substituída. No mesmo ano, o exército russo possuía 2.800 tanques de batalha (reserva: 12.500, ambos entre parênteses), 5.160 veículos de combate de infantaria (8.500), 6.100 transportadores de pessoal (6.000), 150 howitzers (12.415), 1.610 veículos de artilharia de tanques (4.260), 1.352 veículos de artilharia de foguetes e 1.531 sistemas antiaéreos.

AS FORÇAS AÉREAS E ESPACIAIS DA RÚSSIA

As Forças Aéreas e Espaciais são um ramo relativamente novo das forças armadas e só foram estabelecidas em 2015. Divididos em Força Aérea e Força Espacial epónima, aí servem 430.000 militares.

A Força Aérea da Rússia emergiu das Forças Aéreas da União Soviética em 1991 e tem actualmente uma força de cerca de 150.000 homens. O quartel-general em São Petersburgo administra o total de seis distritos militares da Força Aérea, nomeadamente os distritos de Leninegrado, Moscovo, Volga-Ural-Sibéria, Norte do Cáucaso, Extremo Oriente, bem como o Exército Aéreo Estratégico (WASN). A Força Aérea utiliza a mesma estrutura de classificação que o Exército Russo, que praticamente não foi alterada desde os tempos soviéticos. Os uniformes também permaneceram praticamente os mesmos e apenas foram minimamente modernizados.

Desde o início dos anos 2000, a força aérea tem sido amplamente modernizada. Cerca de 50% do equipamento tem sido renovado passo a passo desde então. Actualmente, a força aérea tem uma frota de cerca de 4.163 aviões. Os fabricantes de aeronaves Mikoyan e Sukhoi desempenham um papel importante. Como parte dos esforços de modernização, foram encomendadas 24 aeronaves MiG-29KR / KUBR e 50 aeronaves MiG29SMT / UBT, algumas das quais já entraram em serviço. Ambos os modelos são aviões de combate multirole. Além disso, foram encomendados 128 modelos Su-35S, principalmente para combate aéreo. A espinha dorsal da força aérea é o caça-bomba Su-34. 127 estão actualmente em serviço; mais 30 estão em encomenda. Também importante é o caça leve Yakovlev Yak-130, um pouco mais antigo. Actualmente, outros sistemas de armas estão em desenvolvimento. Particularmente promissor aqui é o MiG-41, que deverá substituir gradualmente o MiG 25 a partir de 2025. Aparentemente, ainda não foi desenvolvido um protótipo. Também importantes são os novos modelos Su-57, o bombardeiro estratégico Tupolev PAK DA e o bombardeiro furtivo Sukhoi Okhotnik.

Como parte da Força Aérea e da Força Espacial, as Forças Espaciais têm atrás de si uma posição especial e uma história de cheques. Originalmente, as Forças Espaciais foram fundadas em 1991, desmanteladas em 1997, relançadas em 2001 e finalmente reconstituídas dez anos mais tarde. Desde

Agosto de 2015, as Forças Espaciais existem na sua forma actual. No entanto, estas lacunas no tempo não significaram uma dissolução completa. Pelo contrário, as antigas variantes foram absorvidas pelas forças aéreas convencionais. As tarefas das Forças Espaciais russas incluem principalmente medidas de vigilância. O espaço aéreo russo é monitorizado por pelo menos 12 sistemas de radar. O espaço próximo da Terra é controlado a partir de pelo menos três locais. Outra tarefa é a defesa contra mísseis. O sistema de defesa anti-míssil A-135, que supostamente protege Moscovo de um ataque nuclear, é um exemplo proeminente. Além disso, a operação de satélites de reconhecimento insere-se no espectro de tarefas das forças espaciais. O Kremlin investiu cerca de 27 mil milhões de dólares americanos neste sistema.

AS FORÇAS NAVAIS DA RÚSSIA

Após o fim da União Soviética, as Forças Navais russas foram criadas em 1991. As forças armadas sofriam de subfinanciamento crónico; o seu equipamento era proporcionalmente pobre. Desde a tomada de posse de Vladimir Putin, a situação melhorou. O objectivo do governo é desenvolver a Marinha russa como a segunda maior potência naval do mundo, depois dos EUA. Nos últimos anos, foram realizadas mais manobras da frota, algumas delas com outras nações, como a China e a Venezuela.

As medidas de modernização incluem submarinos, canhoneiras, bem como navios de combate multiusos. Para além destas novas construções, os navios que foram efectivamente desmantelados estão também a ser examinados quanto às possibilidades de reactivação e parcialmente transferidos de novo para o serviço activo. Foram feitos investimentos maciços na frota de submarinos. Actualmente, 72 submarinos devem estar em serviço, dos quais pelo menos onze são submarinos estratégicos capazes de lançar mísseis balísticos ou armas guiadas.

A Marinha russa tem actualmente um porta-aviões, com outros cinco na fase de planeamento. Há também um cruzador de batalha de mísseis, três cruzadores de mísseis e dez destruidores de mísseis em serviço activo. Além disso, a Marinha russa mantém nove navios de guerra anti-submarinos e pelo menos 20 navios de aterragem. Além disso, existem cerca de duas dúzias de navios de combate multiusos comparáveis a fragatas e canhoneiras.

EXCURSUS: O PROBLEMA DOS RESÍDUOS NUCLEARES

Os submarinos, tanto convencionais como nucleares, são a espinha dorsal da Marinha russa, cuja importância irá crescer consistentemente ao lado dos porta-aviões planeados. No entanto, os submarinos nucleares russos irão causar mais problemas depois de serem desactivados. Isto porque os resíduos radioactivos que se acumulam teriam de ser efectivamente eliminados o mais rapidamente possível. O primeiro passo após o desmantelamento consiste em "armazenar" os submarinos num estaleiro naval. No

entanto, isto não significa que os resíduos radioactivos tenham sido eliminados. Numa baía perto de Murmansk, por exemplo, 120 desses submarinos foram armazenados temporariamente. Algumas áreas já são consideradas contaminadas. Na ausência da capacidade do governo russo para lidar com este problema, foi criado um programa de apoio por parte dos países do G8 para a eliminação de armas de destruição maciça, com um orçamento de 20 mil milhões de dólares americanos. De longe, a maior parte deste montante irá para a Rússia. No entanto, não se espera que o problema melhore num futuro previsível.

Cerca de 150.000 homens servem na Marinha russa. Para além das manobras acima mencionadas, navios da frota naval têm estado recentemente envolvidos em operações de combate, por exemplo, na operação militar na Síria. O quartel-general da marinha encontra-se em São Petersburgo. Fora do seu próprio território, o governo russo está a planear bases navais internacionais, por exemplo, no Sudão.

AS TROPAS DE MÍSSEIS E AS TROPAS AEROTRANSPORTADAS

As forças antimísseis são a principal componente das forças nucleares estratégicas terrestres do país. O seu objectivo é a dissuasão nuclear e assim complementa a missão da Marinha. As forças de mísseis são capazes de realizar ataques com ogivas balísticas nucleares, utilizando uma vasta gama de diferentes mísseis balísticos intercontinentais. As forças estão divididas em três exércitos de mísseis e doze unidades de mísseis. O comando central está localizado em Vlasikha, perto de Moscovo.

Em princípio, as tropas aerotransportadas são consideradas uma reserva das forças armadas russas. São utilizadas para operações estratégicas e direccionadas na retaguarda do inimigo, não constituindo assim um exército de massas. Em operações deste tipo, as tropas aerotransportadas podem cair de volta em veículos ligeiros. Assim, a unidade tem o estatuto de uma unidade especial.

SERVIÇOS SECRETOS RUSSOS

O KGB, ainda conhecido da época soviética, é provavelmente o mais conhecido de todos os serviços secretos russos e foi responsável por um grande número de operações encobertas na época do Bloco de Leste. O serviço secreto de hoje para os assuntos internos da Rússia é o FSB, abreviatura de Federalnaya Slushba Besopasnosti. Isto significa aproximadamente "Serviço Federal para a Segurança". Para além de proteger a constituição, as principais tarefas do FSB são o contra-terrorismo, a contra-espionagem e o combate ao crime organizado. Para este fim, o FSB tem à sua disposição a base de dados de retenção de dados SORM. FAPSI é o acrónimo de Federalnoje Agentstwo Prawitelstwennoi Swjasi i Informazii, a "Agência Federal de Telecomunicações e Informação". As suas tarefas incluem espionagem e contra-espionagem nos campos das telecomunicações e da electrónica. A FSO (Federalnaja Sluschba Ochrany) traduz-se como "Serviço Federal de Guarda" e é responsável pela protecção das fronteiras externas da Rússia, bem como pela protecção pessoal dos funcionários do governo. Da maior importância é o GRU (Glawnoje Raswedywatelnoje Uprawlenije), em alemão, a "Main Intelligence Administration". O GRU está directamente subordinado ao Ministério da Defesa e é responsável pela espionagem militar estrangeira e, portanto, pela recolha de informações militares estratégicas, políticas e de armamento. É considerado o "serviço de inteligência mais secreto" na Rússia e é considerado responsável por assassinatos como o do activista Alexei Nawalny. A área de responsabilidade do SWR (Sluschba vneschnei raswedki, "Serviço de Reconhecimento") inclui a espionagem externa civil, especialmente na área da espionagem industrial.

Os serviços secretos têm sido sempre um pilar do sistema russo. Com a ascensão ao poder do Presidente Vladimir Putin, a sua influência aumentou mesmo. Putin deve a sua carreira não menos importante ao seu trabalho nos serviços secretos. Isto não tem sido sem consequências: desde que Putin chegou ao poder, postos-chave no governo têm sido preenchidos predominantemente por antigos agentes dos serviços secretos.

O colapso da União Soviética em 1991 significou apenas, aparentemente, uma democratização do país. A perestroika de Gorbachev apenas tocou o culto da personalidade em torno de Estaline, mas de forma alguma todo o

sistema KGB. Mesmo sob Ieltsin não houve desmantelamento do sistema de órgãos repressivos. Era considerado um democrata, mas também precisava dos serviços secretos para manter o seu poder.

De acordo com um inquérito, quase 50% dos inquiridos gostariam que os seus filhos também tivessem carreiras no FSB. Assim, a maioria das pessoas na Rússia aceita que o FSB é um pilar do regime de Putin e reconhece que é uma oportunidade para o progresso social na Rússia.

CONCLUSÃO

No início deste livro fizemos a nós próprios uma pergunta. Rússia, o que é realmente? Será que agora sabemos um pouco melhor? Continua complicado, mas a pergunta por detrás é: a Rússia sabe realmente a resposta a esta pergunta em si? Mesmo esta segunda pergunta é difícil de responder, mas para resumir uma longa história: Provavelmente não. Mesmo quando se olha para a história, o país queria ser muitas coisas. Império, império czarista, estado soviético, democracia, ditadura. O motor da mudança foi sempre a vontade de subir. No entanto, esta vontade veio sempre demasiado tarde. Enquanto a Rússia do século XIX ficou atrás de Estados como a Inglaterra na industrialização, o mesmo está a acontecer agora com os EUA em termos de equipamento militar. Assim, permanece a sensação de que não importa que forma de governo e sob que governante, a Rússia foi sempre um passo demasiado tarde. A imagem de uma roda de hamster que tem vindo a girar há mais de 1000 anos é certamente adequada.

Mas e hoje? Será a Rússia a superpotência que tão urgentemente quer ser? Ainda não, pelo menos assim parece. Embora a economia tenha experimentado um enorme boom nos últimos 15 a 20 anos, a falta de diversificação da economia é um problema central. Enquanto a exportação de petróleo e gás fornece dinheiro para o tesouro russo, estas receitas são tudo menos à prova de crise. Esta interpretação unilateral da economia está aberta a ataques. O fundo estatal russo para amortecer a flutuação dos preços do petróleo é útil, mas certamente não é uma panaceia. A especialização na exportação de mercadorias está a crescer - apesar de todas as preocupações. Isto torna a economia russa vulnerável a crises económicas uma e outra vez.

Outro obstáculo é a injustiça social. Os ricos continuam ricos, os pobres tornam-se mais pobres. No entanto, este roubo da população é apoiado pela própria população. Isto é demonstrado pela ampla aceitação da corrupção e pela falta de tribunais justos. Assim, o poder económico (gerado unilateralmente) volta a infiltrar-se inutilmente no seu próprio país e traz vantagens reais a apenas alguns.

No espectro político, uma comparação com a China vale a pena. O sistema monopartidário que aí governa está firmemente estabelecido. E não é realmente negado publicamente que apenas o Partido Comunista é o único verdadeiro poder no país. Na Rússia, a situação é algo diferente: finge-se que existe realmente uma paisagem partidária pluralista. O facto de os partidos supostamente liberais serem na realidade de extrema-direita não importa. O principal é que o rótulo está certo. E o objectivo: porque cada partido - seja de que forma for - tem de servir o Kremlin em primeiro lugar e acima de tudo. Assim, não existe uma verdadeira democracia na Rússia.

Temos notado que o pensamento "preto/branco" é muito comum na Rússia. E também que os poderosos do país são muito perdoados. Assim, surge a questão: será um país defeituoso, embora os habitantes obviamente não o vejam dessa forma? A lealdade a Vladimir Putin é inquebrável, mesmo que haja ocasionais baixas de humor. Independentemente de Putin se apresentar como um negociador duro com a União Europeia ou como um fã apaixonado do hóquei no gelo: a simpatia é certa para ele.

De acordo com o pensamento "preto/branco", nem tudo é mau na Rússia. Para a Rússia é o que se poderia chamar uma superpotência defeituosa. Na esfera militar, pode mais uma vez acompanhar o ritmo do resto do mundo. Isso é extremamente importante para a auto-imagem da Rússia. O aumento da produção interna - e aqui não nos referimos apenas ao petróleo e ao gás - está também a aumentar e a assegurar uma maior auto-suficiência das importações. Estes desenvolvimentos são como um bálsamo sobre a alma da Rússia.

Outro ponto importante é o das relações bilaterais. Estabelecemos que só poderá haver uma Europa unida e pacífica se a Rússia cooperar nisto. Como mediador em conflitos, a Rússia irá entrar cada vez mais no centro das atenções. Especialmente sob o reinado do antigo Presidente dos EUA Donald Trump, o Kremlin apareceu como um mediador bastante brando. Pois os sabres eram agitados bastante do outro lado do Atlântico, e frequente e alegremente. A Rússia sente-se confortável neste papel, porque gera influência, mas também simpatia. Da mesma forma, o próprio país sabe muito bem que o seu lugar é na Europa. Isto é comprovado pela sua história e pela multiplicidade de cooperações que têm lugar fora das manchetes frequentemente negativas.

Para voltar à pergunta inicial: A Rússia é ou não uma superpotência? Coloquemos as coisas desta forma: Se a economia for colocada numa base mais ampla e a corrupção for efectivamente combatida, as hipóteses parecem boas de a Rússia ser finalmente capaz de gerar mais prosperidade para os seus cidadãos e encontrar o seu lugar estável na comunidade internacional.

GOSTOU DO MEU LIVRO?

Leram o meu livro e adquiriram agora uma visão profunda da cultura russa. E é exactamente por isso que lhe estou agora a pedir um pequeno favor. As críticas são uma parte importante de cada produto oferecido na Amazon. É uma das primeiras coisas que os clientes olham, e não é raro que as críticas sejam o factor decisivo na compra ou não de um produto mais tarde. Este factor está a tornar-se cada vez mais importante, especialmente com a selecção infinitamente grande da Amazon.

Se gostou do meu livro, ficaria mais do que grato se me deixasse uma crítica. Basta escrever brevemente o que gostou particularmente sobre o livro. Não vai demorar mais do que alguns minutos, prometo!

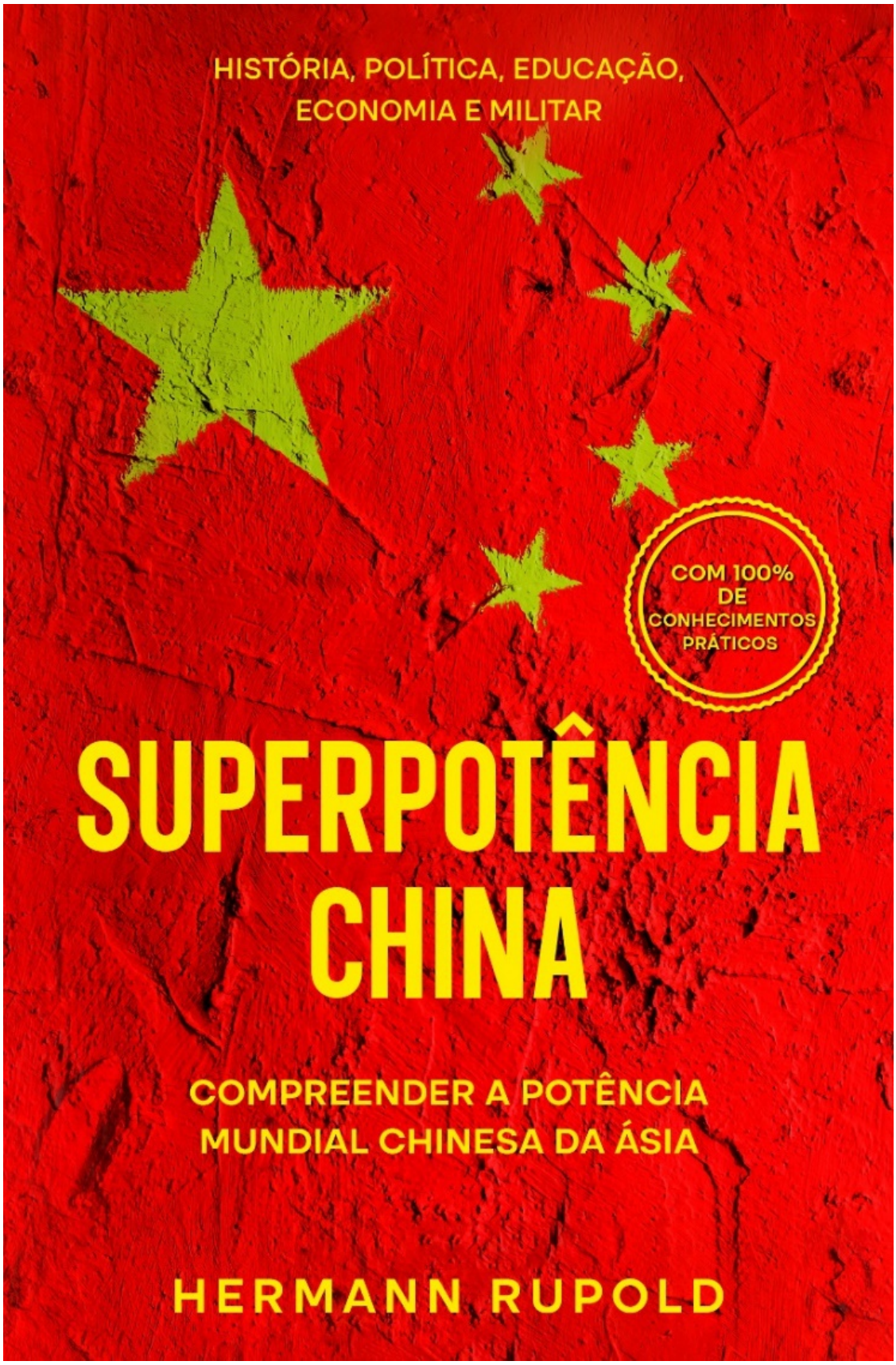
Pode ter a certeza que leio pessoalmente cada crítica, porque me ajuda muito a tornar os meus livros ainda melhores e a adaptá-los exactamente aos seus desejos.

Por conseguinte, digo-vos:

MUITO OBRIGADO!

O seu Hermann Rupold

RECOMENDAÇÃO DE LIVRO PARA YOU


HISTÓRIA, POLÍTICA, EDUCAÇÃO,
ECONOMIA E MILITAR
COM 100%
DE
CONHECIMENTOS
PRÁTICOS
SUPERPOTÊNCIA
CHINA
COMPREENDER A POTÊNCIA
MUNDIAL CHINESA DA ÁSIA
HERMANN RUPOLD

Superpotência China – Compreender a potência mundial chinesa da Ásia

Os desenvolvimentos na China tornaram-se um tema omnipresente nos meios de comunicação e na sociedade nos últimos anos.

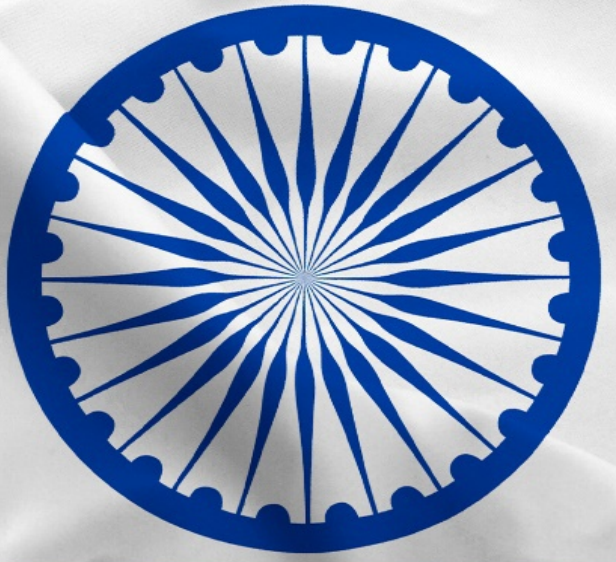
Mas qual é a verdade por detrás dos muitos cenários futuros de uma superpotência que opera nas sombras? O que faz com que o país mais populoso da Terra se torne um tiquetaque? Quais são os seus objectivos e o que pensa a população local? O que caracteriza o desenvolvimento do país e quais são os seus pontos fortes e fracos?

Obtenha a sua própria imagem desta potência mundial emergente, compreendendo os factos e os números por detrás do poder económico em expansão. Para obter uma imagem abrangente do actual campeão mundial de exportação, é necessário um olhar mais profundo sobre a sua história, política, sistema educativo, economia e exército.

Neste livro, terá uma visão geral de todos estes aspectos que constituem a China de hoje. Só olhando para todas estas sub-áreas como um todo é possível compreender o país da China e os seus objectivos.

HISTÓRIA, POLÍTICA, ECONOMIA E MILITARES
DO SUBCONTINENTE INDIANO

SUPERPOTÊNCIA ÍNDIA



COMPREENDER A POTÊNCIA
MUNDIAL INDIANA

COM 100% DE
CONHECIMENTOS
PRÁTICOS

HERMANN RUPOLD

Superpotência Índia – Compreender a potência mundial indiana

Os desenvolvimentos no subcontinente indiano tornaram-se um tema omnipresente nos meios de comunicação e na sociedade nos últimos anos.

Mas qual é a verdade por detrás das muitas notícias sobre a maior democracia do mundo, que está a caminho de se tornar a segunda superpotência asiática depois da China? O que faz com que o segundo país mais populoso do mundo se torne um tiquetaque? Quais são os seus objectivos e o que pensa a população local? Qual é o desenvolvimento histórico do país e quais são os seus pontos fortes e fracos?

Obtenha a sua própria imagem desta potência mundial emergente, compreendendo os factos e os números por detrás do sétimo maior Estado do mundo. Para obter uma imagem abrangente deste país diversificado, é necessário um olhar mais profundo sobre a sua história, política, sistema educativo, economia e exército.

Neste livro, terá uma visão geral de todos estes aspectos que constituem a Índia moderna. Só olhando para todas estas sub-áreas como um todo é possível compreender o país da Índia e os seus objectivos.

HISTÓRIA, POLÍTICA, ECONOMIA E EXÉRCITO
DO PAÍS SUL-AMERICANO

COM 100%
DE
CONHECIMENTOS
PRÁTICOS

SUPERPOWER BRASIL

COMPREENDER A POTÊNCIA MUNDIAL BRASILEIRA

HERMANN RUPOLD

Superpower Brasil – Compreender a potência mundial brasileira

Os desenvolvimentos do país sul-americano tornaram-se um tema omnipresente nos meios de comunicação e na sociedade nos últimos anos, não só graças ao seu ex-presidente Bolsonaro.

Mas qual é a verdade por detrás das muitas notícias sobre o maior país da América do Sul, que está em vias de se tornar uma superpotência? O que faz com que o país, que é um dos mais importantes produtores de alimentos do mundo, se sinta atraído? Quais são os seus objectivos e como pensa a população local? Qual é o desenvolvimento histórico do país e quais são os seus pontos fortes e fracos?

Obtenha a sua própria imagem desta potência regional emergente, compreendendo os factos e os números por detrás da República do Brasil. Para obter um quadro completo deste país diversificado, é necessário um olhar mais profundo sobre a sua história, política, economia e exército.

Neste livro terá uma visão geral de todos estes aspectos que constituem o Brasil moderno. Só olhando para todas estas sub-áreas como um todo é possível compreender o país e os seus objectivos.

REFERÊNCIAS

David Lane: Was für eine Wirtschaft hat Russland? In: Russlandanalysen der Forschungsstelle Osteuropa der Universität Bremen, Nr. 107/2006,

Roland Götz: Russlands Öl und Europa, Friedrich-Ebert-Stiftung

Investitions- und Standortführer Russland. OWC-Verlag für Außenwirtschaft, 2005

Hermann Clement: Die Wirtschaftsstruktur Russlands.In: Bundeszentrale für politische Bildung: Aus Politik und Zeitgeschichte, Heft 16–17/2003

Roland Götz: Russland als Wirtschaftsgroßmacht

Heinrich Kunstmann: Die Slaven. ISBN 3-515-06816-3

Gottfried Schramm: Altrusslands Anfang. Freiburg 2002

Timothy C. Dowling Russia at War: From the Mongol Conquest to Afghanistan, Chechnya, and Beyond pp 728–729 ABC-CLIO, 2 December 201 ISBN 1598849484

Parker, W.H. (1968). An historical geography of Russia. University of London Press. p. 193. ISBN 978-0340069400.

Campbell (28 January 2015). Western Civilization. p. 86. ISBN 9781317452300.

de Madariaga, Isabel (2002). Catherine the Great: A Short History. Yale University Press. ISBN 9780300097221.

Stephen J. Lee (2013). Peter the Great. Routledge. p. 31. ISBN 9781136453250.

Transformation of Russia in the Nineteenth Century, excerpted from Glenn E. Curtis (ed.), Russia: A Country Study, Department of the Army, 1998. ISBN 0-16-061212-8.

https://www.g-geschichte.de/plus/russland-im-ersten-weltkrieg/

Webseite der Botschaft der Russischen Föderation in der Bundesrepublik Deutschland.

Itogi Vserossijskoj perepisi naselenija 2010 goda. Tom 1. Čislennostʹ i razmeščenie naselenija dt: (Ergebnisse der allrussischen Volkszählung 2010. Band 1. Anzahl und Verteilung der Bevölkerung). Tabellen 5, S. 12–209;

https://www.kas.de/de/web/ru-moskau/home

Kievan Rus' and Mongol Periods Archived 27 September 2007 at the Wayback Machine, excerpted from Glenn E. Curtis (ed.), Russia: A Country Study, Department of the Army, 1998. ISBN 0-16-061212-8.

Richard Charques (1974). The Twilight of Imperial Russia. Oxford U.P. p. 232. ISBN 9780195345872.

Margareta Mommsen: „Putins gelenkte Demokratie“, Putins „gelenkte Demokratie“ und die „Vertikale der Macht“ 2009.

Gavin Hambly: Zentralasien (Weltbild Weltgeschichte, Bd. 16), Augsburg 1998, S. 219.

Hans-Joachim Torke: Einführung in die Geschichte Russlands.

Carsten Goehrke: Russland. S. 15.

Heiko Haumann: Geschichte Russlands, Chronos Verlag, Zürich 2003,

Brigitte Beier: Neue Chronik der Weltgeschichte.

CENTRAL ASIA: RUSSIA". CIA.gov. Central Intelligence Agency. Retrieved 30 May 2019.

Russia: Clawing Its Way Back to Life (int'l edition)". BusinessWeek. Retrieved 27 December 2007.

"Business: The Economy Russia: The IMF's biggest failure". BBC. Retrieved 10 May 2015.

Connolly, Richard. The Russian economy: a very short introduction (2020)

Alexeev, Michael, and Shlomo Weber, eds. The Oxford handbook of the Russian economy (Oxford UP, 2013)

Gustafson, Thane. Wheel of Fortune: The Battle for Oil and Power in Russia

Zinchenko, L. A., et al. "Main features of the Russian economy and its development." International Journal of Applied Business and Economic Research

Moser, Nat. Oil and the Economy of Russia: From the Late-Tsarist to the Post-Soviet Period

Miller, Chris. Putinomics: Power and money in resurgent Russia (UNC Press Books, 2018)

Simon, Rick. Labour and Political Transformation in Russia and Ukraine (Routledge, 2019

Gregory, Paul, and Robert Stuart. Russian and Soviet Economic Performance and Structure

Autio-Sarasmo, Sari. "Technological Modernisation in the Soviet Union and Post-Soviet Russia: Practices and Continuities." Europe-Asia Studies 68.1 (2016)

Ruble Gain Versus Dollar 'Inevitable,' Zadornov Says, Bloomberg,

Ofer, Gur. "Soviet Economic Growth: 1928-1985," Journal of Economic Literature (1987) 25#4: 1767-183

Balzer, Marjorie Mandelstam (2015). Religion and Politics in Russia: A Reader.

Fagan, Geraldine (2013). Believing in Russia: Religious Policy After Communism. Routledge.

Asmus, Ronald.A Little War that Shook the World: Georgia, Russia, and the Future of the West. NYU (2010).

Stent, Angela. The Limits of Partnership: U.S.-Russian Relations in the Twenty-First Century (2014)

Blinnikov, Mikhail S. A geography of Russia and its neighbors

Steinberg, Mark D. The Russian Revolution, 1905–1921 (Oxford Histories, 2017).

Pipes, Richard. A concise history of the Russian Revolution (1995) online

Keir Giles, Military Service in Russia: No New Model Army, Conflict Studies Research Centre, May 2007

International Institute for Strategic Studies, The Military Balance, various editions

https://www.handelsblatt.com/unternehmen/management/business-knigge-schmierstoffe-fuer-die-russische-seele/3085764.html?ticket=ST-3168586-V7PlstkirqbdVH5smXKT-ap2

https://de.rbth.com/kultur/geschichte/2017/07/25/die-schlacht-bei-kulikowo-die-russische-nation-wird-geboren_807432

https://www.mdr.de/nachrichten/welt/osteuropa/politik/russlands-geheimdienste-heute-100_box--3436059741949795659_zc-69cdde56.html

https://www.bpb.de/internationales/europa/russland/analysen/324672/analyse-der-aktuelle-zustand-der-russischen-landwirtschaft-produktion-betriebsstruktur-handel-politik-und-neue-herausforderungen

https://www.gtai.de/gtai-de/trade/branchen/branchenbericht/russland/struktur-der-landwirtschaft-580584

IMPRESSÃO

©2023, Hermann Rupold

1ª edição

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida sob qualquer forma ou por qualquer meio. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida, duplicada ou distribuída sob qualquer forma sem a autorização escrita do autor ou da editora. Editora: GbR, Martin Seidel e Corinna Krupp, Bachstraße 37, 53498 Bad Breisig, e-mail: info@expertengruppeverlag.de, foto de capa: www.depositphotos.com. Todo o conteúdo aqui apresentado é apenas para fins de informação neutra. Não constitui qualquer recomendação ou promoção dos métodos descritos ou mencionados. Este livro não faz qualquer reivindicação de exaustividade, nem pode ser garantida a actualidade e exactidão das informações aqui apresentadas. O autor e os editores não aceitam qualquer responsabilidade por qualquer inconveniente ou dano resultante da aplicação das informações aqui apresentadas.